Afonso Ribeiro

ILUSÃO na MORTE

NOVELAS

• edições SOL NASCENTE porto •

Slhi

Leia
SOL NASCENTE
quinzenário cultural
de literatura
e crítica.

600
455
L
31866

ILUSÃO NA MORTE

Slhi

TIPOGRAFIA CIVILIZAÇÃO
Trav. de Cedofeita, 54 e 56
Pôrto

DEP. LEG.

AFONSO RIBEIRO

Lo 31866

ILUSÃO NA MORTE

R. 135645

(NOVELAS)

Edições SOL NASCENTE—Pôrto
1938

SIhi

À minha companheira.

SIhi

ILUSÃO NA MORTE

Marcos Paulo tinha vinte anos, quarenta contos de renda e um sonho a realizar — qual fôsse o de sentir o coração a arder num amor perene e casto. E tal empenho, sendo pássaro a cantar-lhe no peito, acompanhava-o havia muito. Afinal desde a evangélica manhã de S. João, tôda cheirosa de verbena e alecrim, em que êle, ao voltar num magoado enlêvo a derradeira fôlha do *Paulo e Virginia*, se ficou a reconsiderar na beleza sem nome de sofrer penas iguais.

Êste esbôço de felicidade, hesitante e vago ao surgir-lhe assim de improviso, bem cedo o ampliou, demarcando-o, para mais, com rara afoiteza e segurança. E, porque no dar asas à imaginação tirava gôzo demorado e forte, via-se já ao lado *dela*, sob a alta tília, num banco que ergueria mesmo rente ao tronco. Serenas na paz das coisas em roda, suas bô-

cas falariam pouco; mas, entrelaçados, seus dedos diriam tudo do sentimento que os enternecia. Lá no alto, mosqueada a fogo, a pele do infinito lembraria abóbada de imensa catedral com mil e mil luzinhas brilhando, tremeluzindo. Imaginava-se também, sempre com *ela*, debruçados ambos da janela aberta sôbre o mar, assistindo à comoção dos poentes a reverberarem oiros — oiro e sangue — e que deixam pelas alturas afogueadas fantasmagorias de incêndios; e, a visionar a moradia dos deuses nos horrores de formidável hemoptise, lenta, lentamente afagava-lhe os cabelos, que seriam fulvos. No quintal criariam rosas, rosas brancas, que de mãos dadas iriam regar pela alva dos dias primaveris, com a água fresca da mina.

Isto, o que Marcos Paulo apetecia. Entanto, como o ensejo de dar-se inteirinho, tardasse, pacientemente ia aguardando. Aguardando sem descrer. Porque êle, que por três vezes julgara enfim chegada a hora formosa entre tôdas as horas formosas, teve de refugiar-se na fé robusta que o vinha

Slhi

guiando, para não rolar ao despinhadeiro da dúvida.

A primeira, floriam as árvores nos pomares e o céu tomava maciezas de veludo, ficou alvoroçado como manhã que desperta. Estatuado à esquina semanas sôbre semanas mudamente implorou aos doces olhos azuis ardessem na luz de seus olhos deslumbrados. Depois, uma tarde, penejavam as sombras as primeiras indecisões pelos arruamentos, sentiu dolorosa surprêsa garrotear-lhe a adoração extática. A Deusa, a Única — era coixa, afrontosamente coixa...

... Apendoavam os trigais já sazonados — oiro fôsco com ondulações de mar e beijos rubros de papoilas alteando-se — quando a segunda mulher lhe fêz deter os passos no transporte místico dos crentes ao erguer da hóstia. Durante um mês, dois meses, provou de todos os meles da ventura. As cartas dela, rescendendo perfumes caros e submissões cegas de escrava, beijava-as em êxtase. De noite via-a em sonhos. Mas apolíneo, mais loiro que um Cristo a caminhar nas terras loiras de Esdre-

Slhi

lon, outro surgiu. E, no abandôno dos objectos inúteis, pensativo em sua alma triste, ficou só...

...Tempos andados, num suave outono, por dia em que o céu lembrava o manto da Virgem, sem mácula ou refêgo, magnìficamente estendido — outra vez quedou maravilhado. Logo, porém, emmarelece, emmarelece as verduras pelas encostas se acobrearam. Uma agora, a seguir outra e mais outra e outra as fôlhas se despegaram, esvoaçaram... caíram. E quando os ramos, como dedos esguios apontando, ficaram nus, concluía Marcos Paulo que a impressão fugaz nada tinha com a ignota emoção, divina e imortal por sua própria essência.

Destas aventuras não guardava, naturalmente, cibo de saüdade. Ao contrário, algo de incognoscível que lhe doía se ficara a arrastar em si. Entretanto era certeza sua que apenas a fantasia o instigara. A alma, essa, — acaso o não podia jurar? — continuava a dormir o seu grande e calmo sono. Não obstante, sendo mais anseio de beleza que pro-

Slhi

pensão espiritual o que o levou para elas, a linguagem da carne em nada influíra nisso. Nelas buscava alguma coisa de mais transcendente. De mais alto e subtil. Para Lucinda, sim, fôra atraído pela música das formas que, à fôrça de voluptuosas, chegavam a ser molestas. Mas precisamente porque só a eufonia do seu corpo o fêz ir até ela, deixando-lhe o coração mudo mesmo nos momentos em que o desejo a reclamava em ímpetos de lôbo com cio, tinha tal inclinação como episódio sem valor. Tanto mais que dêle não recolhera nunca o mínimo perfume.

Atolara-se por então num materialismo que reputava imundo. Realmente fôra um mês genésico. Furioso. Ao entardecer ela subia o carreiro estreito e íngreme. Como não, chegava sempre afogueada. Os olhos — eram profundos e negros como dois poços atulhados de treva — luziam-lhe mais do esfôrço da ascenção; e o busto, torneado e amplo, alteava-se-lhe, deprimia-se-lhe numa cadência acelerada cheia de sensualidade. Nesses instantes cerrava os lábios apreendendo o ar só com

as narinas; daí as cartilagens unidas lhe vibrarem e a respiração lhe saír silvada como nas horas carnais em que parecia haurir-lhe a vida, insuflando-lhe a sua. Era então que Marcos gostava de a empolgar em amplexos bárbaros, até os ossos rangerem. Lucinda, que sabia isto, e da violência no amor sorvia o sumo deleite, apressava-se — mormente quando o rectângulo da janela lhe ia lembrar que a cama, já aberta, a aguardava numa meia obscuridade silenciosa.

A primeira vez que entrou no *Monte* foi de uma timidez ridícula. Embrulhada no fôfo casaco de peles, muito friorenta, encolheu-se ao canto do sofá a olhar os pèzitos de boneca. A olhar o que de-certo não via e êle ansiava por aquecer na febre de suas mãos. Mas depois, logo que entrava, corria para êle; e, como a sua cabeça não ia além dos ombros de Marcos, erguia-se nas pontas dos sapatos, estendendo o pescoço moreno a oferecer os seus lábios. Quando, pelo trilho flexuoso, se dirigia de-novo à cidade, invariàvelmente se voltava junto do bosquezinho de euca-

Slhi

liptos para lhe enviar, através da luz tranqüila e fina, um beijo que primeiro depunha na ponta dos dedos. De-cima, na soleira da porta, êle acenava-lhe um adeus fatigado. Compreendera cedo que a não amava por ela mesma, mas ùnicamente pelo prazer espêsso, todo animal, que lhe dava. Um mês volvido o belo corpo, donde ascendiam tôdas as volúpias, das mais grosseiras às mais difíceis, deixava o seu indiferente, na impassível serenidade dos mármores frios.

Uma tarde, à boquinha da noite, ela foi dizer-lhe o adeus da despedida. Partia para Inglaterra, com o pai, em viagem de recreio. Naturalmente, quási alegremente, como se fôsse uma estranha, Marcos viu-a ir.

...E nunca mais se haviam encontrado.

*

* *

Marcos Paulo conheceu Rute numa *soirée*. Dançaram, conversaram — e, já em casa, ao desfazer frente ao espelho o laço branco, assentou que a beleza dela era tocante de-ve-

Slhi

ras. Depois, emquanto esperava o sono, mentalmente lhe foi evocando o acetinado da pele, a cinta flexível e fina, o perfil doce, um tanto pensativo, a bôca talhada a preceito... Tal qual o que sonhara.

Menos os cabelos, que êsses, de negros e luzídios, lembravam asas de melro batidas de sol. Os olhos, contudo, eram azuis, talvez um pouco aguados.

Ao outro dia, pela meia tarde, enviou-lhe orquídeas. Ela agradeceu num cartão perfumado, onde se destacava uma letra bicuda e alta, não muito segura. E, menos de ano corrido, traçavam num mapa de côres vivas o roteiro da viagem de núpcias.

Era um roteiro longo mas tranqüilo. O lápis com que os dedos dela, tão brancos e tão suaves, foram riscando no papel os caminhos a trilhar, de propósito e em enormes curvas se furtou ao convívio das imensas babilónias. Preferiu sempre os horizontes desafogados, os grandes silêncios das campinas verdes, a calma doçura dos lagos. O contacto das multidões enfebrecidas, a ondearem, a vozea-

Slhj

rem, anónimas e materiais, pareceu-lhe repugnante para quem, como êles, eram portadores da mais pura essência do ideal. Por isso com afoiteza lhes fugiu, como o coração dêle estava a pedir que fugisse.

Uma vez ou outra ficava-se suspensa. Comprimia então o lábio inferior entre o index e o polegar, a epiderme da fronte ao de leve franzida em múltiplas pequeninas rugas, numa postura adorável de recolhimento.

— Saida. Depois... Dize tu, Marcos, dize...

Sobretudo a Terra Santa tentou-a. Confessava:

— Quero compreender a Paixão de Jesus; mas compreendê-la por forma tal que tenha a sensação de que a vivo. Ora só nos lugares santos onde Cristo penou o seu martírio a minha alma a poderá atingir. E trilharemos todos os trilhos que o bom Nazareno correu, sim?

Enternecido com aquele desejo, Marcos formulou considerações. Escutasse. Aquilo eram terras inhóspitas, sem o frescor de uma

Slhi

sombra, sob um céu de chumbo. Mais cómodo era descerem em Jope e de lá entestarem direitos a Jerusalém. Subiriam ao Calvário onde a fereza dos homens crucificara o Filho de Deus, entravam no horto que fôra de José de Antiméa, o nobre, rico e justo José de Antiméa, oravam no túmulo do Redentor — e despediam logo sôbre Jafa, onde reembarcariam aproados a climas mais benignos.

Ela abanara a cabeça. Não, não! Êle já havia corrido a Galiléa, conhecia-a a palmos, melhor que as suas mãos. Fizesse-lhe pois a vontade, levasse-a. E não lhe dissesse que era desolada e ardente como deserto a terra de Israel. Não tinha acaso frescos vergeis, floridos prados, densos bosques? E os seus vinhedos, os seus olivais, os seus vales ensombrados de palmares, de aloendros, de sicómoros e tamarindos?

Marcos Paulo resistia. Resistia para que a ilusão duma vitória ganha à custa de mil esforços, lhe soubesse melhor, a ela. E Rute, que realmente estava longe de penetrar esta duplicidade que o amor ensinara ao noivo,

batalhou com ardor e com fé. Porventura não lhe confessara muitas vezes parecerem as amendoeiras da pátria de Jesus, pela primavera, meninas em dia de comunhão? Ela sabia de resto que mimosas derramavam pelo seu ar cheiros bons; que as açucenas riam nos seus jardins e em seus campos crescia, se ceifava o bálsamo benéfico. E das suas fontes — era capaz de negar? — não manava abundante e fresca a água pura? E na face lisa de seus lagos não se mirava um céu macio com pombas brancas a ruflarem remígios felizes? Não fôsse mau, não a quisesse iludir. Se a vontade dêle era ir ver outros horizontes, ela iria da mesma forma alegre porque ia na sua companhia. Mas enganá-la era feio. Era muito feio. E em seus olhos, como nos olhos de menina a quem negam um brinquedo, brilharam lágrimas. Era feio! Era feio!

Simulando seus sustos desarmados, foi a conhecedora mão de Marcos guiando a mão de Rute já a tremer das futuras emoções. Poriam pé em Saida, transporiam o Líbano e o vale de El-Bequir onde o Leontes ora espuma

raivoso ora em sossêgo sestea. Logo, tornejado o lago Meron, passariam as ruínas de Cesaréa de Filipe a escorrerem na lomba do monte Hermon. Em Cafarnaúm ou onde, porventura, existira Cafarnaúm, sob os palmares, olhariam os agros a verdejarem até Betsaïda debruçada na transparência calma das águas de Tibariade. Depois, passando pela cidade dos Levitas, visitariam Nazaré, a cidade-Promissão.

Rute estava alvoroçada e dir-se-ia impaciente de que suas pupilas fizessem o prodígio espantoso de erguerem na carta rasa os contornos e perspectivas da terra que vivia na sua curiosidade e no seu desejo.

— Vai dizendo... Nazaré... Marcos, vai dizendo...

— Subimos ao Tabor, o monte da Transfiguração.

Levantara-se, e de pé no meio da sala onde a luz da lâmpada unida pelo *abatjour* verde esmeralda punha uma circunferência de sol vivo, alongara o braço sábio. Ali, em baixo, mesmo no pedestal da colina, a aldeia de Endor. Um pouco além, Naïm, a cidade devassa

Slhi

que prostituíra Madalena — e a dois curtos passos, de heras cobrindo seus palácios derrocados, Samarina. Para o poente, até o Mediterrâneo, a planície de Esdrelon, direita e lisa e espreguiçada com S. João de Acre a branquejar rente ao azul turquesa das águas.

Ela olhou-o, sorriu. Marcos continuara:

— De Naïm direitos a Sichem, nos arredores da qual fica o pôço de Jacob. Aquele pôço em que o doce Rabi, uma tarde, sentado no rebôrdo da pedra tôsca, a túnica alva descendo-lhe até os pés em fundas pregas, cabelos ardendo oiros nos derradeiros clarões do sol a sumir-se, pediu à samaritana: «Dás-me de beber?» E ela ficou-se a fitar Jesus, a ouvir Jesus, mento a descansar nas mãos, braços a descansarem na bilha, enlevada.

Calaram-se. Por fim, êle seguiu:

— E, portas de Jafa transpostas, estaremos em Jerusalém.

Semicerrando as pálpebras, Rute gemeu:

— Jerusalém! Que saüdade eu sinto já dêsses lugares que nunca vi. Se soubesses!...

Nessa hora conheceu Marcos o suplício

Slhi

singularmente contraditório de lhe fazer sangrar os lábios virgens com mil beijos pagãos, e cair de joelhos, a adorá-la uma eternidade.

Voltavam depois? inquiriu.

Tinha erguido os doces, luminosos olhos até os seus olhos apaixonados. E foi assim — êle a ver no olhar de Rute o mundo novo por que ansiava, ela nem de longe decifrando no seu a impressão que o punha fora de si —; foi assim que Marcos lançou os últimos nomes da futura caminhada pela Palestina. Belém, Jericó, a cidade de Zacheu, as fontes de Siloé e Galgala, o Jordão... Logo, cara sempre ao mar, direitos a Jafa, deixando atrás o Cedron a espumar iras, a aldeiazinha de Rama suja a meio de encosta, Lida agachada nas suas sombras — e, à direita, como esqueleto de gigante comido pelo sol, Cesaréa marítima, silente na tristeza de suas rüinas.

*

* *

Afinal... Afinal, talvez porque do berço trazemos os grilhões dum destino, ou ainda

porque no querer somos pouco constantes ou no imaginar ambiciosos — aquela lua de mel tão amoràvelmente e pacientemente demarcada através de ambientes serenos, foi exaustiva de movimentação e mais ruídosa que feira de ano.

Antes de partir Marcos Paulo havia-se deleitado no gôzo inédito de caminhar para a segurança de um fim. Aquele traço vermelho, firme como uma certeza, a correr à tona das águas, a serpear à flor da terra numa larga e tranqüila romagem, encarnava a sua própria felicidade. Segui-lo milímetro a milímetro sem um desvio nem uma hesitação, em cada hora encurtar um palmo e em cada palmo sorver um novo prazer era o seu desejo. Não pensava noutra coisa. Debruçado da janela, emquanto as saüdades como pombos correios insofridos disparavam ar fora para se irem aninhar, no belo júbilo de quem topa o céu, no seio quente de Rute, outros não eram seus cismares. A dormir, do mesmo tema se lhe apoderava o inconsciente. Na própria manhã dos esponsais, ajoelhado já nos degraus do al-

tar, nisso sonhava ainda. Via-se ir pelo mundo, na esteira da linha esclarecida, todo integrado nas coisas simples. E só quando padre Belmiro, risonho e hercúleo, deixou cair do lábio opulento o *conjugo vobis*, êle decapitou as asas à imaginação, para num primeiro beijo, provar o primeiro mel dos beijos de Rute.

Mas o ressaibo acre e alguns fragmentos de obscuras mágoas que na memória trazia, provinham mais do constatar quanto tudo é vão e fátuo, que pròpriamente da melancolia que os desenganos deixam. Não obstante — e sem saber porquê nem donde — sentia algo a desprender-se de si, algo de indistinto mas de imenso. E dir-se-ia que no universo tudo era instável, que o próprio universo ia tremer, perder o equilíbrio, arrastado na fôrça irresistível duma fatalidade. Quem o teria convencido, ao acomodar na mala os trinta e oito volumes de história antiga, muito grossos, muito sérios na revestidura de percalina castanha, que ia deixar virgem de seus olhos tôdas aquelas páginas? História dos povos orientais, desde os indus até os persas;

Slhj

história da antigüidade clássica; história de arte, das religiões, de costumes... Levava tudo. Ao empilhá-los pela sua ordem, lomba sôbre lomba, ternamente memoriava o empenho de Rute:

— Todos êsses povos — dissera-lhe — tiveram uma civilização e têm uma biografia, não é verdade? Marcos. Lá, nas terras que habitaram e nós vamos correr, dir-me-ás tudo dessas vidas pretéritas, do que ambicionaram e do que conseguiram, das suas guerras, dos seus mitos, das suas grandezas e das suas misérias, sim?

Ah, como êle vira então maravilhosa essa viagem a empreender! Nos escombros da Cartago milionária e avarenta invocariam Aníbal, as guerras púnicas, as suas frotas, o seu exército mercenário, o seu Moloch cruel... No Egipto, estirados à sombra benéfica das pirâmides, passariam em revista o esplendor magnífico dos faraós, decifrariam talvez hieróglifos em alguma pedra misteriosa, tendo dum lado o azul, fecundo Nilo a espelhar palmares, a dar seiva aos papiros, e do outro o

Slhi

interminável, faïscante e doirado deserto. Por cima, lá muito alto, um céu ferrete, igual e profundo, os cobriria. E êles amariam a vida, amar-se-iam, ouvindo nas margens do rio santo os felás cantarem vendo o seu trigo fértil crescer.

Na Itália, na Grécia...

E para que a visão luminosa recuasse no tempo e no espaço até se diluir, até se apagar, bastara o prosaísmo dum enjôo! Não, êle não queria ver assim, subjugado pela matéria, tudo que é espiritual e divino. Não queria ver a idealidade na beleza sujeita às mesmas leis tirânicas que regem os outros corpos. Porque, se tudo era substância, só substância, que valia um atributo de beleza ou de fealdade? Melhor, então, não haver perfeito nem disforme, bom nem mau. Igualdade absoluta, no todo e na parte. E as preferências findariam. Mas assim... Deus, que dorido, impressionante abalo ir com a mulher estremada entre tôdas as mulheres — e de-repente vê-la perder a côr, lábios sem sangue, cordoveias entumecidas, a bolsar no

Slhi

estertor do vómito os alimentos meio digeridos! E êle já beijara aquela bôca! Beijara e tornaria a beijar, a beijar, a beijar... Tão viçosa, tão alegre ao pôr os pèzitos no convés lavadinho do navio — e êle tão orgulhoso de a saber sua, de a chamar sua — e ainda no esverdinhado do Atlântico se avistava o sulco de escaiola do Tejo já a vida impondo ao pobre corpo seus direitos estúpidos! Que sofrimento o seu, o dessas horas! Se alguém soubesse...

Monstruoso é que a dor, que não era dor e era tortura, tortura que o não magoava mas lhe fazia perder o norte, lhe não vinha de Rute, da sua meiga, linda Rute a padecer lá em baixo, no beliche, branca como uma morta; mas antes de uma outra que conhecera e possuíra, e que uma voz longínqua lhe afirmava para sempre ter perdido.

Sem ânimo para lhe dar, preguntava:

— Sentes-te melhor? Dize, sentes?

Ela sorria um sorriso triste. O seu nariz fino, de uma só linha, a caír ao de leve sôbre a bôca debuxada para suaves idílios, parecia

Slhi

mais adelgaçado, com tons diáfanos de marfim brunido.

Ele insistia, queria saber se a cabeça lhe doía muito, se sentia tonturas. E pegava-lhe nas mãos, quási a chorar. D. Marta, velha e dedicada amiga, mostrando muito os dentes alvos, intervinha, levava-o na frente dos seus dedos:

— Vá, ande, vá fazer companhia ao Leonel, lá para cima, para o tombadilho. E descanse: desta vez não fica viúvo.

Encostado à amurada, olhos correndo ao rés das águas, inùtilmente forcejava por fugir à sensação estranha que dentro, num irascível trabalho de cancro, alastrava. Chupando um charuto que não tinha fim, o doutor surgia do fundo, de ao pé da ponte, muito elegante, muito perfumado, muito superior na sua indiferença desdenhosa.

— A sr.ª D. Rute?

Uma vez, dissera-lhe:

— Aquilo não vale nada; daqui a dois dias passa. O mar tem isto. É bom, é lhano, mas avaro como não conheço. Faz-me lembrar os

Slhi

senhores feudais a exigirem, sem apêlo nem remissão, o imposto das suas terras. O imposto do mar é o vómito.

— Mas é estúpido — contrapôs êle.

O doutor riu. Um riso falho de energia que lhe fêz mal. Que queria?, na vida nada havia que o não fôsse.

Froixo de espírito, Marcos não achara que responder. Ao longe, como se mãos invisíveis houvessem feito arriscada sutura, o azul transparente do céu cerzia-se ao azul profundo do oceano; e o sol, a entrar no ocaso, parecia um círculo de fogo tenteando um equilíbrio difícil sôbre a superfície côncava de um vidro. Depois foi escorregando, manso, de mansinho, talvez saüdoso da manobra tentadora, até se afogar na massa líquida. Porém, como se tôdas as águas fôssem poucas a dominar o incêndio fantástico, línguas ignescentes lhe rasgaram a epiderme, chamejando no alto, direitas e aceradas que nem punhais.

— Veja, além... e com a brasa do charuto o dr. Leonel indicava o horizonte em brasa.

—...Verdadeira ânfora, heim? Esguia, simétrica, delineada sem um desfalecimento, de um jacto. Está a ver?

Marcos olhou. Uns fiapos de vapor semelhando vaso descomunal pendiam do espaço como que pelo mistério de um poder oculto — asas cendradas subindo em curva airosa, corpo esgalgado repleto de um vinho espêsso, a fumegar.

— Estas nuvens, por vezes — voltara o doutor — tomam formas inacreditáveis de graça e sugestão. Sabe o que aquela me trouxe à fantasia? Que era a taça onde se guardam e donde se bebem todos os desenganos, oferecida pelo deus das águas ou dos infinitos, nem sei bem.

Fitou-o com insistência.

— Já teve desilusões?

Porque a voz lhe baixara ao tom das confidências, picada de muita curiosidade e algum interêsse, Marcos hesitou primeiro, comoveu-se depois, acabando por afirmar que não. Que não! Mas afirmando, còrara.

O outro esclareceu. Fizera a pregunta por

Slhj

fazer. Sem quaisquer intuitos. Sim, era verdade, via-o o seu tanto ou quanto inclinado a devaneios estéreis, que fanados só deixavam ressaibos a fel. Essa impressão, de resto, não era daquele dia. Vinha já da noite em que se haviam encontrado em casa dos Sobrais. Recordava-se? A Marta, que como sabia era unha e carne com D. Berta, confirmara mais tarde essa observação. Isso, porém, nada tinha com a pregunta.

Marcos protestou. Juízo falso. Êle era, acreditasse, tudo quanto havia de mais positivo. Perder o tempo em devaneios, êle, Marcos Paulo! Só por brincadeira. Só por troça.

O doutor acendeu um fósforo. Pois folgava ter errado. Folgava muito, mesmo.

Nesse momento, à espalda dêles, passou uma mulher. Sobraçava um livro e era nova, maravilhosamente carnada. Os cabelos, do negro da tinta nanquim, ondulados e vastos; a pele a fugir para o âmbar das boquilhas; afoita no desenho largo, parecendo sangrar, a bôca; pestanas coando imitações de sombra sôbre os malares levemente proeminen-

Slhi

tes. Mas a maior surprêsa aliada ao maior encanto vinha-lhe dos olhos. Uns olhos rasgados, de íris indefinível a duvidar entre o verde e o azul, o azul e o lilás, o lilás e o cinza. E húmidos, tão húmidos que lícito era admitir andarem sempre molhados, brilhantes de lágrimas.

O doutor não se conteve.

— Caramba, magnífica fêmea!

Sùbitamente salteado pela recordação de Lucinda, Marcos mal atentou naquele entusiasmo. Êle, no entanto, teimava:

— Veja, homem! Que luxúria no ritmo das ancas!... E veste com distinção. Observou? O verde vai-lhe às mil maravilhas. Apetece até ser herbívoro. Palavra de honra se não apetece.

Parecia outro, o dr. Leonel. Foi como se uma alma nova que trouxesse pelos mais escusos do ser, a dormir, despertasse, galvanizando-o. Não mais aquela indiferença, aquele desdem. Estava nervoso. Vibrava.

Coberta fora, anda-anda, ela lá ia — Ceres trajando a fresca, tenra verdura de um prado.

Slhi

— Com licença, eu volto já — e foi-lhe no encalço.

O conhecimento de Marcos com o dr. Leonel — médico sem doentes nem taboleta à porta — datava de há meses. Mas nunca a ligá-los houvera a intimidade de uma confidência. Julgara-o sempre enamorado da esposa, para quem tinha atenções, desvelos. Por isso, ao ser testemunha involuntária daquele começo de infidelidade, sentira uma grande pena pela pobre D. Marta, tão boa, tão linda nas linhas irregulares do seu rosto branco. E o marido... Mas que monstro de hipocrisia, que ser abjecto e mau.

Ao jantar o dr. estava o mesmo homem céptico e superior que Marcos até ali conhecera. Disse-lhe com tôda a naturalidade, referindo-se à mulher do convés, que «já tinha macho». Marcos ouviu-o espantado, sentindo desejos de o esbofetear. Ainda à mesa, o dr. sacou da charuteira de prata lavrada e monograma de oiro em um dos ângulos. Havano puro, fumasse. Ele declinou o oferecimento. Não fumava. O companheiro arregalou os

Slhi

olhos. Era lá possível! Numa época em que as mesmas mulheres afrontavam a crítica dos puritanos de cigarro entaliscado nos dentes! Só um ser antediluviano, um ser fóssil! Como diabo conseguira vencer o tempo, atravessar os séculos, enganar a morte? Ou teria o segrêdo da panaceia? Logo, num salto brusco de *clown*, quis saber se ainda iam à Terra Santa. Perante a afirmativa, reprovou abertamente. Faziam mal. O estômago de D. Rute, estava comprovado, era em demasia sensível ao balanço do barco. E que não fôsse. Que esquisita ideia preterirem Paris, Berlim, Londres, Viena, sabia lá!, em favor de aldeolas ignóbeis, sem higiene nem asseio, acocoradas no seu silêncio e na sua imundície.

Queria parecer a Marcos que o projecto da sua viagem não era de maneira nenhuma um acto que deixasse, aos que o realizassem, o remorso de uma vergonha. Ele, não obstante, frente à motejadora desaprovação do dr., acumulou razões sôbre razões num fervor tão intenso de se justificar, que a seus próprios olhos ficou desgostoso e como que rebaixado.

E quando, seguro enfim de o fazer comungar das suas ideias lhe atirou com o argumento supremo, o de conhecer a psicologia dos grandes homens idos nos próprios lugares onde viveram, ficou desagradàvelmente impressionado, ouvindo-o. Julgava então — dissera-lhe — que bastava ler o *Hamlet* sôbre o túmulo de Shakespeare para penetrar seu cérebro trágico? Ou que para compreender a loucura sanguinária de Nero era suficiente subir à colina donde o bárbaro imperador vira arder a bela Roma fazendo maus versos? Ingenuïdade admirável! Ele já se havia sentado, em Seide, numa cadeira que fôra de Camilo. Uma cadeira de braços onde, por certo, o ironista sublime se agitara muita vez em febre criadora. Pois, acreditasse, não conhecera maior emoção que se estivesse no seu quarto, de chinelas, enterrado na ampla fofez de um *maple*. Queria dizer, pressentira um bicho da madeira numa das pernas do traste, roendo, e uma espécie de carocha marinhando-lhe peito arriba. E fôra tudo.

Passeavam a todo o comprimento do convés. Plano e manso o mar perdia a côr em-

Slhi

brulhado na opacidade do negrume. Ao longo da amura, conversando, outros passageiros iam e vinham, também.

— Em suma, para mim — continuou o dr. — é como lhe digo, julgo que faz mal. Porque, pense o que quiser, nada vale o asfalto liso e espelhento de uma grande urbe. Paris então! Conhece Paris?

Não conhecia. Estivera lá, sim, mas havia muito tempo. Tinha nove anos. Levara-o o pai. Já se não lembrava de coisa nenhuma. O dr. atirou logo para a frente os lugares-comuns. Montmartre, o *Moulin Rouge*, os *boulevards*, a Sorbonne, o bosque de Bolonha, o Arco do Triunfo, os Campos Elísios, a praça da Concórdia... E existia luz, movimento, alegria, comodidades, mulheres. E que mulheres! Sem a suavidade pensativa das italianas, a veemência cálida das andaluzas, a sensualidade fria das inglesas ou a vibração luxuriosa das brasileiras, verdade era. Contudo... Compreendesse, o encanto irresistível — irresistível, notasse bem! — vinha-lhes do seu à-vontade, do seu temperamento frívolo, mas sequioso

Slhi

sempre da suma beleza. Depois, um virtuosismo no amor que estonteava. Êle, quando lá ia, no regresso vinha literalmente arrasado.

Em face da confissão aberta, um tanto cínica, Marcos ficou pasmo. Num segundo lembrou-se das tragédias de ciúmes relatadas pelos diários em grandes títulos. Lembrou-se da legião dos mal-casados atraiçoando-se às escondidas. Lembrou-se... e não conseguiu refrear o impulso indiscreto:

— Mas o dr. Leonel não casou por amor?

Êle riu, respondendo à interrogação com interrogação. Que significava para Marcos casar por amor?

Que significava... Ora, o que significava! Sentia-se vazio de pensamentos como se o cérebro lhe houvesse fugido.

— Diga lá.

A lua já tinha surgido arrancando da superfície das águas palhetas fosforescentes. Casar por amor... Enfim, seria ir atrás da voz do coração, dos impulsos da alma, excluído todo o cálculo. Não conseguira formular mais que estas coisas vélhas de tanta coisa original

Slhj

que tinha para dizer. E sentiu-se turbado, descontente consigo próprio.

Tomando uma seriedade cómica, falou o dr. por largo espaço. Confessava desconhecer essa voz; e nessa coisa, a alma, não cria. Donde a necessidade de concluir ter sido o seu casamento um negócio no qual a matemática firmara o pé e o interêsse desfraldara a bandeira. Entretanto, no fundo, que era um casamento senão uma venda sem prazo que se sancionava no registo civil com uma assinatura e o padre ratificava com duas palavras latinas, na igreja? Mas, sério, êle era ainda dos que admitiam o amor-uno, o amor-chama a brilhar, a acompanhar um ser a vida inteira?

Marcos encarou-o de rosto. Referia-se a um sentimento bastante puro que seguindo-o hoje e amanhã, amanhã e sempre, jàmais lhe consentisse erguer ôlho cubiçoso a mulher além da sua? Era a êsse amor que se referia? Pois bem, sim, êle o defendia com tôdas as veras da alma.

— É o que se pode chamar o último aben-

Slhj

cerragem de uma ilusão morta. Não o felicito por isso.

— Ilusão! E sou eu o iludido?

O dr. esclareceu:

— E eu e os mais. Somos todos. No fim de contas somos todos.

Ao companheiro aquilo pareceu confuso. Afinal dissesse-lhe. Em que certeza se escorava, qual a fé a guiá-lo? O outro encolheu os ombros, abriu as mãos no gesto de quem vai sem nada.

Uma enorme piedade desceu sôbre Marcos. Aquele homem não cria. Andava na vida como uma fôlha numa corrente. Andava na vida sem saber porquê. Sem saber para quê. Sofreria muito? E os seus desejos, quais seriam? Desejar! Quê, se para o seu cepticismo apenas a mentira era real? Entretanto se para lá da ilusão só o lôgro existia, para que vivia o dr., para que vivia êle, para que viviam todos? para que viviam? Estava quente e Marcos sentiu frio. O dr. olhou-o e disse-lhe:

— As esperanças que tão ternamente guarda hão-de abandoná-lo como um amigo

Slhi

que nos sente pobre. É a ordem natural das coisas. É sempre assim.

Depois de curta pausa:

— Acredite-me, não fie muito da sua paixão. À posse sucede invariàvelmente a saciedade e a saciedade é a indiferença, que é como quem diz, a morte do sentimento.

Que não. Para todos que não.

— Para todos — afirmou o dr. — O amor, de resto, não passa disto: dois desejos que se procuram em dois corpos que se desejam. Nós é que, não sei por que balda ancestral, pretendemos sempre enroupar o humano com falsas belezas morais. E forcejamos por vermo-nos fora da alçada da Natureza, nossa mãi e nossa mestra, quando contas bem deitadas a nossa condição nos há-de irresistìvelmente fazer viver, pensar e actuar no seio dela.

Encostada a D. Marta, Rute dirigia-se para êles. Logo o dr. se suspendeu, lhe saíu ao encontro, quis saber se ia melhor.

Não, não ia. Mas no camarote asfixiava e então subira um nadinha a tonificar os pulmões.

Slhj

— Eu, estando no lugar aqui do Marcos — disse êle —, renunciava a levar V. Ex.ª embarcada até os confins do Mediterrâneo. Descia em Cadiz, demorava uns dias em Sevilha...

Rápido, o companheiro de Rute cortou-lhe o discurso. Tinham um projecto e, compreendia, era infinitamente aborrecido ter de abandonar uma ideia assente que sabiam lhes daria alguma satisfação e muito sossêgo.

— Seguir direito a um alvo, seja êle qual fôr, enfastia; mas atingi-lo desilude sempre.

Marcos argumentou. Havia a Grécia, a Itália, Miguel Angelo, que sabia êle!

O dr. acendeu um charuto. Em Madrid, no museu do Prado, tinham as virgens de Murillo, Velasquez Goya, o maravilhoso. Em Paris, no Louvre, a-par-de preciosidades sem conta, os *Escravos* do célebre florentino; na Bélgica, na Holanda, Rembrandt, Van Dick...

Concluiu:

— E têm cidades modernas, limpas, abertas a esquadro.

— Sobretudo desesperadoramente iguais; e

Slhi

tanto que lembram irmãs gémeas fotografadas.

O outro pareceu não o ouvir.

— Roma, Veneza, Atenas... não lhes ficam a desmão, também. Enfim, isso é com o Marcos.

E êles lá foram pelas imensas capitais europeias: os olhos dêle presos ao sortilégio dos olhos de Rute, as mãos dela presas nas suas mãos, perdidos e longínquos no meio do cosmopolitismo febril.

O dr., ao seguir mais a espôsa para Casa Blanca, ainda prometeu reünir-se-lhes em Barcelona. Barcelona, porém, era um vulcão. Os ares estavam ameaçosos e das ramblas centrais, como gritos de morte, ecoavam tiros. Abalaram sem tardança. Entrando em terras da Gália, levavam ainda nos tímpanos o fragor daquela raiva desencadeada.

Rute não se lembrou mais do programa antigo tão amoràvelmente concertado no conchêgo da sua salinha, emquanto a mãi, a paciente D. Josefa, se engolfava tôda nos seus logogrifos misteriosos. Rute não se lembrou

Slhi

mais... E êle, vendo-a assim feliz, não lho recordou também.

*

* *

Nada demonstrava a Marcos que uma árvore tivesse pensamentos ou que na sua seiva cachoassem aspirações, é certo. Queria-lhe parecer, no entanto que a pobre acácia, do quintal, vélha dum século e dum dia, inùtilmente e amarguradamente esperava, desde o alvorecer sereno até o adeus abrasido da primavera, o casal de pintassilgos — certíssimos, palreiros hóspedes seus havia bom ror de anos. Pelo menos à medida que o tempo dobava e as esperanças como fôlhas sêcas a desprenderem-se lhe fugiam, seus olhos julgavam vê-la mais acurvada, mais encolhida na sua tristeza nua; — pois o abril e o maio, na vitoriosa marcha de tintureiros e renovadores abundantes, com maldade lhe sonegaram a quota parte de verduras deixando-a mais esbulhada que viúva ao sair das mãos da justiça.

Slhi

Assim, despida e vaga, muito muda, lembrava um gigante decrépito a olhar a sombra. Os mesmos galhos que em cima, nos corutos, teimavam a esquadrinhar os quatro pontos, se vergaram na certeza amarga de que êles não viriam mais de asa alta, todos banhados na luz fecunda, pedir abrigo aos seus ramos nus. E de noite, quando os ventos a sacudiam, não era já o murmúrio espêsso das folhagens que os ventos levavam, mas antes um estertor incerto, profundo e lento de ser a quem as carnes sangram arados a chicote.

Vendo-a dêste modo abocanhada por todos os cãis raivosos da impaciência, primeiro, a curtir os desesperos do abandôno, depois, Marcos condoeu-se. E uma manhã em que lhe pareceu mais triste, com as gotas de orvalho pingando das franças como grandes lágrimas que rolassem, falou a Rute daquela dôr enrodilhada num tronco, imensa como um mar e mais silente que um túmulo. Ela olhou-o, olhou a árvore quieta na luz matinal e despedindo, gargalhara:

— És o tonto dos tontos, menino. Uma

Slhi

árvore a curtir as duras nostalgias dum abandôno. Que romantismo!

Palavras tais na bôca de Rute pareceram-lhe monstruosas. Pois acaso a angústia, viesse ela dum vegetal ou de um homem, não merecia a piedade dos outros homens? Já alguém tão pouco, sofrera assim, numa mudez escravizante, amargura tamanha? Mesmo, no universo dos seres que podiam e mandavam, a dôr não seria mistificação? Dôr, porquê? As searas ofereciam a abundância de suas espigas gradas, a água corria das fontes, nos espíritos descansava a certeza esplêndida da bondade de Deus, todo Justiça e todo Amor. Então, que agonias podiam ser as dos homens se nenhuma bôca sentia fome e a esperança morava em tôdas as almas?

Por mais duma vez aludiu Rute ao que ela chamava o seu «lirismo transcendental». Marcos calava-se; mas no íntimo sentia o azedume de a ver tão irónica frente àquela tragédia sem remédio. Alma dura, espírito fechado. Quem o diria, vendo-a tão linda? E a ideia de Lucinda rastejava de longe,

Slhi

vinha ter com êle. Como estaria ela, onde estaria?

Cavalos que tomam o freio nos dentes as reminiscências que à amiguinha trazia ligadas ressaltavam ante seus olhos, instantâneas e muito nítidas, em feixe, umas a surdirem ainda outras a abalarem já. E era como se uma vez mais a atasse ao seu destino, como se recomeçasse a viver uma vida já vivida, a indecisão das horas presentes cheia da veemência das horas passadas. Torná-la-ia a ver? Se ela surgisse, de-repente, no seu caminho, que atitude lhe convinha? Harmonizava planos, derivando em projectos vários. Por exemplo: tirar o chapéu num cumprimento e seguir estaria bem ou, ao contrário, ir para ela de mãos estendidas estava melhor? Embrulhava-se nestes cismares na certeza antecipada de que um encontro com Lucinda era assunto arrumado. E quando uma dúvida escarninha lhe lembrou que talvez até no pensamento dela se não arrastasse uma saüdade, fugaz que fôsse, das tardes passadas no Monte, despeito amaríssimo o picou. Despeito que era

Slhi

raiva e era inquietação, travor de ofensa a exigir desforra e chôro de alma, inconsolável. Mas não, não era possível. Podia lá riscar-se da memória, na simplidade com que se apagam caracteres a giz num quadro preto, tantas horas de intenso amor, de carinhosos beijos! Beijos! Quantas vezes a tinha beijado? Quantas...? Mentalmente fazia cálculos, arriscava números. Mil, dez mil, um milhão de vezes? O sangue escorria-lhe por todo o corpo mais cálido que metais fundidos. As fontes latejavam-lhe. Se a encontrasse, quando a encontrasse, qual a atitude melhor?

Mas, já rindo o seu riso inerte, a figura esguia do dr. Leonel vinha sobrepôr-se às suas visões. E, ia jurar, da bôca irreverente caíam zombeteiras palavras de dó e vitória.

— Pois eu não lhe dizia que no universo nada há imutável, desde os sentimentos às nacionalidades, desde o granito cem vezes secular das montanhas à hipocrisia das religiões? No amor, então, meu ingénuo amigo... O amor, sabe?, é tal qual os cabelos: ou caem ou embranquecem.

Slhi

Frente a esta voz, que era longínqua e vinha de si, seu ardor abatia. Uma dúvida começou a trabalhá-lo. Realmente o amor que dedicava a Rute já não seria o que fôra? Oh, não podia ser! Não podia ser! Êle queria-o a flamejar no esplendor da hora primeira, sempre, sempre e sempre. E flamejava, e nada no mundo, nada, seria capaz de diminuir essa chama — uma parte infinitesimal que fôsse. Não obstante, só de pensar numa mulher, que não era a sua, vira a carne mortificada de desejos e ansiedade. E, se então estivesse em suas mãos transformar o presente no passado, a essas horas não beijaria uns lábios que não eram os de Rute? Arquitectava desculpas. Aquilo fôra obra da imaginação. Mais que da imaginação, do inconsciente. Não valia nada. Se, contudo, em vez do inconsciente fôsse obra dos sentidos enfartados? Lutava. E era como se lutasse num mar, longe da terra e dos homens, esbracejando em vão. Custava-lhe admitir um potencial de fidelidade humana tão restrito e, sobretudo, a inconformidade com o conhecido.

Slhi

Não, as leis da Natureza não possuiam uma fôrça inexorável. Mas que possuíssem, êle furtava-se a tal império. Pois que seria a vida para si, abandonado das suas certezas? Uma dúvida a morá-lo, uma chaga aberta em seu peito, um sofrimento contínuo. Sabia, sim, que o tempo apagava tudo: o sulco das lágrimas, a dôr das ofensas, a alegria dos triunfos... Entretanto êle não tolerava ser um cadáver ambulante a mostrar a irrisão duma alma vazia de esperanças. Tudo, tudo menos isso.

Todavia a incerteza voltava. Se o seu amor a Rute era eterno, porque de há muito, até quando junto dela, se olhava, se esquecia em vagos pensares como quem anda à procura de algo que lhe falta e ambiciona, embora em verdade desconheça o que seja? Se pudesse não pensar! Não pensar mais...

*

* *

Um dia, à tarde, Marcos deu de rosto com Lucinda. Ao vê-la, o coração bateu-

-lhe nas paredes do peito alvoroçado. E còrou.

Estava mais morena e um tudo nada mais gorda. Continuava a guardar o segrêdo do seu olhar aliciante e sorriso feiticeiro. Falou pelos cotovelos. Ás tardes vividas no Monte, porém, não aludiu. Nem êle aludiu, tão pouco.

Quando soube do casamento de Marcos alegrou-se muito, felicitou-o — e sem transição, despreocupada, pôs-se a descrever passos da sua estadia em Inglaterra. Teve palavras admirativas para Londres, elogios para os seus parques verdes, desdens para as mulheres, frias e altas, respeitos pela ordem, asseio e compostura dos indígenas.

— Terra de *gentlemen*, Marcos! Imagine que até os mendigos, ao abordarem na rua a nossa bôlsa, se apresentam de chapéu alto, fraque e bengala. E vai, nós então, que do inglês aprendemos no liceu o vulgar *yes*, damos-lhe um cartão de visita, um cartão perfumado.

E, a rir ainda, despediu-se.

Da borda do passeio êle viu-a ir, por en-

Slhi

tre a multidão, nos seus passinhos curtos de alvéloa, vaporosa e mais fresca que manhã de primavera esmaltada de sol. Não sabia bem se seu pensamento a seguira. Que seu desejo a desejara era incontroverso. Pior para êle. Ocasião para a ter nos braços, vibrante e desfalecida, não se proporcionaria. Nem desejava que proporcionasse. Porque se o amor dêle a Rute perdera o seu quanto da espiritualidade antiga — e não sofria dúvida que sim —, esperava ao menos manter êsse sentimento, embora mais dos sentidos que da alma, bem limpo de tôdas as traições. Que Lucinda seguisse pois seu caminho, que não seria êle quem lhe saísse à frente a importuná-la. Certo, no acto vergonhoso era gata a arranhar, chama a consumir-se. Deixá-lo! Se Rute não vibrava daquela sorte, era pelo menos mais sincera em seus afagos, por mais comedidos. Portanto, queimasse Lucinda na voluptuosidade de sua carne quanto coração insatisfeito lhe surgisse. Sobretudo que o bom e grande Deus não permitisse seus passos voltarem a cruzar-se com os dela — que o homem é fraco e a mu-

Slhi

lher, talvez por no seio trazer uma irmã gémea da malfadada cobra do paraíso, era o pélago que o atraía, a casca traiçoeira que o fazia caír. E êle não queria, por nada, por nada, ser um segundo Adão a viver a vergonha da sua derrota.

Assim discorrendo chegou a casa. E, segundos após, aferrolhado no escritório, topou-se a escrever carta longa à sua amiguinha de outrora. Carta de pedinte com fome de amor.

*

* *

Desde então Marcos redobrou de carinhos para com Rute. Ficava-se horas seguidas a pegar-lhe nas mãos, mentalmente pedindo à luz dos seus olhos límpidos apaziguassem a inquietude de seus olhos atormentados. Dir-se-ia contudo que o primitivo encanto que dêles emanava e era teia a enredá-lo, gradualmente se diluía, como luz a apagar-se, de mansinho. Êle, a-pesar-de tudo, lutava por não se esquivar à doce influência doutros tempos. E fazia o impossível. Mas era lutar em vão.

Slhi

Em baixo, ora marinhando colinas breves, ora espreguiçando-se no arremêdo de planície, estendia-se a cidade. Até o Monte chegava, durante o dia, seu resfolegar de milhentos pulmões — marulho de oceano arrastado pela aragem e que o espaço amortecia. Logo que vinha a noite, porém, êsse fragor mal distinto ia-se aplacando, decrescendo, até de todo expirar numa longa síncope de corpo esgotado. Mal anoitecia as luzes rasgavam as trevas e punham no ar, quando as nuvens pareciam escoradas nas tôrres mais altas, a ilusão de chamas roxas; emquanto as coisas em roda, perdidos os lineamentos, se afundavam no negrume assenhoreado de céu e terra.

Debruçado da janela, Marcos olhava... As lâmpadas, lá no fundo, a tremeluzirem, a tremeluzirem marcavam nas suas filas paralelas os arruamentos. Para o alto, também a lucilarem, mas mais vastas, umas semeadas a êsmo, outras geomètricamente dispostas, as estrêlas mostravam, nas noites de céu descoberto, sua existência inacessível. E, se o luar batia de chapa nos oiteiros defronte, as árvo-

Slhi

res que lhes cresciam pelos visos perdendo em detalhes o que ganhavam em nitidez de contornos, lembravam desenhos estampados num macio veludo azul-leitoso.

Marcos olhava... Era no verão. As coisas e os seres dir-se-iam prostrados num imenso colapso. Só os ralos, por aqui, por ali, e a água da mina a caír na água do tanque elevavam na grande serenidade um ruído bem ligeiro. A alta tília, muito direita e muito nua, sem um murmúrio, mais parecia alma penada debruçada sôbre si, a interrogar-se.

Tanta paz, tôda aquela calma descendo dos espaços martirizava-o. Ver os elementos amotinados, assistir à subversão do Universo, ouvir gemidos, súplicas, gritos — êle mesmo gritar, gemer e ir resvalando ao Nada, resvalando sempre... que bom seria. No fim de contas, onde estava a razão de viver? Amar, sentir os afagos do amor, talvez. Mas que fôrça era essa que a não sentia? Andara consigo, sim. Havia muito tempo, porém. Depois fugira, sumira-se. Sumira-se como um fio de água numa terra muito sêca. E podia estar em

Slhi

êrro. Podia não a ter conhecido nunca. Era bem possível que o potencial do seu desejo, levado ao exagêro, lhe tivesse criado aquela ilusão do amor. Que o tivesse enganado. Pois não era vício do homem tomar miragens por realidades?

Numa dessas horas incertas, Rute, sentada a seu lado em ampla cadeira de viagem, atirou-lhe de chofre como quem desfecha bacamarte:

— Em que pensas que de há muito te vejo a modos que esquecido, senão perdido, de ti... e de mim?

Sem coragem para entremostrar, sequer, o campo de batalha que êle era, e também pelo inesperado da pregunta, de seus lábios não caíu sílaba a defender-se.

Ela voltou:

— Anda, responde. Que tens que já não pareces tu?

Erguera os olhos até os seus olhos. Entretanto Marcos não viu nêles desassossêgo: estavam em calmaria, talvez um tudo nada curioso, apenas.

Negou. Não tinha mudado. Era o mesmo de sempre. O mesmo.

Rute, que por minutos pareceu convencida e parece que intimamente jubilosa, segunda vez parou de correr as mãos sôbre os pêlos longos do Monge — novelo ronronante de lã cinzenta a que os bigodes acerados emprestavam um ar de farsa —, e erguendo uma vez mais, também, as pupilas serenas, insistiu:

— Todavia pareces nervoso, indeciso e sempre distante de nós, muito distante...

Logo, alvitrando hipótese que a fêz rir:

— Ou dar-se-à o caso de já me não amares?

Ante a interrogação atirada por desfastio, onde nem sombra de dúvida aflorava, uma pena sem limites desceu sôbre êle. Não, já a não amava. Já a não amava! O seu amor extinguira-se. O seu amor! Mas afinal que significava essa palavra mais vazia que uma caveira e que não obstante enchia o mundo?

Sarcástica e fria, na plangência igual a

Slhi

dobre a finados, a voz do dr. Leonel, como na tarde em que passeavam no convés do navio, voltou a ressoar a seus ouvidos: «O amor não passa disto: dois desejos que se procuram em dois corpos que se desejam».

— Dize, já me não amas?

Baixo, muito a custo, murmurou Marcos:

— Cada vez mais .. Cada vez mais...

...E tomando-a nos braços atravessou a sala, entrou no quarto...

ANGÚSTIA

Slhj

Ao longo de cinco anos fáceis, veio Vítor entrelaçando os liames do seu orgulhoso amor. Ela era alta e era branca, muito franzina. Êle viu-a uma tarde e botou-se logo a adorá-la, doido, doido. Deu-se integralmente. E no largo espaço daqueles anos todos nem uma vez só, fugaz que fôsse, a fidelidade do seu amor houve que pedir contas ao coração transviado em miragens de outros amores.

Por vezes, contudo, uma angústia vaga prendia-lhe o pensamento. Esperto no quarto em trevas remoía horas sôbre horas, então. Porque aquela mudez do seu desejo, sempre másculo, perante a música das formas que era o corpo dela? Tal indiferença não seria injúria feita à mocidade de Maria do Céu?

Nesses instantes de íntimo exame tôda a sua ambição se cifrava em fazer que a carne

Slhi

comungasse do sortilégio do espírito maravilhado. Era lutar debalde, porém.

Destas crises saía maltratado; e durante dias encontrava-se na amarga contingência de invocar as mais subtis razões para de todo aplacar a imaginação ansiosa. Depois, serenava. Afinal, o que tornava magnìficamente estável o seu amor era o sono profundo dos seus sentidos. Despertá-los, criar-lhes asas não seria o mesmo que apear aquele sentimento mais puro e transparente que um olhar de criança das luminosas alturas onde os nobres idealismos florescem?

Levantava-se, como não, ao fim da devassa, mais alto, cada vez mais alto o encantamento de Vítor pela Maria do Céu. Era o absoluto na felicidade; uma felicidade sem cepticismos, meio maníaca, meio visionária, um composto estranho de renúncias, impotências, conjecturas e sonhos.

Razão amordaçada, o norte traçava-lho a idolatria a que ia resvalando. E, por em seu seio não bulir cobiça, mòrmente cobiça da carne dela, cria com ardor que o apetecê-la

Slhi

tanto em espírito, melhor, em alma, era prova bastante para julgar êsse apetite eterno como a própria eternidade. Os amigos riam-se dêle — e no dia em que o Amadeu, o grande Asmodeu da luxúria, englobou tôdas as mulheres numa mesma e única família, por igual sujeitas às leis da vida e da morte e por igual falsas e divinas tôdas, volteou na cama àsperamente acordado a noite inteira. Parecia-lhe que alguma coisa de imprescindível lhe haviam amputado, sofrendo duma dôr confusa mas vasta, como se mil almas agonizassem em sua alma. E o lento, doloroso escoamento dessas mortes tôdas para a dissolução, doía-lhe nem que assistisse ao próprio entêrro.

Dez, cem vezes durante a noite de insónia a mente evocou a arenga do leal amigo: «Homem!, tu estás a descaír a um fanatismo doentio. A mulher é a melhor coisinha que Deus nos deu, certo. Mas oferecendo-no-la, insuflou-lhe as mesmíssimas paixões, idênticas fraquezas, iguais desvarios que nos emporcalham a nós. Imagem tirada à nossa imagem nela cabem tôdas as doidices; matéria animada

hoje, àmanhã será poeira. E é precisamente essa certeza de fim que torna a existência admissível, consentindo-nos o desejar. A Maria do Céu é uma jóia de rapariga, não sofre dúvida. Bem, e lá porque tu numa hora de brandura sentimental anteviste tôdas as possíveis e tôdas as improváveis raridades agrupadas numa só mulher, vá de estremá-la do resto do vulgo. Ainda isso, enfim, era de admitir. Encontravas personificado o teu ideal e conseqüentemente a percepção dos sentidos deixava de existir, ou pelo menos perdia o melhor da sua imparcialidade, fora do âmbito onde a bela desse cartas. Concebe-se. Juízo curto, falho de justiça, mas concebe-se. Porém — e a mazela está aqui — querer apagar nela tudo o que nela existe de humano, de frágil, de desconexo, de finito, e alcandorá-la ao céu feita Deusa, Anjo, ou lá o que é, — hás de desculpar — só de quem traz o miolo a dessorar-se. Pròpriamente eu não quero chamar-te doido. Entretanto... Ora dize-me: já pensaste que a tua doce Maria do Céu lava os dentes, muda a camisa, sua dos pés, cria cera nos ou-

Slhj

vidos? Não pensaste, heim? Pois é verdade. Sim, senhor, é verdade. Eu sei que a certeza — e até apenas a hipótese — de que ela como todos os seres está sujeita a essas pequenís-simas contingências animais, te desgosta. De resto, meu velho, a premeditação, inconsciente embora, com que no íntimo a afastas da Vida, relega-ta para um mundo inacessível ou em último caso, que bem pode ser o primeiro, empurra-ta para a cama doutro. Não digas que não. Isto é de todos os tempos e de todos os livros. Sabiam-no os hindús e os persas; e qualquer sertanejo to diz se lho preguntares. Em suma, no teu lugar eu casava. Sobretudo não esqueças que as mulheres, quando o de-sejo as morde, são levadinhas da breca. Piores que gatas com cio. Piores!»

Sentia no crânio um zumbido diabólico, nem que êle fôsse o recolhedoiro do troar de tôdas as cascatas do Universo a despenha-rem-se de muito alto. Aceleradas no ritmo li-geiro do sangue, arfavam-lhe as têmporas. A ideia de que se ia afundando num caos medonho obcecava-o. E parecia-lhe então

Slhi

que os móveis tremiam, que as paredes tremiam, e as árvores e os montes — o mundo todo. A sua vontade seria bater em alguém, arranhar, morder, causar muitas dores, ver correr muitas lágrimas. Cansado, todo o seu empenho se cifrava em arrebanhar as ideias esparsas, em reentrar em si, serenar. Afinal, porque sofria assim? Pois não sabia êle que o amigo dissera a verdade? Ficava-se suspenso. A Verdade! Mas que era e onde estava a Verdade? Hesitava. Acaso se tinha ludibriado quando à noite, ao despir-se, para não ferir a candura da sua Maria do Céu, deitava o retrato dela, de bôrco? E se como dizia o Amadeu não existia verdade nem mentira, mas tão sòmente a certeza na convicção, que lhe faltava a êle, que possuía a Fé, para triunfar?

Havia ainda novelos de sombras ao rés das casas e já êle, uma e muita vez, estava de fronte febricitante encostada aos vidros da janela, olhando os campos. Experimentava nessas horas uma imensa pena por si mesmo, ganas de chorar, de fugir, de se cansar, até caír exhausto... «Empurra-ta para a cama de

Slhi

outro». E era o leal amigo que lhe dizia aquilo! Que conhecia êle, o grosseirão dos grosseirões, da sua Maria do Céu, tão branca, tão pura, de cílios sempre descidos, mais alma que matéria?

Alongava-se em interrogações. Depois, de-repente, atentava no firmamento que era dum azul brunido, muito suave, e comparava-o aos olhos dela, do seu Amor, que também assim eram suaves, dum azul muito brunido. Pardais saltitavam nos telhados, nos vales cantavam gentes, o sol escorria pela lomba dos oiteiros como azeite espêsso, doirado e quente. Tamancavam chancas na calçada, nas balseiras ouviam-se trilos de melros, para lá do riacho, por detrás dos choupos, um homem, de que apenas se divisava o chapeirão de palha, incitava os bois pachorrentos.

Vítor retirava da janela. Por muito terem vibrado relaxavam-se-lhe os nervos. Por fim, tempestade acalmada, quási ria: Ora! e êle a perder o seu tempo com os desvarios dum tonto daquela marca. Que dissesse, que pensasse o que quisesse. Tirava lucros em

Slhi

dar-lhe ouvidos? Suspendia-se. Logo, fixando o retrato de Maria do Céu e como que dirigindo-se-lhe: «Além de tudo que pode conceber do manancial prodigioso de espiritualidade guardado por certas almas, um imundo materialista com a vida repleta de aventuras carnais?» O que o Amadeu tinha era o seio mordido por tôdas as víboras da inveja. Isso é que era! Portanto, pensasse êle ou pensassem todos que seu amor era uma demência. Bom seria, até, capacitarem-se de tal falsidade: daria com a doce lição, lição magnífica aos tontos investigadores da psicologia humana.

Parecia remoçar. Certa manhã foi buscar pão, esteve a esfarelá-lo entre os dedos, depois atirou-o aos pardais para que partilhassem da ventura que lhe enchia a trasbordar o peito. Êles, sentindo o ruído das migalhas que caíam, bateram as asas, num alvoroto. «Louquinhos! meus louquinhos!» Pôs-se a assobiar. Uf! Não casava. Estava decidido, não casava. Lá lavrar a certidão de óbito ao seu amor, isso é que não. Êle queria-o fabuloso, extra-terreno,

Slhi

angelus de beleza recolhida, e para todo o sempre, para todo o sempre...

*

* *

Ainda por dois anos Vítor embalou a tresloucada esperança. Os dias dobavam; e à medida que iam dobando mais seu sentimento se espiritualizava. Sentimento, ideias, impulsos, tudo... De resto, movimento, formas, côres, sons, como que deixaram de existir para êle, parecendo antes que o mundo havia naufragado, de seu ritmo apercebendo-se apenas longínquo, fraco rumor. Podia o sol, redondo e chamejante, estender pela terra seu cendal branco e mais fino que as mais finas e brancas sêdas; podiam os gaivões, ao entardecer, riscar no azul macio curvas sonoras, rápidas e airosas; podia o vento bramir nas noites atulhadas de treva; e miseráveis famintos caírem a seus pés; e uma virgem de beleza especiente oferecer-lhe num leito coberto de flores o corpo núbil — nada o comoveria, o

distraíria da sua Maria do Céu, do que de etéreo, de imponderável supunha na sua Maria do Céu.

Às vezes saía de casa. Sem destino entestava ao primeiro carreiro. Nas hortas lidavam homens; rente aos muros, chapinhando na água da rega, folgavam crianças. Vendo o senhor doutor os homens endireitavam os troncos, as crianças emmudeciam. Cumprimentavam todos. Entretanto êle, que não atentava em ninguém, seguia sem retribuir as saüdações.

Na sombra dos pinheiros descansava. Padejando no ar, por sôbre as copas verdes, passavam rôlas. Nos giestais ouviam-se pequenos estalidos de vagens que o calor abria. A quirós e o sargaço, de flores arroxeadas, revessavam aromas acres. Uma ou outra réstea de sol, rompendo o emmaranhado das agulhas, dependurava-se dos galhos, lambia as corcôdeas dos troncos até se alastrar no chão atapetado de caruma em retalhos de luz doirada. Bandos de dípteros — o momento era do mundo alado, vasto, zumbidor, irre-

Slhi

quieto e muito grácil — atraídos pela frescura dos vegetais sarabandeavam por sôbre moitas de urgueiras, em doidas contradanças.

O sol ia passando o zénite. Por chapadas e encostas o labor entrava em tréguas. As asas não ruflavam mais. A luz parecia crepitar, os restôlhos pareciam arder. O próprio céu, dum azul líquido profundo, dir-se-ia estar em combustão. Ao longe, ao perto, por tôda a banda, na hora sofredora da canícula, a Natureza imobilizava-se; e os baldios, sem borrão de sombra a amenizar a soalheira destemperada, guardavam um bem doloroso silêncio. E a sensação de imobilidade ia aumentando, até tornar-se opressiva.

Cerrando os olhos entrava Vítor mais em si, como se a torreira e o espasmo que premiam a terra o empurrassem para o seu *eu* e lá o fechassem a sete chaves. Sem bulir os lábios, num êxtase de vidente ou no delíquio dum médium, concertava longos diálogos com a alma do seu bem que também era a alma da sua alma. Preguntava-lhe coisas inadmissíveis e dizia-lhe coisas inacreditáveis. Tratava-a

Slhi

por «estrêla candente», comparava-lhe o espírito, «que cheira a rosas e cheira a incenso», a «lírios virginais, puros e pulcros». E sério, romântico, muito piegas, inquiria: — «Ouves-me? ouves-me? Sim, ouves. Pressinto bem que pairas neste ar que respiro, como sei que me acompanhas sempre onde quer que vá. Aliás eu vejo-te em tudo: na água quando me lavo, nos livros que leio, nos nimbos transparentes que boiam por cima dos cêrros como ténues véus que a falta de pêso não deixasse caír; e adivinho-te na luz que jorra do alto, nos ecos a vibrarem nas quebradas, nos fumos leves que sobem dos casais, ao entardecer. Mas, sabes?, o meu amor por ti sendo imortal, e talvez por isso, é mais casto que o amor que levo aos pés da Virgem. Verdade que eu chego a confundir-te com Ela, que vos sobreponho, havendo momentos em que dissociar-vos seria impossível. Melhor é assim. Trarei contìnuamente cá dentro, num altar único, todo doirado, a tua imagem de Deusa — e eu de joelhos, numa prece contínua, renderei graças à tua be-

Slhi

leza imaculada... E a ventura será nossa, nossa...»

Embevecimento tal, sem intermitência de distracção, tornava-o pálido, adoentado, muito olheirento. Perdera todo o gôsto ao trabalho; consigo mesmo desmazelava-se. As noites, a maior parte delas, passava-as no escritório, abancado à secretária, escrevendo intermináveis cartas a Maria do Céu que depois lia, à luz de duas velas, quando já os galos saüdavam a luz nascente, ao retrato dela. Grandes preguiças amolentavam-no, levando-o a passar as tardes estendido na cama, em mangas de camisa, as pupilas imóveis pregadas no teto. Comia pouco, a mãi preguntava-lhe que tinha, que lhe apetecia, cheia de mêdo que êle morresse. E fazia-lhe mimos, coisas gratas ao paladar, de lágrimas brilhando em seus olhos cansados.

Uma ou outra vez a carne, a uivar fomes, rasgava o cêrco do místico enlêvo. Então êle, vergonhoso da derrota, lá ia bater ao postigo baixo da Angélica, todo afestoado de cravos a sangrar. Cedo, porém, os braços quentes da

Slhj

vélha amiga, carnosos e modelados a preceito, o impacientavam. E tudo eram pressas de desandar, de se subtraír ao contacto deprimente, aos beijos vorazes que ela lhe atirava ao pescoço, à bôca, aos olhos, perdida de luxúria.

No fim destas sortidas até tarde demorava pelos campos. O olhar caía-lhe às sombras dos caminhos, e porque nelas julgava descobrir o remorso vivo da sua traição, ficava espavorido.

Entretanto o sol subia, no infinito azul, a fecundar a terra. A aldeia acordava, saía para as várzeas de enxada ao ombro. De um lado a outro lado do quarto, Vítor passeava. A sua fraqueza parecia-lhe uma infâmia. Invejava os eunucos, e numa voz em que se distinguiam choros, queria que Deus lhe dissesse por que havia o Homem ter mais que coração para sentir e alma para amar.

Abeirava-se da janela jurando e trejurando jàmais ser froixo de vontade, vencer-se sempre como os antigos anacoretas. A criada batia à porta, chamava-o para o café. Êle res-

Slhj

pondia com maus modos que o deixassem. Chegava a mãi:

— «Então, filho, não vens comer? Estás doente?»

Que não tinha fome, que talvez mais tarde lhe apetecesse.

Impacientava-o tudo. Não podia ouvir falar, o menor ruído ennervava-o. Uma manhã dessas esteve mesmo a pontos de matar o canário que na gaiola de arame, vendo aves deslizarem no espaço livre, chorava seu fado angustioso de encarcerado.

Vezes sem conta o Amadeu, de-novo chamado à intimidade vélha, tentou furtá-lo à paixão idólatra. Certo, sua vontade andava mole, mas bruscas, ferozes resistências o indignavam quando o amigo, manso e cauteloso umas vezes, franco e áspero outras, tentava rumá-lo à razão. No fundo lamentavam-se ambos, como se cada um visse no outro um gérmen de desgraça a crescer, a crescer e que por fim os aniquilaria. Os prognósticos de futuras desilusões afloravam nitidamente em suas conversas:

Slhi

— Que te faz que caminhe para o infortúnio, se nesse infortúnio encontrarei a felicidade?

— A felicidade está no àmanhã. Já procuraste saber que te trará o futuro?

— Importa-me sabê-lo, acaso? Não tenho aspirações a realizar.

— Sem ambição não há ventura. Eu, quando deixar de desejar, mato-me.

— A que aspiras, homem feliz, para viveres?

— A tudo, menos ao céu. Mas a ambição maior, a grande, a imensa, era o poder da ubiqüidade. Desdobrar-me em milhões de *eus* iguais a mim mesmo sem que nenhum perdesse o mais ínfimo átomo de receptibilidade e espalhar-me, confundir-me no universo, estancar o amor em tôdas as mulheres que esperam, beber o desejo em tôdas as bôcas desejosas, extinguir o fogo em tôdas as carnes ardentes...

Calavam-se por momentos, olhando-se fitos. Admirado como se ouvisse blasfémia sem nome, Vítor; sorridente, embriagado com o seu sonho, Amadeu. Êste reatava:

— Destino maravilhoso, não negues. Superior ao de um deus, até. Oh!, aplacar o ardor em todos os sangues, saciar todos os desejos, a fome de todos os desejos...!

— No Asmodeu da luxúria o empenho irrealizável não espanta. Mas acautela-te. Êsse continuado entreter do espírito em desbragadas voluptuosidades fatalmente te arrastará a funestos destinos.

— Que assim seja, fica-me a certeza de ter compreendido a vida. De a ter compreendido e de a ter vivido.

— A suprema sabedoria é não cobiçar mais que o que temos.

— Num santo é pouco; para um homem tamanha resignação é muito.

— Pois deixa que não seja homem nem seja santo. Sou feliz assim e tanto me basta.

— Tempo virá em que o não sejas.

— O amor que não compreendes me salvará.

— Não o acredites; será o teu suplício.

— Um sentimento imortal como êste não

Slhi

pode jàmais ferir um infinitamente mortal como eu.

— Amen!

*

* *

Sempre que seus afazeres o permitiam ia Amadeu por casa de Vítor. No geral encontrava-o inactivo, fechado no quarto, contemplando o retrato de Maria do Céu. Ás vezes, também, topava com êle laborando nas *Gotas de Luar*, livro de versos ao jeito romântico, e em que as rimas bastante sonoras não debelavam a sentimentalidade mórbida e o exagêro lamechas das ideias.

Amadeu troçava-o. Para êle a arte, tôda a arte, devia aproximar-se da Vida, penetrá-la, compreendê-la, servi-la, enfim. O amigo, ao contrário, achava que a arte para ser grande e ser bela devia refugiar-se muito alto, encerrada numa tôrre muito sólida. Dêstes dois pontos de vista opostos, surgiam bravas disputas que tinham o mérito de não converter nenhum.

No fim de tais litígios sentia-se Vítor vagamente convencido da frivolidade dos seus sonetos, das suas odes, das suas éclogas, renunciando por largas semanas a desencantar rimas. Em contrapartida as cartas para o seu «amor distante» — Maria do Céu morava à beira da estrada, a dois quilómetros do povo — cresciam em número e em tamanho. Escrevia-as em papel especial, muito fino e muito branco, no cimo do qual, no ângulo esquerdo, punha a divisa: *Por minha dama, eternamente.* Na sua confecção usava os maiores cuidados. Rebuscava a terminologia, com paciências de beneditino manuseava os dicionários, as imagens ponderava-as, compunha-as e recompunha-as, não fôssem elas, por descuido sempre possível, baforar sentimento menos puro. A letra — um cursivo excelente, com grossos e finos — desenhava-a com vagares de quem dispõe de vidas a desbaratar e com atenções de colorista antigo a abrir iluminuras em páginas medievais. Não obstante, uma vez por outra a rasura tornava-se indispensável. Então êle, sem um gesto de en-

fado, recopiava, aperfeiçoando-se mais no seu cursivo formoso. Depois, como das outras vezes em que escrevia cartas ao seu amor ausente, acendia as duas velas de estearina, entre elas colocava a fotografia de Maria do Céu, e, sentado numa cadeira de coiro lavrado, senão de pé, mão apoiada no tampo da mesa, mais declamava que lia as missivas longas, serenas e tristes como capítulo de antifonário.

Amadeu, que de-veras o estimava, temendo que tais desalentos mais o afastassem da terra, fazia o sacrifício das suas ideias e encorajava-o:

— Homem, neste mundo tudo é relativo. Afinal talvez a razão esteja do teu lado. E o que importa aqui, de resto, não é esclarecer se a Arte deve aproar a norte ou a sul, mas sim se o trabalho é vão como o fumo dos charutos dum burguês ou salvador como o soro contra o garrotilho.

— Não me tenta o debate.

O amigo espicaçava-lhe os brios:

— Essa isenção é cobardia.

Slhi

— Talvez seja.

— Modifica-te.

— Achas?

— Que estás a carpintejar uma cruz com que não poderás? Claro que sim.

— O futuro não me amedronta.

— Cansa o corpo...

— É escusado continuares. O círculo é vicioso, não saíriamos dêle mais. Tanto monta tu dizeres isto, como eu aquilo. Possuímos temperamentos opostos, as nossas ideias hão-de estar em briga, sempre.

Durante dias as relações entre os dois esfriavam. Numa dessas ocasiões, mesmo, Amadeu esteve passante de mês sem procurar Vítor. E foi necessário que êste, saüdoso já da alegria sã do amigo, lhe mandasse um bilhete em que pedia: «Vem até aqui; morro de tédio».

*

* *

Farfalhuda, a bochecha farta a abrir-se em risos, D. Mónica principiara:

— Chamei-o, meu filho, porque temos muito que conversar.

Abandonado no sofá de reps azul, indiferente, Vítor esperava olhando pelas janelas escancaradas os campos todos de verde. À maneira de outras vezes, êle sabia, vinha dar-lhe conselhos, os intermináveis conselhos de sempre. «Trabalhe. Um homem de braços cruzados adquire hábitos de preguiça que lhe derrancam a vontade. É rico, mas isso não faz ao caso. Advogue, faça-se lavrador, mas trabalhe. Pelo menos tome ar». E por aí fora a ladaínha que de tão martelada já aborrecia.

Vítor, realmente, não errara em suas hipóteses. Por larga meia hora a boa D. Mónica não se fartou de o batalhar. Que assim não ia bem, que assim não podia ser. Afirmou:

— Vida de tanta preguiça chega a ofender a Deus.

Êle teve um sorriso difícil, imensamente custoso:

— Tentarei fazer-lhe a vontade.

Foi então que padre Romão surgiu, alto, espadaúdo, um tanto brusco nos gestos.

Slhi

— Pois não acha, reverendo?

Não sabia de que falavam; explicassem primeiro, faziam favor.

— Sim, de-certo — concordou logo —; ofende a Deus e alegra a Satanás.

Como quem arenga sermão encomendado, acrescentou imediatamente:

— O trabalho é tão necessário... enfim, não direi precisamente tão necessário, mas quási tanto como a fé, as orações e a missa. Pois não é o trabalho um sacrifício imposto pelo Senhor a Eva e Adão no momento em que os expulsou do Paraíso? E qual o caminho que leva a Deus? O do sacrifício. Isto parece-me incontroverso. Não concorda? Creio entretanto — foi seguindo sem esperar resposta — que aqui o nosso doutor o que necessita antes de tudo é casar. Que diz, heim?

Êle perturbou-se:

— Casar!?

Ficou-se num grande espanto, de olhos pregados nos dois, como se lhe propusessem um crime. D. Mónica começara a falar. A

seguir padre Romão disse também qualquer coisa. Êle não entendeu nada.

Quando abalou, esponsais combinados, tinha a sensação de que caminhava num sonho, mas num sonho aflitivo, com cordas retesas envolvendo-lhe o pescoço, sentimentos de agonias indeterminadas... Anavalhavam-no raivas surdas; um grande ódio contra o padre despontava em seu peito. Também, porque não opusera a intransigência da sua vontade às vontades que o enfrentaram? Arrependeu-se. Quis arrepender-se. Mas logo, lembrando-se... Ora!... se a Maria do Céu ficara mais risonha que uma Páscoa florida! Lentamente, lentamente uma suave luz desceu a iluminar a tenebrosa noite que era seu seio. Afinal, talvez fôsse melhor casarem. Talvez fôsse melhor! Acaso não seria justa a esperança de que junto do seu Amor o seu amor crescesse, subisse? «Sim, quanto mais perto do sol mais o sol cresta; impiedosamente carboniza chegando-se ao rés; fere encarado de rosto. Sem embargo pulula a vida em seus raios».

Slhj

Pelo ar diáfano que a plangência da água derivando amortalhava numa tristeza infinita, flamejavam as derradeiras centelhas do sol a morrer, amarelo e vermelho, como se tivessem esfaqueado os céus e o sangue esparrinhasse, polvilhado de oiro, fremente.

Anda-que-anda, recolhido em si, abordou o Vítor a casa, já de todo conformado com a ideia nova. Começavam até a rasgar-se ignotas perspectivas, alegrias não supostas diante de seu espírito.

Chamando Amadeu ao outro dia, dealbava a manhã, cantavam-lhe aléluias côr de rosa no coração. Aquele desmanchar de sombras por chaparrais e gândaras, primeiro sem pressas, como quem tem pena de partir, logo atabalhoadas, quási fulminantes na presteza com que desarvoravam, apenas umas falripas aqui e ali no refêgo mais fundo dos montes esperando que um chicote de luz as expulsasse, figurava-se-lhe a imagem viva da sua ressurreição para a vida. Estava enfim libertado. Bemdita a fôrça que o impelia a outra vez se identificar com a Natureza.

Slhi

E foi transfigurado destas rumorosas alegrias que êle gritou ao amigo:

— Eh dorminhoco!

Não afeito àquelas madrugadas de Vítor, Amadeu admirou-se:

— Por aqui, tão cedo! Un!

— Uma novidade...

As pupilas saltavam-lhe numa doidice de contentamento.

— Para te levantares a estas horas deve ser de truz.

— Nem imaginas! Dou-te um doce se adivinhares.

— Não dás, que eu em casos de feitiçaria sou um ignorantão.

Ainda mal tinha transposto o umbral que dava para o quarto e já a pituïtária de Vítor apercebia um errático cheiro a fêmea. Meio folião, meio reprovador, inquiriu:

— Noite de bacanal, heim?

Distendeu-se a cara alegre de Amadeu num largo riso a modos de quem confidencia felicidades. Em seguida, calado sempre, abriu de par em par as portadas da janela. Ondas

Slhi

de luz rolaram, se estenderam tomando o âmbito todo, como águas muito claras e puras que extravasassem em golfões de açude invisível.

Por minutos, olhos perdidos ao longe, nos oiteiros oirejantes de sol, pareceu abstraír-se do amigo. Vagarosamente, por fim, voltou-se. E fazendo esfôrço manifesto, confessou:

— Uma noite triunfal!

— Flor afável dos montes...

— Mulher de fogo vibrando melhor que puro cristal.

— Caramba! Isso é que se chama entusiasmo...!

— Um assombro, digo-te eu; um assombro! Supõe uma bôca a morder em vez de beijar; uns lábios que do vermelho sanguíneo descaem ao branco dos fornos esbraseados; uns braços que se enroscam e premem e apertam e asfixiam; dedos feitos garras; olhos passando por mil cambiantes, tão de-pressa falando a linguagem das agonias como a febre das raivas, agora implorativos e ternos, quietos, e numa transformação vertiginosa a

Slhj

rolarem em loucura. Concebe ainda uma carnação de mármore, dura e torneada, a contorcer-se, a gemer, a arfar, que arde, que se quere confundir em nós, e compreenderás.

— A personificação da voluptuosidade?

— Mais que isso. Nem eu sei!

— Pára aí a tua ambição, agora?

— Para sempre.

Numa leve, amistosa ironia, Vítor interrogou:

— E o axioma da felicidade única?

— Não há axiomas nem há felicidade. Há isto...

Mas que Diabo, aquilo era uma apostasia!

O amigo deu aos ombros:

— O que quiseres. A opinião dos outros... é dos outros.

— Felicita-me. Baixei também das miragens falazes às coisas verdadeiras.

— A novidade?...

— Avalia. Caso-me...

Abraçando-o, com sinceridade Amadeu disse:

— Parabens.

Slhi

Já no patim, pronto a abalar, a voz do amigo reteve-o.

— Ouve...

Vítor ficou à espera. O sol escorria pelas fachadas, baloiçava-se nas franças, regava charnecas e vales, espáduas de serras, cristas de eminências, o firmamento todo e tôda a terra.

Vagaroso, vagaroso, aproximou-se Amadeu.

— Ouve...

Pôs-lhe as mãos nos ombros.

— Mas que é?

— Foi a Angélica que passou aqui a noite.

O outro olhou-o numa surprêsa enorme.

— A Angélica, disseste?

A voz tremia-lhe.

— Não queiras mal à pobre rapariga. Não tem culpa. É uma harpa que precisa ser tocada com nervos, com alma, de sentidos concentrados. Tirar-lhe uns sons não basta. Quem a não correr de ponta a ponta, de corda a corda, muitas vezes, exaspera-a sòmente. E tu

deixava-la, abandonava-la dias, meses seguidos. Tu bem sabes, são tôdas assim.

De rota a casa Vítor apressava-se, que o sol, quási a pino, mordia. Ao seu orgulho de macho a traição da amásia doía-lhe. Não que a perda dela de algum modo o ferisse. Contas bem deitadas era até para agradecer. Podia vir a ser um empecilho na vida nova que despontava. Podia! Mas era mais airoso para êle, muito mais airoso, bater-lhe uma noite ao postigo e sem brutalidades, apenas no tom de quem se sabe senhor, dizer-lhe: — «Angélica, durante quatro anos e tal proporcionaste-me tôdas as venturas inestimáveis que mulher pode conceder a homem. Devo-te por isso muito reconhecimento que também te não regateio. Mas mudo de estado, e bem vês, as nossas relações tornam-se impossíveis»... Nesse momento vinham as lágrimas, as lamentações. Vê-la-ia caír de joelhos a seus pés, esbagoada em prantos. Entretanto êle, feliz daquela dedicação, desandaria, cortando um último cravo, da côr dos desejos que deixava no seio

Slhj

dela, para desfolhar pelo caminho a pensar na outra.

Assim, sem mais aquelas, subtraír-se ao seu domínio e entregar-se ao Amadeu como que alardeando uma impotência sua que o apoucava e não existia, com mil diabos, só zurzindo-a. Ao menos escolhesse entre tantos que a arremetiam alguém que não o amigo. E lembrar-se que ela se desfazia em juras de não ser de mais ninguém, de mais ninguém! — «Podes abandonar-me; eu continuarei sempre a tua cadelinha fiel, sempre até à morte, verás. Que me não ames, mesmo, não se me dá. O que quero é que te deixes amar».

— Nem uma bácora esfaimada; nem uma bácora! Só em alcoice com homem sempre no quarto.

Ao largo os campos dormitavam. Pelas encostas os fieitos, já tisnados, lembravam borras de vinho a secar ao sol reverberante. Mais longe, para o sul, nas cumieiras de montanhas encapeladas, moles de pedra negra traziam à ideia cavaleiros gigantes, tron-

cos colados ao dorso das montadas, na disputa de corrida louca.

Descontente consigo e com o mundo, espapaçou-se Vítor na cadeira com braços do escritório, alta de espaldar e forrada a coiro lavrado. Gostava daquela quadra dormente na meia obscuridade transfiltrada pelo pomar, do aroma dos frutos a sazonar, da percepção fugaz do labor das colmeias, ao fundo, do recolhimento místico das coisas, em volta. Agradava-lhe também a sensação de isolamento, o prazer de sem receio deixar correr o espírito à sôlta, e indiferentemente calcurrear mundos ou saltar milénios. E abandonava-se — turco na indolência — tardes inteiras a uma imobilidade de Buda, sem noção do tempo que corria, as pálpebras cerradas, cabeça repousada no rebôrdo superior da cadeira, mãos inertes esquecidas pela secretária.

Foi ali onde pela primeira vez viu o seu Amor — e a imagem deslumbradora eternamente ali ficou a boiar, indissolúvel no tempo e no espaço. O frufru da sêda branca modelando-lhe o corpo de formas suaves, lá estava

Slhi

ainda; o olhar meiguiceiro com canduras de ave cantando matinas; a voz divina de gamas; o sorriso manso, manso como gorgolejar de água em vaso de prata; os mil nadas especientes feitos de mil nadas e que fugindo à percepção das coisas palpáveis magnetizam melhor que olhos de faquir, lá estavam igualmente, entre as quatro paredes, a viverem a vida do que não tem fim.

Por isso, mais que por tudo, amava Vítor o recanto silencioso. E a deserção de Angélica, os propósitos de vingança que lhe geresciam no orgulho escoucinhado, caminho fora, amainaram mal se viu no aposento a ressumbrar lembranças da sua Maria do Céu. Ali, onde tudo falava dela, tinha nostalgias dela, entreter o pensamento com outra, parecia-lhe perfídia tão monstruosa que a simples possibilidade de o fazer lhe era insuportável.

Não havia mais insulto. A dor de todo se estancara em seu peito.

Slhi

*

* *

Os calores de fornalha que haurem os regatos e os deixam de ventres ao léu; que calcinam a terra e transformam os rostolhões em ermos abrasados; que supliciam as árvores e vergam os caules mais tenros — tinham-se sumido. Já os mostos sovados e ressovados nos lagares graníticos limpavam nos bojudos toneis emquanto sua côr de roxo carregado, por subtis gradações, se ia transformando em alegre, vivo topázio. Já pelo sopé dos montes e até meia encosta, às vezes até os pináculos, o chapéu rodado dos castanheiros passara do verde clorótico ou amarelo pálido, ao amarelo cobreado, até resplandecer em oiro estreme. Já os pinhais, que na quadra das caníc ulas parecem sofredores à fôrça de extáticos, começavam seus psalmos soturnos, longos e vagos...

Batia à porta de Vítor a grande data. Mais uns dias, curtos mas infindáveis dias para

Slhi

quem espera, e teria junto de si, para sempre, a Maria do Céu.

A aproximação da data formosa, contudo, não o fazia ladear, mexer, sentar-se, levantar-se, olhar o relógio, tornar a olhar no vão empenho de forçar o tempo, todo nervoso e consumido de impaciência. Antes, ao contrário, um receio inquieto se apossava dêle. Duvidava de si, da sua coragem para o cometimento. E todo voltado para o passado, uma agonia imensa a subir-lhe à garganta, voltava àquela tarde...

Tinha sido, durante anos, a sua ambição. Que ver aluaceiros de carnes virgens, ser o primeiro a sugá-las, foi sempre sonhar da mocidade. Também êle, por muitos meses se esqueceu no pensamento belo. Sim, também êle se esqueceu...

Se era linda a Margarida de fulva cabeleira? Não o sabia nem isso o peava. Que os túrgidos seios dela falavam em luminosas promessas; que na labareda das suas tranças apetecia morrer enroscado, a arder; que os lábios grossos donde o sangue parecia espirrar pro-

Slhj

metiam mais mel que favos cheios; que os olhos de íris indecisa, mexidos e eloqüentes, badalavam sensualidade; que o robusto corpo de morena havia de ser manancial de delícias sem fim, isso sabia êle. O mais, visto só os sentidos estarem na liça, não tinha valimento.

Com sanha de lôbo faminto cometeu-a. Sem embargo ela que figurava ofertar-se negaceou, dizendo-lhe seu instinto de fêmea que na irritação do desejo está o manjar superfino do amor.

Mil vezes derrotado, mil vezes esteve Vítor a pontos de desistir. Porém, o mundo de prazeres entrevistos e não gozados era íman a atraí-lo. A hora da rendição — confessava a si mesmo — valia bem provações maiores. A vitória estava na persistência. Teimaria. E o assédio continuava.

Calculado, subtil, mais atento que ladrão de estrada, mudou de jôgo, pronto como nunca ao assalto. Intimamente desesperava. Não admitia a resistência que ela opunha, esquecido que a mulher, mesmo estatelada de costas, estrebucha e nega, certa de que ludi-

Slhj

bria, ludibriando-se. E foi uma combinação simples do acaso que por fim lha entregou.

Estavam em plena Natureza, livres e sós. Nem uma fôlha bulia: o vento andava longe, em contradanças uivadas, e a brisa maneirinha que sôbre a manhã escorraçara uns fiapos de nuvens retraíra-se, se é que não ficara de atalaia, à espera da função. O próprio fio de água que do alto da rocha se precipitava na ravina pareceu compenetrar-se da solenidade da hora. Apenas a voz de Margarida, talvez mordida de aflição, talvez transfigurada por infinita ventura, quebrou por segundos o silêncio augusto: — «Veja lá, sr. Vítor... Olhe que eu grito! Deixe-me... Ai, deixe-me...» Depois descaíu... perdeu-se — não ficando a aperceber-se mais que a respiração de ambos, na luta. Tombaram em terra, enrodilhados e ofegantes. Então a Pérola pôs-se a saltar em roda, a latir, a latir...

Quando pressentiu as mãos nervosas de Vítor a repuxarem-lhe as saias, ainda outra vez a voz dela se ergueu, baixa, a implorar; e outra vez ainda, desnudadas, muito more-

Slhj

nas, uma lanugem côr de oiro revestindo-as, suas pernas se agitaram, unidas. Mas logo entontecida do fogo que lhe corria os membros e lhe tornava o cérebro sem pensamentos e a vontade sem acção, se entregava inteira sôbre os fetos secos.

Êle, todavia, nem tempo teve de gozar a inefável sensação de triunfo que o inundava, pois que sob seu corpo a resfolegar, o corpo de Margarida se contorcia, dolorido. Sentiu-a gemer — um gemido como nunca ouvira outro; um gemido misto de dor, carne a rasgar-se, alma a morrer. Dum salto pôs-se a pé. No ouro das pernas dela viu sangue, quente, a correr e lágrimas a rolarem de seus belos olhos de côr indecisa. Uma horrível mágoa — remorsos da sua brutalidade, repugnâncias pelo sêlo implacável de que Eva para sempre maculara a Vida — queimava-lhe o peito aflitivamente, inconsolàvelmente.

... E foi com raiva, quási com asco, que berrara:

— Vai-te, deixa-me; depois falaremos.

Slhj

Agora a acção cometida no branco corpo de sua noiva mais abominável se lhe representava. Sofria já o sofrimento dela, deitada no leito de núpcias, chorosa, a escoar-se em sangue. Lágrimas torturadas correriam de seus doces olhos; de seus lábios rosados caíriam súplicas. Teria coragem? Teria coragem?

Envenenado de incerteza, medroso de infantis cobardias, de-novo se refugiava no conceito antigo. E então, com afã, louco de funestos presságios, pôs-se a rebuscar escusa ao cumprimento da palavra dada. Não casar. Tudo, mas não casar.

O amigo prègava, berrava, chasqueava:

— Irra, é demais! Se a vista do sangue te abate a febre e espanta os desejos, cega-te; se os ouvidos te não suportam gemidos, algodão em rama.

— Não brinques, Amadeu. Isto é o inferno!

— Inferno de que gostas porque não sais dele, quando um minúsculo esfôrço da vontade bastaria.

— Só matando-me.

— Pois mata-te.

— Aponta-me caminho que me possa furtar ao martírio.

— Foge.

— Isso não! Isso não!

*
* *

Aloucada de felicidade Maria do Céu tinha alfim riscado o derradeiro dia no seu calendário de virgem. Com impaciências de poldra e sustos do desconhecido esperara a gastar-se de pressas. E a última noite levada no quarto de solteira pareceu-lhe interminável. Mas, enfim, passara. Mais umas horas e ela iria tôda de branco, no seu vestido de noiva, ajoelhar na capelinha de S.to António, dizer que sim, que queria o «seu» Vítor para companheiro. Partiria logo com êle, corpos unidos, olhos de um a beberem a luz nos olhos do outro, muito sós, muito felizes.

E ajoelharam, e disseram que sim, e partiram...

Todo o dia enlevado na mocidade dela,

Slhi

nos seus modos de criança comunicativa, Vítor quási olvidou a sua angústia. Correram. Cantaram. Por fim, muito sérios, assentaram em serem assim amigos, eternamente. Maria do Céu pediu, mesmo, um juramento. Êle jurou, de mão erguida. Depois, continuaram a rir — a deixarem que seus dedos entrelaçados falassem de amor.

Com o peneirar das primeiras sombras o fantasma ergueu-se ameaçador em sua pobre alma a fremer. Por ser forte naquela noite ao menos daria tudo. Que maior injúria à carne de Maria do Céu, tão môça, tão branca, tão bela, que a indiferença da sua? Um terror sem nome fêz-lhe bater as meninges. Teve mêdo de enlouquecer. De enlouquecer, se demorasse naquela dúvida.

Ela, que o viu todo tremente, todo pálido, olhou-o nos olhos, cheia de mêdo. E preguntou-lhe que tinha, se estava doente. Mas já Vítor a agarrava com império e a levava ao colo, muito apertada ao peito, direito ao quarto. Ia aterrado. Mal transpôs a porta, que nem se lembrou de fechar, arrancou-lhe, des-

Slhi

pedaçou-lhe os vestidos. Ela desceu as pálpebras, um tanto vermelha de comoção.

Aflitivamente, doloridamente, começara Vítor a beijar uma, muitas vezes, o corpo especioso. Mas todos os seus músculos, todo o seu sangue continuavam serenos, como se beijasse uma estátua.

Crucificada na cama alva, continuava Maria do Céu à espera da brutalidade formosa. E o sangue dele mudo, os sentidos dele adormecidos. A sua bôca todavia obstinava-se: ia percorrendo sempre o corpo macio e nu, percorrendo-o membro a membro, polegada a polegada, dos pés aos cabelos, dos cabelos aos pés, na ânsia terrível de que um milagre se produzisse. E o seu sexo retraído, a sua carne fria. Quis chorar, quis gritar. Para não fazer nada disso cerrou os lábios. Logo, num sussurro, num suspiro, ela implorou:

— Vítor, meu Vítor... Beija-me, mais, mais, mais...

Alucinado, perdido, num soluço imenso, êle gemeu, a morrer de dor:

— E não posso!... E não posso!...

Slhj

NOITE DE REGABOFE

Slhi

Chamava-se Lenita e vinha não se sabia donde.

Num espanto mudo os rapazes da aldeia viram-na irromper, à noite, na luz azulada de dois gasómetros. E aquela aparição foi uma aurora, um relâmpago, um magnífico grito descendo sôbre os seus destinos serenos.

Tímpanos ainda a vibrarem ao som das castanholas que suas mãos sábias tão bem agitavam ao alto da cabeça, despediram a casa a sonhar com ela. Pensavam de-certo na divina felicidade que seria tê-la entre seus braços musculosos, abandonada, a soltar gritinhos de prazer, longe de todos, na quentura abafadiça das mantas: o catre a ranger, os dentes a rangerem, fortes e ternos.

E as noites pareciam-lhes imensas, e os dias mais arrastados que séculos, e as horas

Slhi

eternidades desesperadoras, supliciando-os. Queriam voltar a vê-la, de comprida saia rodada muito vermelha, igual a chama que se eleva, que ondula, que crepita, que queima... Queriam vê-la... ao menos vê-la, já que saciar aquela fome de amor era impossível, bem o sabiam.

Entre todos, foi Miguel quem mais fundo sentiu a ferroada luxuriosa. E tão valente e no âmago o feriu ela, que só de pensar na ventura sem par de a ter encostada ao peito, por uma hora ou por um momento, lhe era infinitamente doloroso. Olhando-a esqueciam-se seus olhos de tudo, de tudo. Esqueciam-se numa vaga tortura fixos em sua cintura de cobra cascável a enrodilhar-se, a colear e tão fina que até lhe davam ganas de passeá-la ao alto, abarcada na mão, como se mostrasse cravo maravilhoso. Ficava-se assim perdido numa emoção que lhe doía, que o consolava, pensando mil coisas mas só desejando-a. Para a possuir venderia a alma, mataria... E que raiva, que ódio ia ganhando ao homem que tôdas as noites, comédias findas, se ia aquecer

Slhi

às quentes carnes dela, lá em baixo, na taverna do Sebastião.

Entretanto fêz-se amigo dele. Pagou-lhe quartilhos. Emprestou-lhe dinheiro, sempre com o fito de que o levasse acima, ao quarto onde o «seu» amor fazia flôres, fumando cigarros.

Já pelos soalheiros, desembaínhando as línguas, velhas de muitos invernos comentavam o caso.

— Pois é verdade, sim, senhores, o estudantinho anda mesmo pela beiça.

— Aquilo foi beberagem que a cigana lhe deu.

— E elas, então, que a correrem mundo aprendem tôdas as malas-artes de Satanás!

— Que ela é um pedaço de mulher não se pode negar. Olhos mais pretos e mexidos que dois estorninhos, seios como os homens gostam, nem grandes nem pequenos, ancas redondas...

— Ora! Aquilo é um pau, de direita. Escanifrada, sem carnes que se apalpem... Dentes, sim, tem-os brancos como o açúcar e

Slhj

certinhos como nunca vi. Mas tirante isso e os vestidos não vale dez reis furados. Isso é que não vale!

— Nem sei como o Miguelzinho, com raparigaças em barda por aí, botou olhos a semelhante lambisgoia.

— Não sabeis que os homens, às vezes, são como os cachorros, que preferem os ossos à carne?

*

* *

Chamava-se Lenita e era alucinadoramente morena. Ao certo não sabia quantos anos tinha, mas a Rôla, a tia, velha medonhamente feia, descabelada, desdentada, só com um ôlho e êsse vêsgo, remelado, tremendo, dizia numa voz indecisa de criança que fazia vinte e cinco no dia de Santa Luzia — má madrinha que deixara apagar a luz no seu rico «òlhinho».

Tinha cabelos opulentos, negros. Igualmente negros eram os olhos, tão negros que dir-se-iam dois pedacinhos de hulha luzindo num macio bronze.

Slhi

A sêde voraz de se perder, dissolver, fundir no Universo tornava o seu destino singularmente irregular — e não menos impreciso que o de uma fôlha que o vento arrasta, que outros ventos disputam e levam e por fim abandonam. Sem caminhar dum ponto para um fim, todos os caminhos lhe eram indiferentes.

Pelo dia fora — maneira de entreter os longos ócios — fazia flôres. Mas o certo é que sempre entre quatro paredes, fôssem escaioladas ou não, se roera de saüdades. Acocorada na cama deixava então que o pensamento se soltasse, corresse, voasse pelas brancas estradas faíscantes de sol, pelos atalhos desertos dormindo grandes sestas, sob as noites orquestradas de mil rumores vagos e milhões e milhões de luzeiros a luzirem, a tremeluzirem no abismo negro-leitoso do firmamento. Por milagre de vontade via-se em tôdas essas sendas benignas, sob tôdas essas noites picadas de estrêlas, dispersa em todos os sons e em tôdas as luzes, em todos os aromas e em tôdas as brisas, as mesmas brisas,

aromas, luzes e sons condensados em si própria. Visionando isto — que eram as suas ambições maiores — tremia de gôzo.

*

* *

Nessa tarde aborrecia-se mais, sofrendo os suplícios de condenado amarrado a um tronco. As flôres saíam-lhe contrafeitas, o quarto parecia-lhe mais acanhado, mais ignóbil a aldeia. Asfixiava, sentia que tal sedentarismo a matava.

Num repelão brusco do inconsciente, chamou, berrou:

— Paco! Ó Paco, anda cá.

Abeirou-se da janela aberta, pôs as duas mãos no peitoril, com fôrça. Seus húmidos olhos de cigana correram pelo vale fundo, subiram aos montes... Espreguiçou-se levemente — e a espreguiçar-se lembrava felino ao fim do sono.

Nas escaleiras interiores, que da taverna davam para o primeiro piso, ela ouviu as bo-

Slhi

tifarras do Paco. Ouviu-as ainda na sala pegada, depois a dois passos. Então, sem se voltar, ela disse numa voz fria de mando:

— Àmanhã partimos...

As duas palavras pareceram encher a quadra tôda.

— Não! — opôs êle.

Rápida, a tremer de cólera, voltou-se Lenita. Abria já a bôca larga para impor sua vontade. Vendo um estranho no quarto parou, testa franzida, hesitante. Mas não podendo dominar-se, repetiu:

— Partimos àmanhã, já disse!

Paco enfureceu-se:

— Não! Aqui quem manda, sou eu.

Vergada para a frente, dentes cerrados, cara a tocar na cara do amante, ela sibilou:

— Quê?... Quê?... Em mim ninguém manda. Entendeu? Ninguém! — Tremia como uma erva vergastada.

Encolhendo os ombros, Paco disse virado para Miguel:

— Saíu-me uma tal bêbeda!

Desandava.

Slhi

— E você um tal corno.

Frio como um punhal que desce, o insulto bateu-lhe em cheio fazendo-o dar meia volta.

— Com mil diabos, eu desanco êste coirão... — e o punho, crispado, balanceou no ar pronto a caír.

Segurando-lhe no braço, Miguel susteve todo aquele furor desencadeado:

— Tenha paciência, na minha frente não lhe bate.

Êle rodou. E todo raivoso bateu a porta com violência.

Frente a frente, Miguel e Lenita olharam-se. Olharam-se por largos minutos, sem dizerem palavra ou fazerem um gesto. Por fim, descendo os olhos, ela agradeceu, baixinho:

— Obrigada!

Estava nervosa.

— Eu é que agradeço por ter podido ser-lhe útil.

Ficou-se a admirá-la, muito feliz.

— Mesmo assim.

Houve um grande silêncio entre ambos.

Slhi

Da taverna subia uma confusão de vozes, altercando. Defronte, nas janelas viradas a poente, o sol reverberava.

Ela pegou das tesouras — e ouviu-se o papel ranger mordido pelo aço. O ar, imóvel, pesava nas coisas e nos seres.

Miguel, pensou: «está-se bem, aqui!» Mas melindrado com aquela indiferença, deu as boas-tardes. A voz dela, porém, elevou-se e foi cair-lhe na alma, como uma benção:

— Pode ficar...

O coração bateu-lhe num ritmo desordenado. Sentia arrepios frios, na nuca.

Chapéu sôbre os joelhos sentou-se; os olhos, de tão fixos, dir-se-ia quererem devorá-la.

— Sempre parte, àmanhã?

— Sim, àmanhã sem falta.

Voz ajoelhada, num cício, êle pediu, implorou:

— Não vá!

Numa espantada, muda interrogação, ela fitou-o a direito, séria. Depois, num sonoro riso de cristais que se tocam:

— Porquê?

Ferido pela gargalhada escarninha a vibrar ainda na sala, êle não teve coragem de dizer o que o coração, e mais que o coração, o desejo, lhe pedia que dissesse. Tergiversou:

— Mas se *êle* não quere, se *êle* não deixa...

— Cale-se com isso!

O perfil tornara-se-lhe duro.

— Julga que a minha vontade se verga à vontade de alguém?

Tinha levantado a cabeça num gesto adorável de altivez. Confessou:

— Há pouco a ira do Paco foi fingida. Os homens são sempre assim: gostam de armar em senhores.

— Acredito.

— Não tenha dúvidas; se estivéssemos sós não se atrevia a fazer o que fêz. Não se atrevia, digo-lho eu.

Os olhos tornavam-se-lhe mais pretos, mais brilhantes, quási hostis.

— É um tolo! — acrescentou.

— Você, no entanto, gosta dele...

— Gosto dele, eu?!

Sem razão pôs-se a rir doidamente, doida-

mente. De-repente pediu, também ela implorou, num cício:

— Não me fale mais em tal homem.

Começara a ordenar as pétalas já frisadas nos rebordos. Na extremidade do arame envolto em papel verde a rosa surgiu de-pressa, uma rosa vermelha, magnífica. Essa acabada passou a outra, logo a uma terceira... Por fim, olhando-o nos olhos, muito meiga, ofereceu:

— Vou fazer uma para si. Quere?

— Se quero!

O sangue latejava-lhe nas têmporas. Sentia ímpetos de se lhe atirar de joelhos, confessar o amor que o minava, rasgar-lhe as roupas, mordê-la, matá-la com beijos, subjugada, na cama, ali ao lado, para onde a levaria ao colo, encostada ao peito.

— Que tem, dói-lhe alguma coisa?

— Nada! Não me dói nada! Porque pregunta?

— Vejo-o tão pálido!

Êle arrojou o chapéu sôbre a mesa, levantou-se, foi para a janela.

O sol rasoirava os montes. Em baixo, na taverna, a disputa findara. Ouviam-se môscas zumbir; algumas, atraídas pela luz, iam de encontro aos vidros, onde ficavam batendo as asas, num desespêro angustiado. Um infinito langor amodorrava a terra.

A pensar qual seria a melhor maneira de fazer com que o seu desejo despertasse os desejos de Lenita, se ficou Miguel, por largo tempo, sem dar palavra. Pesou os prós e os contras dum rôr de métodos, acabando por rememorar as ocasiões semelhantes em que se vira.

No palheiro do Delmar, certa tarde, por sinal que chovia a cântaros, agarrara a Maria Pedra pelos pulsos, e sem abrir a bôca foi-a puxando, puxando... Enlaçou-a. Tombaram sôbre a palha centeeira, que estalava. Ela, como uma borrega, só os olhos muito abertos, entregara-se. De outra vez, em Viseu, topou a Palmira, a criada, a fazer-lhe a cama. Essa lutara, dissera que não, que gritava... Afinal possuíra-a da mesma forma, entre beijos. Na festa dos Remédios... Não findou

Slhi

as reminiscências. Dominador, esporões salientes, crista orgulhosa, um galo surdiu, dum quelho. A meio da ruela parou, estendeu o pescoço ricamente emplumado, lançando aos altos um có-có-ró-có festivo, agudo, cristalino.

Uma franga pedrês esgaravatava perto invisíveis alimentos. O galo endireitou a ela, fêz-lhe um cêrco de asa a arrastar... E rápido firmou o bico na cabecita da amante de ocasião, saltou...

Aquela lição tão simples e tão altiva, lição que êle sabia de cor e salteado, deixou em sua alma o travor duma ofensa. Não se conteve mais:

— Lenita!...

— Que é?

Êle pegou-lhe nas mãos, quis puxá-la.

— Deixe-me... Vá, deixe-me...

Debatia-se; e debatendo-se ria alto, o corpo todo sacudido por tremuras nervosas, como se um fluido histérico a corresse.

— Ouça...

— Não ouço nada. Largue-me!

— Tenha compaixão, Lenita!

As asas do nariz dilatavam-se-lhe, uniam-se, vibráteis e transparentes. Tinha a bôca sêca, os lábios febris. E estava terrìvelmente branco.

Por momentos lutaram em silêncio. Mas ela acabou por falar:

— Olhe que eu zango-me...

— Não! Não!...

— Endoideceu?!

— Mate esta sêde que tenho de si...

Aquele vendaval impetuoso de apetites a bramirem, a estorcerem-se, apossava-se dela. Pressentiu que cedia, que se ia entregar, tôda enlanguescida por o torpor suave e escaldante a um tempo, que as mãos dele lhe transmitiam. Então, num esfôrço titânico da vontade retesada, desprendeu-se.

Ficaram calados. Miguel, confuso, ôco de ideias como um batalhador depois de perder uma peleja, pálido de morte; afogueada mas risonha, olhando os pulsos arroxeados com marcas brancas de dedos, Lenita.

— Irra! julguei que ia comer-me.

Slhj

Estendendo o braço para o chapéu, sem mesmo levantar a cabeça, êle rogou:

— Perdôe!

— Vai-se?

— Sim.

— Está zangado...

— Estou... comigo.

— Mas espere, conversemos... E ainda não tem a sua flor. Ou já a não quere?

Êle ergueu os olhos e viu os olhos dela, cheios de promessas, a procurarem os seus. Fascinado deu um passo, quási ajoelhou, as mãos estendidas.

— Sente-se e tenha juïzinho.

— É o que as mulheres sabem dizer! — afirmou com uma pontinha de desdém.

Ela sorriu.

— Que apressado você é, Jesus!

— Se estou louco por si!

— Vá!, senhor... A sua graça qual é, afinal?

— Miguel. Miguel Avelar.

— Não foi o santo do seu nome que comandou a batalha dos anjos fieis a Deus contra os anjos rebeldes?

Slhi

— Julgo que sim. Ao certo só sei que a amo.

— É um descendente de S. Miguel, não há que ver!

— Não troce!

— Mas eu não troço...!

— Diga então que gosta de mim, um só bocadinho que seja...

Já não havia sol. Contudo, a atmosfera parecia mais quente. No aposento via-se menos — e a cama encostada à parede, ao fundo, mal se divisava na penumbra baça.

A mulher do Sebastião cantarolava a forjicar a ceia. No traço da porta, de gatinhas, apareceu o Salazar, meio nu, bôca sem dentes aberta num riso alvar.

Emquanto lhe prendia a rosa na botoeira do casaco, ela preguntou, hálito a beijar-lhe a pele do rosto:

— Com quem vive?

Sentindo os cobiçados lábios tão próximos de seus lábios, Miguel fêz movimento para beijá-los.

— Esteja quietinho...

Slhj

Dando-se, por brincadeira, uns ares de zangada:

— Com quem vive, não ouviu?

— Que lhe pode interessar...?

— Diga sempre.

— Pois aí vai...

E disse que vivia com uma tia octogenária, ao fundo da aldeia, numa casa amarela, de sacadas viradas para o rio.

Ela ficou silenciosa, vagamente distante e a modos que indecisa. Depois, numa pressa, segredou:

— Logo vou consigo. Aceita?

Ficara à espera, muito grave.

— Mas tu vais... vais?

Apertava-a nos braços, atirava-lhe beijos pelos cabelos, pelos olhos, pelo pescoço, numa alegria impulsiva, um tanto ridícula.

— Logo, sim?

Empurrava-o, desprendia-se meigamente, tôda feliz por se ver assim amada.

— Logo...— e já de pé, o seio a arfar, ofereceu-lhe os lábios para um beijo, que foi longo e cálido.

Slhi

*

* *

A sala cheia que nem pinha foi-se despovoando. Fora, na rua, ainda por instantes grupos estacaram em conversa. Após o que dispersaram, deixando um rasto de risos, palavras de admiração — sons que lentamente foram morrendo na grande noite amortalhada em branco.

Encostado ao cunhal da igreja Miguel esperou. Imponderável, fugindo a todo o cálculo, uma lassidão suave invadia-o, como se a ideia de bem cedo ter a Lenita no seu quarto, lhe actuasse no cérebro à maneira de narcótico.

De redor as coisas perdiam-se numa letargia imensa. No alto da tôrre — agulha descomunal a coser descomunais tapeçarias — o relógio bateu a uma hora. Na larga paz nocturna a badalada escorreu triste, primeiro, pairou, depois, num grácil vôo planado, depois ainda ampliou-se num agudo grito de *gong*, até desfalecer num soluço de criança sufocada.

Slhj

Como se esperassem uma ordem mil vagos aromas, todos dispares, surdiram nas asas subtis duma brisa maneirinha.

... E tôda a Natureza pareceu agitar-se num frémito de voluptuosidade sem par, absorvente, cortada de espasmos, diálogos mudos, beijos imateriais sugando almas, hálitos esbraseados, súplicas, gemidos de prazer...

A plenos pulmões aspirou Miguel todo aquele confuso, penetrante labor. Dir-se-ia que um fluxo de sensualidade o penetrava, o trespassava. Desesperou-se então com a demora de Lenita. A ideia de que tivesse sido ludibriado assaltou-o. «Se ela me enganasse?»

Frente àquela dúvida não pôde conter-se. Atravessou o largo, levantou a aldrava, bateu. As pancadas ressoaram fortes. Mas ninguém deu resposta. Bateu de-novo, agora com mais fôrça. Depois pôs-se a chamar em grandes brados. A sua voz parecia chorar.

Na bocarra da rua passos indecisos estreloiçaram, a brasa dum cigarro brilhou. Êle ca-

lou-se. Mas, já de chaile pelas costas, ela disse para baixo, esborcinada da janela:

— Só um instante...

Por ali perto um grilo elevou o seu gri-gri alegre. Logo no peito de Miguel cantaram todos os alegres grilos do mundo.

Ao ouvir ranger a porta voltou-se, numa tremura. E não lhe disse nada, esquecido a olhá-la. Lenita vinha radiosa: decote fundo chegando até as primeiras elevações das pomas, cabelos descendo em caracóis sôbre os ombros, chaile de fartas franjas pendendo ao lado.

— O que te fiz esperar! Desculpa, sim?

Estendeu a cabeça, e, estendendo-a, ofereceu-lhe a bôca. Beijaram-se.

Ao fundo um vulto emergia da sombra.

— O Paco está além...

Indicou o lugar com um gesto manso. E, achegando-se a êle, inquiriu:

— Tens mêdo?

Apertando-a nos braços, pela cinta, Miguel beijou-a no pescoço, vergada para trás, sob o queixo.

— Nem de Deus!

— Então, vamos...

Muito juntos, como dois noivos a passeio, despediram-se vagarosamente. A sombra do vulto mexeu-se, deslizou no encalço deles.

No ar amodorrado os esponsais do segundo reino pressentiam-se mais nítidos: as próprias coisas pareciam saír da sua indiferença multimilenária e comungar naquele desvairamento de multiplicação.

Muito redonda, muito lustrosa, a lua cirandava sôbre o casario, tão perto que cavalo alentado em duas guinadas regulares poderia despenhá-la com as patas. E peneirava uma poeira tão fina, tão branca, que nem o mais apertado crivo joeirando a mais imponderável farinha lhe levaria a palma.

— Gosto assim das noites — disse Lenita.

— Eu gosto de ti.

O vulto seguia-os embrulhado no seu silêncio. Miguel ennervou-se:

— Que desejará aquele cachorro? Espera...

Quis desprender-se. Ela não consentiu:

— Não!

Segurava-o. De-repente, sem motivo, deitou a rir em altos risos, os quais tomavam no sossêgo circundante amplitudes desmesuradas.

— Disputas com aquilo! Fugia, crê.

Tinha parado; e formando com os braços cadeia, dependurava-se-lhe das espáduas, peito contra peito, bôca contra bôca, sensual e terna.

Do seu poiso, um talude relvado, Paco ladrou:

— És pior que as mulheres da viela, estupor! Oxalá que Deus te cubra de tanto vírus que teu corpo seja chaga aberta, tão grande, que até os cãis te mijem em cima.

Erguera a mão, que de longe parecia guante medieval conjurando favores ao Omnipotente.

— Oxalá, cabra. Oxalá!

Miguel tremia.

— Deixa-me ir... — pediu.

— Ora! É um sevandija, não faças caso.

Slhi

Roçava a curva luxuriosa do seu ventre no ventre de Miguel, escondendo-o todo nos seus braços, no seu peito...

— Vamos, meu amor, dá-me beijos. Sim, assim...

Foram seguindo. A casa erguia-se tranqüila a tiro de funda. Ao deslado os altos muros do cemitério projectavam nódoas de negrume na toalha de luar, estendida e ampla, muito engomada. Os ciprestes, vistos assim a distância, eram direitos, silenciosos dedos de gigante apontando misteriosas coisas no mistério do infinito.

Abrindo a porta, Miguel preveniu:

— Cautela, não te magoues. — E mais baixo:

— Dá-me a tua mão.

Ela segredou:

— Pareço uma cèguinha de gota serena guiada por um belo rapaz caritativo.

Quando chegaram ao quarto êle acendeu o candieiro a petróleo. Ela teve um espanto de criança:

— Que quarto tão grande!... Não tens

mêdo nas noites de inverno, aqui só, com o cemitério ali, a dois passos?

Tinha-se chegado para o espelho onde se mirava, tôda sorridente. Miguel tirou-lhe o chaile. E segurando-a pelas espáduas beijou-a na nuca, longamente. Depois ergueu-a nos braços, dirigiu-se para a cama, encostada à parede, no outro lado do aposento.

A luz, que era froixa, deixava o leito numa semi-obscuridade penumbrosa, apenas dobra de lençol e fronha sobressaíndo naquela indecisão com tons alvadios fortes.

Ajoelhado no tapete de lã vermelha que uma silva florida debruava, êle tirou-lhe os sapatos, tirou-lhe as meias, beijou os pequeninos pés nus, as pernas, os joelhos, num delírio. Suas mãos andaram tateando, ora subindo ora descendo, doidas, doidas. Quis despi-la. Ela opôs-se. Que a deixasse, só, um instante. Só um instante.

Empurrava-o para a porta. Como êle resistisse:

— Faze-me a vontade, amor. Só cinco minutos, verás...

Slhi

Saíu — ficando na sala vizinha, cigarro aceso, à espera. Em frente, aberta sôbre a noite, a janela era bôca enorme a engulir luar. Manso e manso êle escorria, escaiolando móveis, abrindo reposteiros de espuma nas paredes, atapetando o soalho de imponderáveis bretanhas, levemente doiradas.

Para os fundos do quintal, a rezar uma reza sem mérito, as águas da ribeira chocalhavam a caír no açude. Longe, lá muito em cima, a poeira prateada da Via-láctea resplandecia na curva sideral do firmamento — e os olhos de Miguel corriam-na numa abstracção vagamente lembrado que outras muitas vezes, dali mesmo, sentira o espírito desprender-se no encalço dos mistérios guardados por êsses mundos distantes, tão distantes que pareciam minúsculos botões de oiro acolchetando um manto azul.

Velada, mais veludínea que macio veludo, veio a voz de Lenita acariciar-lhe o tímpano:

— Entra.

A luz descida do candieiro punha no

papel da parede uma manchazita de sangue vivo. O resto era sombra, penumbra...

— Sobe a luz — disse ela.

De pé, rente à cama, Miguel quedou varado num deslumbramento. Estendida, magnìficamente nua, Lenita olhava-o num sorriso. Seu belo corpo de estátua ressaltava da alvura dos lençóis como um mármore boleado. Nela tudo era ritmo — linhas e formas; tudo voluptuosidade: sonho de carne a desfazer-se em prece, anelo de virgem a tornar-se luxúria.

Soltara as longas tranças sôbre o tronco cinzelado. Uma descia do ombro esquerdo, coleava pelo ventre, para ir caír, cingida à coxa direita, na alvura do linho, como um fio de água negra que tombasse num lago de prata. A outra, escorrendo entre o rêgo dos seios, enroscava-se até ir morrer no mamilo róseo à maneira das cobras ladras que, na escuridão, vão furtar à teta da mãi adormecida o leite do crianço esfomeado.

Enlevado e mudo, curvou-se Miguel. Curvou-se, foi-se curvando, mais e mais — arca

Slhi

do peito dilatada, olhar ardente — até tocar, acariciar a carne de maravilha com sua bôca faminta. Ar de triunfo, mas de aflição também, foi o seu nesse instante. O *delirium tremens* apossou-se dele. Não teve mais a noção do tempo, do espaço, da vida e da morte. Todos os sons tinham cessado. A sensação do movimento fôra-se. Pensamentos, os próprios desejos findaram. Era tudo ôco — tudo informe. A-pesar, porém, das sensações de vazio, de estabilidade na desordem, de «fim», Miguel sentia no crânio um torvelinho e como que um acréscimo de vitalidade nos músculos, no sangue e no querer.

Por fim não sabia mais se beijava, se mordia — tendo apenas uma longínqua ideia, mais esfumada e vaga que sonho nebuloso, que seus lábios não deixaram milímetro de pele onde não tivessem ido buscar calmante para a febre que o ensandecia.

Slhi

*

* *

Quando Lenita se aprestou para partir ainda estrêlas, embora já bem raras, lucilavam na concha funda do céu. Contudo, dos campos não subia já a voluptuosidade amarfanhante dos vegetais.

Aconchegando-lhe o chaile ao seio fatigado, Miguel pediu uma vez ainda:

— Não vás hoje.

Por resposta ela riu o seu riso quente e luminoso que lembrava o sol da Andaluzia.

— Que rumo levas?

Sabia lá! Nos imprevistos do acaso firmava a única esperança de felicidade. Tomaria um caminho, um qualquer, o primeiro. Iria...

— Olha, meu amor, não queiras saber o que eu não sei dizer-te. Vou andar, ver horizontes novos, árvores novas, novos céus e novos montes e é o que sei. E é o que me basta.

Ficou-se a pensar, alheada, como se as

Slhi

saüdades do que não vira ainda a torturassem.

— Fica comigo. Serei teu escravo, teremos uma casinha, um quintal, flôres...

— Morria!

— Serias feliz embrulhada na minha ventura.

— A minha ventura está além... — apontava os longes. E reatando: — Ouve. Já procuraste prender, num quarto, um raio de sol?

— Era lá possível!

Pois ela era isso, pelo menos ardia em o ser. Um raio de sol que bebesse em todos os ares, aspirasse todos os aromas, se dessedentasse em tôdas as fontes, se perdesse em todos os mares...

— Não te compreendo, mas irei contigo.

Mansamente, tristemente ela moveu a cabeça, numa recusa.

— És minha, não te deixo mais. Irei para o fim do mundo, para o inferno. O que quero é ter-te.

Para a vida dela, vida sem destino, só a liberdade contava. Com a saciedade, de resto,

viria o arrependimento, a nostalgia da família abandonada, o remorso da fuga. Então compararia o que era com o que poderia ter sido. E a certeza de que tudo trocara por uma vã quimera, tornar-lhe-ia insuportável o viver de judeu errante.

— Acredita, para se estar em equilíbrio com esta vida desiquilibrada só nascendo-se nela. Tu não a compreenderias nunca — e por mais que a vivesses não tirarias dela outra coisa que não fôsse o veneno dum martírio lento.

— E Paco?

— Oh o Paco!...

— Êsse não tolhe os teus movimentos, não cerceia a tua liberdade!

Havia um amargor de ciúme nas palavras de Miguel.

— Não digas isso... — e de sua voz pareciam escorrer lágrimas. — Êle deve estar por aí. É um meu irmão na ânsia que me devora. A razão porque o tolero é essa.

Atirou-se-lhe ao peito, desfeita em prantos, numa dôr histérica irreprimível.

— Se tivesse que amar alguém era a ti — só a ti...

... De cima, da janela, êle viu-a afastar-se por entre o dealbar da manhã.

A seu lado, Paco, bamboleando-se nas altas gambiarras de andarilho, abria a tenaz dos longos braços como quem tenta abarcar o mundo, ou talvez suplicando perdões à enigmática alma insatisfeita.

AS DUAS TELAS

Eu tive um tio — o risonho titi Vasco — dado a altas, sonantes especulações filosóficas. A morte levou-o há já uma boa dúzia de anos. Pois a-pesar-disso lembro-me dele como se nos tivéssemos separado ontem. Era miúdinho de estatura, sêco de carnes, mas de inteligência muito viva e curiosa. Claudicava um pouco da perna esquerda, e quando se irritava, o que raro acontecia, tinha uma certa maneira de contraír as sobrancelhas que o tornava sumamente divertido. Além do afecto votado aos seus livros, ao seu cachimbo e a mim, amava de-veras umas begónias, por sinal formosíssimas, que êle próprio tratava numa pequena estufa, ao fundo da varanda soalheira.

Emquanto morei na companhia do papá — a mamã pagou o tributo de viver e de amar no mesmo leito e na mesma hora em

Slhi

que nasci — mal o vira umas quatro ou cinco vezes, de relance — e isto porque entre êle e o meu progenitor havia alguma coisa de muito forte a separá-los.

Durante essas rápidas visitas dava-me apenas umas pancadinhas na face com os seus dedos magros. Nunca me levou bombons nem me fêz rir. Por estas razões, de-certo, eu não o estimava. Entretanto, creio que ao ir a nossa casa o fazia ùnicamente por mim.

Depois, de-repente, numa doce manhã de abril, o papá foi encontrado sem vida no meio do quarto, ainda despenteado e em chinelos. O tio Vasco veio à tarde — e logo que o caixão foi pôsto num carro puxado por dois cavalos brancos todos empenachados e cobertos por colchas negras, pegou-me na mão e levou-me.

Eu tinha então dez anos e era muito pálido e sensível. A morte do papá deixara-me um grande vácuo no coração e nos primeiros tempos que passei na quinta do titi não fazia outra coisa senão chorar. A casa, por seu lado, de salas enormes e silenciosas, aumentava

Slhi

ainda a tristeza que me sufocava. A minha vontade era ir juntar-me ao papá, morrer.

O tio Vasco, contudo, tratava-me muito bem. Contava anedotas para me distraír, comprava-me livros de estampas e à noite, ao fim do jantar, como o tempo corria suave, levava-me para o jardim, para um banco de cortiça que havia junto ao tanque — e aí ficávamos calados: eu a ouvir a melopeia da água a tombar, êle afagando-me os cabelos, de mansinho.

Ao princípio esta ternura do titi não me agradou. Mas ao fim de uma semana sentia-me todo feliz quando seus dedos finos acariciavam meus cabelos — tudo me dizendo que aquele carinho era alguma coisa de muito forte, a que a minha fraqueza de criança com solidez se podia amparar.

Deixei então de sentir o empenho amargo de morrer. A imagem do papá começou a aparecer-me muito vaga, num passado que dir-se-ia muito remoto. E assim, serenamente, cheguei aos dezasseis anos.

Slhi

*

* *

Meu tio possuía no seu quarto, mesmo por cima da mesa de cabeceira, duas telas enormes suspensas da parede por fios amarelos de retrós.

Eram antigas, as tintas esmaecidas por aqui, por ali, as molduras dando um triste aspecto de caduquice no seu verniz negro, muito severo, quási sem brilhos. Adquirira-as a pêso de oiro em determinada cidadezinha da Alemanha — e trouxera-as amorosamente embrulhadas em papel lustroso.

Um dos quadros — mediam sensívelmente o mesmo — representava um velho de longas barbas brancas e mãos alevantadas em largos gestos de bênção. Reconheci-o à primeira olhadela. Era Deus, o Senhor Absoluto do mundo, de todos os mundos.

No outro quadro via-se um homem novo, direito e alto, todo sereno na sua robustez juvenil. Vestia uma malha vermelha tão colante que com nitidez lhe ressaltavam a ossatura

Slhi

férrea, a estriada musculatura, tôda uma complexa anatomia. Sua barbicha talhada em cunha era negra como carvão, e isto junto ao seu sorriso inexplicável e audaz olhar, tornavam-no de-veras enigmático e inquietante. Sôbre sua identidade não duvidei a milésima de segundo. Tudo me dizia, mòrmente aquela barbicha negra e acerada, que na minha frente estava Satanás — o insidioso, matreiro Satanás.

Esta certeza pôs-me todo nervoso. Entretanto sentia-me como que fascinado — não sei se da malha côr de sangue, se daquele olhar glacial que me entrava nas carnes como navalha muito longa e fina. Tinha mesmo a sensação de que êsse olhar me penetrava até a alma; até a alma que se ficava a revolver num gôzo demorado e mau.

Todo êsse dia andei agitado. Peguei num livro e não consegui ler uma linha, sentava-me e uma necessidade imperiosa fazia-me levantar, desci ao jardim e antes de ter chegado à pequena bacia de granito onde a água gorgolejava, retrocedi. À noite, mal o

Slhi

jantar findou, encafuei-me na cama. Não tinha sono e por muito tempo quedei desperto, silencioso e imóvel, olhos fixos nas estrêlas que via através dos vidros da janela. Durante essas compridas horas de vigília pensei em mil coisas, mas tão confusas que cheguei a preguntar-me se teria febre. Em determinada altura, para os fundos da quinta, o *Pimpão,* um rafeiro magricelas de pêlo às malhas pôs-se a uivar lamentosamente. Eu senti a carne arrepiada e um desejo súbito, angustioso de gritar. No entanto não abri a bôca, tôda a vontade agrilhoada pela emoção daquele insensato, repentino pavor. Mais cansado que se tivesse feito marcha de léguas, acabei por adormecer. Mas sôbre a manhã — ainda o luar regava os campos — encontrei-me no meio do quarto, quási nu, a esbracejar de mãos muito estendidas.

Sonhara não sabia bem o quê, mas algo de aflitivo, tinha a certeza, pois o coração batia-me tão fortemente nas paredes do seio, que lembrava um toiro a dar marradas num taipal. De resto todo eu suava e tremia; e

na garganta lá estava a estranha sensação dum laço que, sem doer, fôsse apertando, sufocando — o que nunca me acontecera senão nas horas dos violentos abalos ou dos grandes mêdos.

Porém, de tôdas aquelas visões que me escapavam, alguma coisa surgia, não com nitidez absoluta, é certo, antes como uma luz que se lobriga através duma névoa — e vinha a ser o chocarreiro sorriso de Satanás, seu olhar verrumador e aquelas vestes horríveis que faziam lembrar uma chama corporizada: o Satanás membrudo e arrogante da tela.

Desde êsse dia eu fugi de ir ao quarto de meu tio, e se minha presença fôsse de todo indispensável lá, entrava de olhos no chão e de olhos no chão saía sem me atrever a encarar a face perturbadora do Inimigo. Isso não obstava a que amiúde a imagem dele se erguesse na minha frente, pois me ficara gravado na memória, como um baixo-relêvo em granito.

Ora eu cria em Deus, a quem tôdas as noites, após persignar-me devotamente, devo-

Slhj

tamente rezava, mãos postas, pálpebras descidas, já entre a quentura doce dos lençóis. No Demo cria também; cria até onde a existência do Ser Omnipotente o desculpava, mas negando-lhe, com tôda a veemência da minha fé, um poder igual ao do Ente Supremo. Desta forma eu não podia compreender a companhia insensata dos dois quadros, no quarto do titi, como se de dois amigos se tratasse. O meu pensamento constante era que em tal camaradagem, além do sacrilégio medonho, havia um propositado ultrage à minha crença. E, assim, numa oxigenada e fulva manhã de maio, quando tomávamos o café na ampla varanda envidraçada, com valentia falei no assunto ao meu risonho titi Vasco.

— «Tu, meu filho, — disse-me o metafísico subtil continuando a barrar de manteiga uma fatia de pão—nunca abriste filosofia, prova de que a curiosidade de indagar a razão de ser, a causa dos princípios e das próprias causas, jàmais te beliscou. Não afirmo que existência dessas seja impossível, visto que vives e estás na minha presença, mas dificilmente a com-

Slhi

preendendo. E a tua ignorância dói-me, crê. Ainda há pouco, ao falares de Deus, me lembraste um sacristão de aldeia. Deus e Satan para não morrerem necessitam um do outro. Não duvides, filho. Isto é tão irrecusàvelmente verídico como o mar, o egoísmo dos homens e o fogo fátuo dos nossos anseios. Os dois, portanto, formam uma obra em dois volumes. Uma obra que muitos classificam de maravilhosa, de faceta, outros. Por mim não a julgo uma nem outra coisa. Mas que seja superior ou vulgar não faz ao caso. O importante — e nisso reside a sabedoria máxima — é folhear um ou outro conforme a necessidade de momento. Porque em minha consciência te digo: sendo os dois infólios por igual volumosos e sapientes por igual — sérios não afirmo que sejam —, eu não sei qual deles valha mais. Não protestes, menino, não protestes! A grandeza de Jehová, a bondade de Jehová, o doce e bom e largo coração de Jehová, não é? Mas considera, filho! Tôda essa bondade, essa doçura, essa larga e infinita doçura tem valimento porque o

Slhi

outro lho empresta. Senão, vê: estripado o vício que fica à inocência, assassinada a morte que vale a medicina, escorraçada a fome que é a caridade? Logo, meu puro, meu ingénuo amigo, tens de aceitar, quer queiras quer não, esta verdade indiscutível: Deus é um complemento de Satanás ou, se preferes, Satanás um complemento de Deus. Em qualquer dos casos, e embora na aparência seja um contra-senso, um é o oxigénio do outro. E, se assentarmos na hipótese, muito plausível, de que um venha a perecer na certeza universal, o outro sucumbirá de seguida, tendo que ir ambos, lado a lado, a enterrar no mesmo caixão. Certo como favas contadas, pequeno... E muito folgaria, sincero, sincero, que repartisses um pouco do teu carinho e da tua fé pelo ex-arcanjo tombado, visto como êle é o maior, estava em dizer o único cabouqueiro da possibilidade e equilíbrio do Senhor, nos céus, e das suas delegacias, na terra».

Ouvindo a impiedade lividec i, ficando a esmoer pelo tempo fora, nas profundezas ín-

Slhi

timas da crença magoada, um ressentimento em desfavor do homem louco que tão loucamente ria das coisas santas. Às vezes, até, quando a recordação de que êle era do meu sangue mé surgia, o ressentimento mudava em ódio, um ódio que me envergonhava, mas a que não havia maneira de furtar-me. E foi preciso que a morte, uma noite, num salto brusco de felino, lhe extinguisse no cansado corpo a chama do pensamento, para que aquela aversão se aquietasse em meu seio.

Sinceramente o pranteei — e desde o infausto dia, na enternecida hora das orações, sempre a minha memória o arrancava ao túmulo, emquanto os lábios, reza, reza, impetravam dos altos uma grande paz para o seu pobre espírito de pecador.

Verdade é que o bom titi instituindo-me herdeiro único de copiosos bens, tinha jus a êste amor além do passamento. Todavia em minha consciência religiosamente dogmática via-me desquitado do gesto liberal tendo de guardar, futuro adiante, numa camaradagem

Slhi

absurda, os dois quadros que lhe velavam o sono por sôbre a cabeceira da cama.

Além das duas telas e dos seus haveres, deixou-me ainda o saüdoso titi uma carta longa de vinte páginas que guardo com avareza.

É uma carta inestimável. Calma, amável, sensata. Mas nem sempre me pareceu assim. As primeiras vezes que a li só vi nela ironia, enigma, um tom agressivo mal velado, paixão. Cem e uma vez, cotovêlos fincados no tampo da secretária, têmporas espremidas no vigor dos dedos, eu tentei perscrutar-lhe os intentos, determinar-lhe o norte. Sobretudo o final, aviso e conselho, punha-me inquieto:

...«E não esqueças, louco a quem a ilusão torna mais cândido que pássaro a espenujar-se sôbre armadilha solerte, não esqueças a hora de dúvida que desde o Génesis, no transcorrer de milénios e milénios, vem assaltando as almas com a mesma naturalidade e a mesma audácia com que um qualquer larápio nos entra em casa. Nessa hora de ansiedade infinita perceberás, mas só então, quanto é prudente o meu legado.

Slhi

... E se em momento mais trágico a loucura da destruïção te possuir, não hesites. Mas ouve bem, só os dois. Por fim, em voz alta, para serenares, lê Schopenhauer».

Ficava-me a pensar, a pensar... A loucura da destruïção! Sim, vezes sem conta eu havia sentido já o veemente desejo a queimar-me sempre que, ao pôr pé no quarto, pressentia o olhar oblíquo de Lucifer, alto, medonho na sua veste sangrenta, a perseguir-me numa obsessão intolerável. Mas havia o outro, o querido Pai do Céu, ao lado, que era preciso imolar também. E eu não podia... Eu não podia... Até que uma tarde, peneiravam as alturas uma chuva miúdinha, muito mansa, apeei da parede, para fugir à pupila acesa do Inimigo, os dois óleos. No acto de recolher ao esquecimento do armário o quadro onde o grande Deus mostrava os puros olhos ardendo em inefáveis bondades, estive, vai, não vai, a desistir do meu intento. Parecia-me profanação atirar assim, para as trevas indiferentes duma mísera tumba de seis palmos, o senhor de tudo que existe e do

Slhi

que apenas vive na hipótese, da substância e do espírito, das intenções e dos actos. Mas lá estava a fixar-me o ôlho minaz do ex-arcanjo tombado.

Então não pude mais. Agarrei com raiva na tela odiada, arrojei-a para o fundo escuro do móvel, gritei-lhe: — Pois bem, fica aí para sempre, maldita, para sempre...

Com amoráveis cuidados acomodei o segundo quadro, e mais triste que sacerdote a quem tivessem tirado a fé, desandei.

*

* *

Ora um domingo, quando assistia à missa no convento todo recolhido na sua quietude e evocadora velhice, um santo que repoisava em alta peanha veio a terra e com estrondo esfacelou-se nas lájeas. Mãos pias acorreram prestes, e com unção, devotamente, arrebanharam pelo piso duro os bocados esparsos do mártir.

Eu fiquei suspenso e creio que mais branco

Slhi

que a face branca do Cristo descaída naquele jeito macerado com que se amostra na cruz, a soltar o derradeiro alento. Ao resto do sacrifício assisti sem devoção. Dir-se-ia que entre mim e o padre, entre mim e a nave marulhosa de rezas a subirem num crescendo acelerado de maré, baixara densa cortina. Um não sei quê de muito confuso passava-se-me no íntimo. Não tinha a certeza de estar *ali*, de ter visto o santo tremer, tombar, escaqueirar-se no lajedo. Uma sensação de vazio enorme invadia-me. Sùbitamente, senti-me prêso de mil desencontrados pensamentos, a arrastarem-me para desconhecidas paragens: imagem certa duma bola que fôrça invisível arrasta, que outra fôrça retem, que as duas disputam, que uma nova outra vez põe em movimento, que outra ainda chama a diverso rumo...

...E ao atravessar o adro, o outro eu em que por vezes me desdobro, a rir como um demónio implacável, segredava-me:

— «Vês tu?, os santos diante de quem te curvas e rojas são míseros bocados de gra-

nito que inhábeis escopros talharam no granito. Aquele então — S. Cristóvão, não era?, o forte S. Cristovão! — louça reles, apenas barro inconsistente. Que candura a tua! Ires assim numa leviandade, numa inconsciência vergar a sua frente a uma pedra muda, a um toro de árvore morta, a um bocado de argila amassada»!

Depois foi o titi, umas certas palavras que o titi me dissera uns dias antes de morrer, que acudiram à minha memória. Dissera-me êle:

«Criança! Interroga Deus, os deuses todos que o Homem tem inventado e vê o que te responde, e dize-me o que te respondem. A matéria é pó e volve ao pó; e o pensamento vive emquanto a matéria vive. Do ramo murcho nasce a chama e a chama é labareda a fulgir, calor, novas vidas?... Bem sei. E de ti?, sabes o que nascerá de ti? Um fluido imponderável a ascender no infinito, um aroma a demandar os reinos siderais, uma alma, em suma? Um verme, um milhão de vermes, seiva que dará viço a murtas sequio-

Slhi

sas, talvez a corola vermelha duma dália, a mais não aspires. E no fim isso não é uma ressurreição, também?»

Entrei em casa mais triste do que se viesse de assistir à minha própria morte. Lourença, a governanta, uma boa vélha de cabelos encanecidos, quis saber o que me amargurava. Que não tinha nada, que não me amargurava nada. Ela não insistiu; eu desandei e fui abrir uma bíblia de encadernação rara e papel setinoso. Li a manhã inteira. A calma que eu esperava do livro calmo não veio, porém.

Comecei por essa altura a freqüentar a casa de Deus com mais assiduïdade que nunca; e à noite, ajoelhado frente a uma litografia de Senhora de Fátima, desfiava ladaínhas sem fim.

Os meses corriam. Eu emmagrecera e insensìvelmente ia perdendo a mansidão antiga. A presença de qualquer pessoa tornava-se-me intolerável. De noite curtia as impaciências de longas insónias. Abria os meus livros seráficos onde a resignação é aconselhada como a

Slhj

virtude mais alta; mas a leitura deles só me ennervava. O ruído do pêndulo do relógio no seu ritmo sereno, tic-tac, tic-tac, despertava-me negros pensamentos em que a morte, com seus dois olhos vazados, surgia de fouce recurva, reluzente e implacável. Saltava então da cama, e de pés nus sôbre as tábuas que rangiam, ia de cá para lá, de lá para cá, a todo o comprimento do quarto. Rãs coaxavam no regato, no jardim as fôlhas sussurravam. Depois as rãs emmudeciam, as fôlhas deixavam de sussurrar e grandes silêncios ficavam boiando na noite que o luar enchia. Absorvido em íntimos cismares eu tamborilava nos vidros da janela, nervosamente.

Pelo dia fora era a mesma irritação. Nada me distraía, tudo me cansava. A luz do sol, abundante e crua, punha-me os nervos em tensão; a penumbra da igreja, fresca e recolhida, amolecia-me. As mínimas faltas ditavam-me ásperas censuras; e só porque Lourença, um domingo, demorou um pouco ao meu chamamento ia-me dando uma síncope. Estranhavam-me todos—sobretudo estranhavam meus

Slhi

modos desabridos, os contínuos encolheres de ombros. Cheio de pasmo e horror reconheci certa vez que as dores alheias eram um lenitivo para o mal que me minava. Foi na Páscoa, durante um sermão. O prègador subira ao púlpito e de lá, braço alçado, olhar imóvel, dirigira aos fieis, pávidos de seus modos, alocução medonha. Por sua voz agreste perpassavam todos os horrores do inferno em chamas, todos os padecimentos do purgatório, todos os desesperos das almas que se debatem em eternas trevas, irrompíveis e inexoráveis. Havia soluços abafados na assistência, lágrimas rolando em faces espantadas, peitos encolhidos a estalarem de mêdo. Como se esperassem alguma coisa de brutal e fulminante, ninguém se mexia.

Eu pus-me a olhar. De lés a lés, o sofrimento crescia, quási se tornava palpável. Então uma estranha, monstruosa doçura amainou a inquietude de meu espírito.

Esta descoberta deixou-me sombrio — e o meu azedume recrudesceu. Cheguei a pontos de as próprias coisas me excitarem. As côres

Slhi

vivas e as saliências agudas, mòrmente, tornavam-se-me insuportáveis. E o ruído do relógio passou a ecoar no meu cérebro de maneira tão fúnebre, que tive de o retirar para sala donde me não chegasse o seu tic-tac alucinante.

Tornara-me hostil, violento, muito desconfiado: numa palavra dita mais baixo via logo segredos, intrigas em que o meu nome andava envolvido. Uma tarde cheguei mesmo a ameaçar de pôr Lourença na rua, por um motivo dêstes.

No fim de tais exaltações ficava sempre esgotado, olhar muito fixo, sem vontade de nada, caído numa cadeira como um cadáver. O entendimento parecia fugir-me. E eu tremia. Mas de tudo o que mais me aterrava era o desinterêsse crescente com que dia a dia ia olhando as coisas de Deus. Porque a igreja na sua penumbra e recolhimento não me magoava já, apenas: enfadava-me também. E os sacrifícios da missa, que dantes me pareciam correr fugazes, mostravam-se-me arrastados como vidas compridas,

Slhj

agora. Nas horas de prece, para mais, além de não sentir prazer, com pezar reconhecia conservar-se meu espírito fora de tôda a súplica ou agradecimento que os lábios murmurassem. Muitas vezes, até, já me esquecia de orar. Outras deixava as orações em meio, como se uma súbita e enorme fadiga me prostrasse. Inclusivamente, certa noite, topei-me a inquirir: — «Valerá a pena tentar demover à fôrça de rezas os desígnios do Alto?» Depois, medindo o alcance da blasfémia e chamando-me réprobo, deitei a chorar como uma criança.

Insistentemente, desde esta data, começou a figura do titi a vir ter comigo. Mas, e isto era incompreensível para mim, essa figura surgia-me esfumada pelo tempo e recuada no espaço como se apenas a tivesse lobrigado numa outra vida muito distante. Em contrapartida as conversas que tivera com êle, mais que nenhuma a disputa naquela manhã oxigenada e fulva de maio, ganhavam em meu espírito um singular relêvo de actualidade. Rememorava pormenores insignificantes, infle-

Slhi

xões de vozes, gestos, os próprios silêncios com que entrecortáramos a loqüela.

Estas recordações mais irascível me punham. Chegava a escancarar as janelas, a agitar a atmosfera da sala com uma toalha para que da ânsia renovadora de meu tio, da ironia de meu tio, das suas impiedades não ficasse átomo, ali: na minha alma e no meu quarto. Baldados intentos. Nas paredes brancas rasgavam-se centenas de bôcas que riam o riso mordaz do ateu; os meus livros pios faziam côro; os móveis faziam côro e eu próprio, sem dar por isso, ia psalmodiando: «A religião estéril como ventre amaldiçoado... A religião estéril como ventre amaldiçoado...! Teria razão, o tio Vasco?»

Esta dúvida formulada assim a claro, aterrou-me. Pois eu, realmente, duvidava? Não podia ser, não podia ser! Pus-me a interrogar a Vida, a interrogar-me. Mas a Vida não me respondia e eu não sabia que responder-me. Via tudo negro, em volta. Impetrei Deus: «Que é, Pai, do meu sossêgo antigo? Confio em Ti, refugio-me em Ti e minha alma é mais

Slhi

triste que um túmulo. Porque não mandas, Pai, um raio da tua caridade iluminar as trevas da minha alma? Perdi o norte, tateio como um cego, esbracejo como um náufrago, desespero. Ergui castelos nas nuvens, mas as nuvens moveram-se, depois desfizeram-se e os castelos ruíram; vesti a Vida com tôdas as côres alegres do mundo mas as côres alegres diluíram-se e a Vida ficou de longos crepes pendendo como viúva amargurada a viver a sua dôr e as suas lágrimas. Só o teu amor infinito me resta, Senhor! Porque me não acoitas na tua paz bemdita? Seria asa a proteger esta inquietude, bálsamo a cicatrizar esta chaga. Pai, tu que és Absoluto, sê misericordioso».

*

* *

Uma incerteza atroz começou desde então a enlaçar-me. Erguia aos céus súplicas ardentes onde minha alma ia inteira; mas inùtilmente aguardava que deles baixasse uma réstea da serenidade que em meu seio min-

Slhi

guava. Era tudo impenetrável e mudo, a atmosfera de desconfiança e secura. Se eu ao menos pudesse chorar!

Hoje sorrio-me a estas lembranças, mas a verdade é que êste periodo da minha vida foi bem pavoroso. Não afirmo, realmente, que um homem perdido na imensidão do deserto, estropiado e morto de sêde, não curta angústias maiores. Creio entretanto que não há exagêro em equiparar os meus tormentos aos sofridos por pessoa nessas circunstâncias. Pelo menos custa-me a compreender que a ansiedade morda mais fundo no espírito de alguém.

Interrogações engorgitadas de cepticismo salteavam-me a todo o momento: «Se Deus era todo poderoso por que necessitara seis dias para construir o Universo, se com as faculdades ilimitadas de que dispunha um segundo, a milésima parte de segundo lhe bastava? Por outro lado, sendo Êle o Absoluto, como se compreendia que ao sétimo dia de trabalho se deitasse a descansar? Cansaço pressupõe ausência de fôrças. Mas então também Êle

Slhi

que não tivera começo nem tinha fim, Êle que era eterno, estava sujeito às contingências da vida terrena, isto é, às contingências do infinitamente finito?» Outras vezes inquiria-me: «Por que fieira regulara o Omnipotente — Êle que era o justo por excelência — a justiça com que sentenciou Adão e Eva no Paraíso, logo após a prevaricação? Pois se êles desconheciam o Bem e desconheciam o Mal, como distinguir um do outro antes de provarem o fruto guardador de tal segrêdo?»

Requerida, vinha a razão ao chamamento. Mas o terror dum possível desengano tão íntimo e absorvente surgia ante meu raciocínio, que sempre findava por quedar aturdido. Não obstante eu sentia que uma claridade, vaga muito embora, começava a subir de mim, a iluminar-me. Nada, porém, como as lutas travadas no segrêdo dos espíritos para desbaratar energias. Minha curiosidade estava lassa — e todo o meu ser parecia caír em sonolência, flutuar numa corrente, ao sabor das águas.

Foi então que uma noite, olhos cerrados, meditei: «Cristo existiu, morreu no Calvário,

Slhi

redimiu os homens. O Filho, portanto, prova a existência do Pai». Sorri — e sorrindo caí de joelhos, penitenciei-me: «Senhor, perdoa esta fraqueza tão humana. Fui imprevidente e fui curioso. Não voltarei mais. Os teus mistérios são impenetráveis: tentar desvendá-los é estultícia vã. Somos cisco e queremos chegar aos astros, somos vermes e queremos fazer de águias — eis tudo. Pai, perdoa». Lourença entrava, um castiçal na mão. Abracei-a. Beijei-a. E ri, ri, ri. Ela olhou-me num silencioso espanto em que havia muito de inquietação. Ri mais. Depois, pegando-lhe da cintura arrastei-a, dancei, doido dum contentamento que me causava mágoa.

— «Deus existe, sabes? Deus existe!» — e deixando-me caír na poltrona, os nervos lacerados, chorei de mansinho, longamente.

*

* *

A partir desta noite entrou minha existência num ciclo de que poucas reminiscências

Slhi

guardo. A frouxidão de todo o meu ser aumentava, o pensamento mais fácil valia-me esforços enormes — e, como esta letargia representasse um total apaziguamento das incertezas que dantes me lavravam no seio melhor que arado em terra funda, passou meu viver a deslizar numa doce, invejável calmia. Durante dias, não sei bem se durante meses, a paz morou em mim.

Entretanto eu sabia — sábia-o com certeza absoluta embora o não pensasse — que as dúvidas antigas não estavam amordaçadas, e que ao primeiro ensejo as teria a espancar-me sossêgo e paciência. Pois não é verdade por demais sabida que dente enterrado no pomo da indiscrição tem de se ir até o fim, até o caroço? Retroceder em circunstâncias tais é que de todo se me afigura inconcebível. Nas leis da hereditariedade há um não sei quê de fatal. E, se certo é não ter Eva perdido a lição da serpente, no Paraíso, mais certo ainda não termos nós perdido a lição de nossos pais, pela vida fora. Podemos realmente não escutar às portas, não investigar do procedimento dos

Slhj

vizinhos, não tentar mesmo desmontar as peças do relógio complicado que é o nosso *eu*. Uma vez, porém, caídos em prática destas, por vontade ou sem ela persistiremos. É o caso de mãos lambareiras despirem a blusa a mulher formosa. Em passo semelhante quem ficaria por ali, quem lhe não tiraria as saias uma a uma, até a desnudar, integralmente?

Quando, pois, as indecisões voltaram, não me espantei; alimentei-as. Isto proporcionou-me um prazer inédito não isento da sua porção de martírio — martírio e prazer iguais aos que nos advêm de certas dores propositadamente exacerbadas. Em meu espírito de resto não mordia já a louca ansiedade doutros tempos, sendo levado a admitir que algo de muito obscuro e de maneira muito lenta se transformara em mim. Um desejo, um único, passou então a ocupar-me as horas: descansar numa certeza, com Deus ou sem Êle. Não era um empenho inquieto, êste, mas antes um propósito firme, calmo, absolutamente controlado. Uma confiança esplendida começava a fluir de mim — emquanto uma sensação de

Slhj

alívio, subtil e funda, agradabilíssima, me enchia o peito.

Sereno desta fôrça nova voltei-me para mim, revolvi-me; logo virei-me para os céus, esperei... Esperei... dando-se o que eu menos contava: o retôrno às vacilações doutrora, aos lamentos, às súplicas. Desprezei-me. Uma noite pensei que a morte podia pôr têrmo aos meus suplícios. Mas à ideia da lâmina a rasgar-me o pulso as carnes arripiaram-se-me, e um mêdo pânico, horrível, trespassou-me. Não, eu não queria morrer, não queria morrer!

Havia-me sentado na cama. Reflecti: no entanto, caír num sono eterno e não pensar mais, nunca mais, seria a ventura das venturas. Pinga de azeite a alastrar em toalha, a ideia ia-me tomando. Não pensar mais, não sofrer mais... Acabei por me revoltar. Não, não queria morrer! Não queria! Rente ao espelho, de pé, olhava-me fito. Estava pálido, anelante. Meus olhos luziam. Martelava: não quero, não quero! Minha sensibilidade, meus músculos, todo eu vibrava. — Não quero, não

Slhi

quero! — acabei gritando. Minha voz apavorou-me. O crânio parecia estalar-me. Molhei as fontes. Da noite negra, em calma, não vinha um sussurro. Nem uma estrêla brilhava. ...E meu coração inundou-se de ódio. Ódio contra mim — as minhas fraquezas, os meus desvarios —; ódio contra Deus, que sendo forte e omnipotente, me abandonava assim, mais fera que as próprias feras.

*

* *

A minha crença — que pesado fardo! — morreu naquela hora. Mas por muito tempo ainda fiquei irresoluto, exactamente como coixo a quem tirassem as muletas. A vida aparecia-me sem finalidade, o mundo vazio, sem perfume. E, como em todos os períodos de transição que o homem atravessa, não raro conheci uma nostalgia vaga e tímida do que ficava para trás — do passado. Falta de hábito, apenas. Hoje compreendo a alegria magnífica de poder caminhar livre de tôdas as tutelas.

Slhi

Um pêso enorme deixou de me vergar os ombros. Sinto-me fôrro. Sinto-me renascer.

Deus, ou seja o que eu tão impensadamente adorava, ou seja o dos árabes, ou dos chineses, ou outro, é — não há que duvidar — o maior empecilho da felicidade. Quando o Homem sacudir a canga, que a há-de sacudir, sentirá a mesma desopressão — refrigério e bálsamo — que eu sinto.

Que Cristo se me amostre milhentas vezes, pregado na cruz, nas estampas dos livros santos, nos braços de Maria, ou seja onde fôr, e eu sempre lhe direi o mesmo: «És um plágio grotesco dum outro suposto «Filho do Céu» que muito, muito antes da imaginação ocidental te ter criado, já a imaginação oriental dos Vedas tinha criado. E tu, minha pobre mentira, que eras a única *verdade* a afirmar a certeza do *Absoluto,* de teu pai, morrendo, mataste-o».

Isto é o que eu milhentas vezes direi ao Cristo, se êle milhentas vezes me saltar ao caminho a querer-me impingir a sua falsidade quási vinte vezes secular. Indemnização da

burla, não exijo. Êle, coitado, é um bilhete branco de lotaria; e com os que descontam o papelucho sem valor, afirmando que é premiado, não quero negócios.

*

* *

Uma tarde saquei das trevas do armário as duas telas que meu atilado tio me legou. Estavam ambas por igual recobertas de pó — e as tintas haviam esmaecido mais. Emquanto as limpei — dei-me ao trabalho de as limpar — fui recordando o horror todo cristão que dantes me infundia o chocarreiro olhar do *Inimigo*. Depois pu-las em frente uma da outra, sôbre uma mesa, e falei-lhes. Êles, mudos e distantes, não mexeram. Disse-lhes eu:

— «Queridos amigos e senhores meus. Não sei há quantos milhares de anos sois adversários rancorosos. Ora isto é feio. Degladeais-vos com sanha, como dois brutos, numa guerra tão acesa que até o homem, e mais é o rei da ferocidade, anda amargurado. E, con-

Slhi

tudo, vós, meus caros, sem serdes positivamente velhos, já ides na idade em que o juízo é próprio dela. E, porque sois acusados de provocardes inúteis distúrbios — eu que o diga! — com a agravante de serdes moeda falsa, é-vos instaurado processo sumário.

— Tu lá, que usas vestes de entrudo e ares de tunante, vamos a preguntas. És argüido de farsante — um farsante de fábula. Que dizes a isto? Moita carrasco? Bem, tomo nota.

Nós:

— Sôbre ti pesa a mesmíssima culpa. Acusado de seres uma mistificação. Dize de tua justiça — defende-te. Quê, ficas mudo?

Nêste caso, e provado que não passais de ignaros burlões, sois condenados a um auto de fé, sem latim nem cruz».

Com estas falas sobracei os quadros — e ali mesmo, no fogão, lancei-lhes fogo. As chamas envolveram-nos, lamberam-nos, crepitando. Por fim, sem matéria já a alimentá-las, descreceram até de todo se extinguirem.

Juntei então os resíduos, e pegando deles

Slhi

lancei-os ao vento. E o vento, pegando deles, levou-os, dispersou-os sem saber — como eu não sabia — quais os que provinham da tela de Deus nem quais formaram a tela do Diabo.

E a sorrir para a natureza que me sorria, e limpando as mãos duns restos de cinza, murmurei: *Consumatum est.*

Slhi

MISERÁVEL TRAGÉDIA

Slhi

Bravamente o sol veio espadanando rijos calores, tentações de sestas, fartas abadas de luz alacre, muito palreira, muito quente. Indistintas primeiro, mas logo magníficas, palpitações de seres, subtis germinações surdiram, alastraram pela terra. Ébrias de azul andorinhas grulhavam desbocadas pelos ares sem nuvem; nos pastos, ventas arfantes, novilhos côr de fogo monteavam-se.

Na carne de Ismael, faminta de carne, todo êste germinar de vidas, pulular de anseios, estrondoso e resplandescente, acordava brutais estonteamentos. Mais errático, mais encolhido em si, vagabundeava dias seguidos ao Deus dará, perdido por chavascais, umas vezes, estirado de papo ao ar, no têso dos montes, outras. Tôdas as sombras que lhe boiavam no olhar pávido se adensavam, se

fixavam como se fôssem feitas das trevas de tôdas as noites e dos silêncios de tôdas as mortes. Metia mêdo.

Fugiam as môças, as mais afoitas, de toparem pelos ermos, desacompanhadas, com Ismael, o doido. Que elas bem sabiam, que elas bem sabiam... E relembravam o passo.

Fôra numa tarde de agosto faúlhante. Uma tarde em que houve que arrancá-lo a empuxões de sôbre a Adélia Maneta — mocetona vermelhusca de entroncamentos enérgicos e graníticos seios.

Lobrigara-a no pinhal da Tigelinha, dobrada e só no áspero silêncio, arrebanhando caruma. Piolhoso, sorrateiro, aqui me escondo, ali avanço, pupila muito fixa, lá se foi chegando.

Por detrás do sargaço onde se agachara a espiar os movimentos da Maneta via o saiote vermelho — vermelho como os desejos que o espicaçavam — roçar-lhe as grossas pernas de morena. E não teve mais mão em si. Arremeteu a ela direito, botou-lhe as cabeludas manápulas aos ombros; e, repuxando-a ao peito,

Slhi

espremeu-a nos braços duros que nem calabres até fazê-la estrebuchar com dores. Aos uivos, rebolando pelo chão, bôca a pingar baba, bebia na bôca dela os gritos, mordia-a, rasgava-a, fauno e lôbo.

Quando o despegaram do abraço violento esforcejou por se atirar de-novo à Adélia, que de costas e ainda desnudada até o umbigo, lhe berrava: — Grande cão! Vá montar a mãi que o pariu, seu corno! Seu corno!

Os homens, mesmo os valentaços que contavam casos de feiras varridas emquanto o demo esfrega um ôlho, arreceavam os pulsos férreos do Ismael. E se pelo tempo das uvas os guardiões das vinhas o lupavam em jeitos de querer saltar dentro para abarrotar a pança e os bornais, escondiam-se a rosnar: — «Enche a môrca, estupor duma figa».

Vivia êle com a mãi mai-la irmã para as bandas do forno, numa casa atarracada de pedra miúda, tem-te-não-caias. O pai havia morrido, fazia onze anos para o Entrudo, em certa noite branca de geada e de luar. Jorrava sangue por cinco talaveiras abertas com nava-

Slhi

lha de meia lua vibrada com alma, quando chegou a casa nos braços do Chico Gaitas e do cunhado dêste, o Manuel Vedor.

Noite alta, já o galo pedrês da Rita Frade tinha solfejado as duas horas numa estridência de clarim novo, súbito esbugalha os olhos até ali cerrados como portas de lar deserto, e doido de mil agonias arranca as ligaduras, escancara a bôca lívida num soluço, num grito, a ossatura range-lhe nos esforços trágicos que faz por soerguer-se e tomba por fim, morto, a golfar o derradeiro sangue.

Fôra um borrachão convicto. Serenamente, anos sôbre anos, sem aguilhada de remorso a picá-lo ou nesga de brios a sustê-lo, bebeu a sorte dele, a da mulher — o que tinham. Vivia na taverna como o peixe vive na água, o bicho da sêda no casulo, uma lombriga num intestino. O chincalhão jogado de gorra com outros que tais era a sua paixão; as cartas a sua enxada. Além disto e do vinho não amava nada. Mas êstes amores ocupavam-no totalmente, talvez melhor que as trevas da noite o Universo.

Nos dias em que a bebedeira era mais puxada ia o fim do mundo no casebre. Desancava a companheira, desancava os filhos, enxotava-os para a rua, em camisa, assarapantados de sono e mêdo. Os trastes seguiam-nos. Afeitos a estas cenas, os vizinhos já nem às janelas apareciam.

Muitas vezes, olhar vítreo, mal se tendo nas pernas, vinha à valeta, metia as mãos pelos gorgomilos a provocar o vómito, bolsava a zurrapa — e voltando para dentro, pedia: — «Deite lá mais um copo, ó seu Carlos».

— Foi uma sorte, Joana, foi uma sorte — diziam-lhe as amigas condoídas de a verem tão definhada, tão acurvada à terra, só ossos, pele e rugas.

— Ora! sempre era o pai dos meus filhos — contrapunha a desfazer-se em prantos.

Perdida no chaile preto de viúva, cheio de buracos, parecia um pardieiro abaülado, ressumando água por negra noite de inverno.

— Deixa lá. Que dianho!, foi um favor que Deus te fêz.

— Pois sim, mas é que eu queria-lhe de

cá de dentro. Batia-me, bem sei... Mas era com a pinga, que no fundo poucos lhe ganhavam.

Ainda não entrara nos quarenta e estava uma velha, um cangalho. A filha, a Isaura, crescia-lhe podre com arrebentações escrofulosas pelo pescoço, grandes tumores lívidos por todo o corpo. Não deixava as saias da mãi, a que se agarrava, ranhosa, choramingando dores, olhos muito abertos, muito espavoridos, da côr imprecisa dos céus aboborados de electricidade.

—Não vai para grandes lonjuras—dogmatizavam as velhas mais entendidas em mazelas mortíferas. — Que êle, para bem dizer, também...

— É uma insossinha, é; não pode com uma gata pelo rabo.

— Que o Senhor nos não castigue, mas até era uma felicidade para a mãi se o Pai do Céu a levasse.

Mas o Pai do Céu não a levava e os males aumentavam. Só já com dolorido esfôrço saía de entre as mantas. Estava mais pálida,

Slhi

uma palidez de vela a derreter-se, os olhos mais abertos, mais espantadiços. Os seus tristes, magoados dezoito anos arrepiavam como manhã amortalhada em neve. Nem saliências cheias, nem desejos fortes, nem voz, nem pensamentos... Tudo reduzido, tudo frio — um dêstes frios que ardem em febres, horríveis. Lembrava o esbôço imprevisto, falhado — mas a contorcer-se na agonia das dores, a suar gemidos, assombrado às portas da morte, assombrado da vida — de escultor mordido por loucas visões de maceradas doenças errantes.

Se em dia de melhoras podia tomar um pouco de sol à porta, logo as comadres das tagarelices espaçadas, comentavam: — «Êle sempre há cada uma!... Té parecem endróminas do mafarrico. Esta uma meijengra perfeita e o bruto do irmão forte que nem um toiro, com saúde p'ra dar e p'ra vender. Ninguém diz que saíram do mesmo ventre, dianhos me levem».

Andava mais avergada, mais corcovada, a Joana.

Slhj

—Já nem lágrimas tenho... Às vezes veem-me umas aflições tamanhas, tamanhas, que julgo morrer. E os olhos enxutos! — confessava.

Não a rogavam para as mondas, nem para a apanha da azeitona, nem para as vindimas...

— Não vale o que come — afirmavam os que possuíam vinhas para vindimar, azeitona para apanhar, agros para mondar.

Mal podia arrastar-se, embiocada no chaile preto, esquelética, curtida de saüdades do pão. Ela bem fossava no hortejo, mas eram uns palmitos exíguos de terra, sáfara de mais a mais. Passava fome.

Os três alqueires de centeio que devia ao António Lages traziam-na mortificada. Ânsias de estoirar, de findar por uma vez com aquela vida de misérias espicaçavam-na. As palavras que êle lhe dissera finda a missa pascal, mesmo rente à sacristia, deixaram-lhe no cérebro vertigens de cóleras e uma tristeza tão funda pelos fundos do ser que até julgava sentir a alma a soluçar um chôro desfeito, contínuo, irremissível.

Começara:

— Serão horas de me levares os três alqueiritos a casa, ó Joana? A vida vai má, bem o sei, mas que Diabo!, não é só para ti. Custa a todos. Olá se custa! A mim sabe-o Deus...!

E como ela chorasse.

— Pois, mulher, lágrimas não pagam dívidas, é velho; e com más contas não há quem tenha lápis afiado nem papel limpo para assentar. Tu estás acabadota — continuara —, a Isaura não bota a grandes léguas, o Ismael, coitado, é o que todos sabemos. Tens a horta, fraquita valha a verdade. Vende-a. É um conselho que te dou. E se te resolveres, já sabes, fala-me primeiro.

Sòzinha pelos caminhos, monologava:

— «Podes aguçar os dentes, somítico duma figa, que da minha horta não vês tu calhau para rilhar. Com penas de a dar a um qualquer por uma côdea. Nem que arrebente a um canto chupada de fome como uma cadela. O grande sovina! É pior que os recos, serve-lhe tudo! Até é capaz de meter nos bolsos a

Slhi

sujidade que os animais largam pelos caminhos. Olha se é! E não vir um raio que o parta! Anda por aí todo empertigado a mostrar a pança de mulher prenha... Aquilo julga que é o rei da terra!»

A loucura do filho, exasperada com os calores do maio, mais a mortificava:

— Não há que ver, traz o Demo no corpo. Mais certo que favas contadas.

*

* *

Naquele dia a Isaura piorou: levava as mãos ao pescoço onde as cordoveias inchavam, engorgitadas de sangue, no desespêro das sufocações; rebolava-se pela enxêrga, aos gritos, trespassada de dores, muito lívida, suplicando ar; e frios suores, trescalando febre, escorriam-lhe pelas faces, pegavam-lhe a camisa, negra de meses, ao tronco anquilosado.

Atónita a mãi ia de um canto a outro canto, sem tino, sem fôrças, numa dessas aflições mudas que são mais horríveis que todos

Slhj

os gritos. Por fim lembrou-se da receita. Se o farmacêutico lha aviasse! Se lha aviasse... Pediria até enternecer o sr. Caetano. «Quem sabe?, talvez tenha pena».

Saíu. Pelas ruas alagadas em luz onde o sol se espenujava, oirejava e ria, ela ia deixando, esfarrapadas, as esperanças que em casa a haviam comovido. Se já da outra vez a mandara embora... Mas juntaria as mãos, rogaria pelos santos defuntos, andaria de rastos. Que ela bem se lembrava das palavras do médico quando acendia o cigarro na soleira da porta:

— «A rapariga vai mal, vai mal, mas tome o que aí está escrito e melhora».

Do fundo da loja o farmacêutico interrogou:

— Que temos?

— É a minha Isaura que está pior, sr. Caetaninho!

— E depois?...

— Eu...— a voz desfaleceu-lhe, morreu-lhe numa angústia, numa súplica.

— Diga lá de-pressa que eu tenho mais

que fazer. Já vê...— mexia em frascos, assoava-se, compunha os óculos.

Num fio de voz, trémula, humilde ela disse.

— Tenha paciência, santinha. No livro não cabem mais fiados. Já vê...

Ela pagava; vendia a casa e vendia a horta.

— Pois venda e venha então. Tenho muita pena! Já vê...

Cerrou-se mais a noite negra que a pobre trazia no peito. Dolorida, dedos enclavinhados sôbre o mármore frio da mesa a espiar através a redoma da balança um movimento de terna compaixão, de piedade, implorou ainda. — E na largueza funda das suas rugas, grossas, muitas, silenciosas lágrimas rolavam, iam caíndo.

— Pague primeiro o que cá deve. Já vê...

Ela então desandou. Iria a casa do António Lages, venderia a horta. Trupe-trupe, estrada fora, apressou-se.

O portão da quinta, amplo, pintado a verde, estava escancarado. Enfiou pela ruazita bordada de buxos rasteiros e tosqueados,

Slhi

muito iguais. Ao fundo, no boqueirão do pátio, um cão enorme acorrentado a uma casinhota de madeira arreganhou os dentes, hostil. Diligentes galinhas esgaravatavam no chão da capoeira, emquanto no coruto do pombal a branquejar de escaiola, dois pombos de asa cinzenta e alvinitentes peitos arrulhavam amores.

De cima, do tôpo da escada, uma serviçal informou-a. O patrão estava para a matinha. Era seguir em frente, sempre a direito. O quiosque pintado de fresco, a vermelho, atraía a vista, de longe.

— Não há que errar. Êle deve estar lá, a ler — concluíra.

Pelo trilho sinuoso da mata afofado em sombras, recalcava Joana no âmago da alma a tristeza imensa de se desfazer dos últimos palmos de terra em que punha e dispunha consoante sua vontade. Uma árvore velha a quem arrancassem as fundas raízes devia sentir uma dor igual; dor feita de raiva, de impotência, de espanto e submissão.

Calça de alpaca a bolear-lhe o bojo da barriga, o António Lages grunhiu:

— Olá! Por aqui? — e dilatou a arca do peito num bocejo sonolento e retesou as pernas pequeninas, muito cheias, até fazer estalar as articulações.

Vinha por môr da horta. A filha ia de mal a pior... Acrescentou:

— Só tomando os medicamentos que o sr. doutor disse, pode arribar.

— Bem, bem!

Noutro tom:

— Aquilo vale pouco. Mesmo muito pouco. Calhaus por uma pá velha, água de grilo. Carregada de estrumes, enfim, talvez dê alguma coisa.

Fêz um gesto vago, cheio de dúvidas. Depois:

— Mas vamos lá a saber, quanto pedes?

Ela encolheu-se, recolheu-se, nem que fôsse indagar o parecer de pessoa amiga. E numa indecisão, temendo pedir demais:

— Eu nem sei, sr. António...

Slhi

Olhava agora para êle num olhar húmido de pedinte, tôda apagada na sua miséria.

— Tu é que dizes, é boa! Se não servir não ficamos de mal por isso: amiguinhos como dantes.

Pôs-se à espera numa indiferença repleta de desdém, baforando rolos de fumo de beiços postos em «o». Ao ouvir o preço encrespou-se. Era um desafôro, uma pouca vergonha — uma refinadíssima pouca vergonha.

— Vai, vai oferecê-la a outro; a mim não serve. A bem dizer é mesmo asneira. Além de não valer chavo — que não vale — para que hei-de eu juntar mais terras, afinal? Se ainda tivesse filhos...

Calou-se. Segundos após disse:

— Que eu só queria servir-te. Mais nada! Mas assim, não.

Parou de-novo.

— Pois, adeusinho. Olha, a quem talvez convenha é ao padre Costa. Anda com a mania das terras, compra tudo que aparece. Para mais confina com a Derreigada dele. Vai lá.

Slhi

Embora notasse a trapaça, ela tremeu. Que aceitava tudo, que estava por tudo.

— Isso é outra coisa, Joana, isso é outra coisa! Querendo ser razoável fazemos negócio, mas deixar-me roubar, tó ruça!

O dinheiro já apertado na mão, abalou. Remiges alarmadas restolharam pela moleza lassa das sombras. Carvalhos musgosos pareciam rezar, muito compostos, muito graves. Eucaliptos imensos olhavam do alto os quatro quadrantes. Numa clareira, todo batido pelo sol, um sardão dormitava. Para as abas da mata, coelheiros latiam.

Anda-que-anda, açodada, lá se foi arrastando, até à vila. Uma felicidade como há muito não conhecera inundava-lhe a alma. A sua Isaura não morria! A sua Isaura não morria! Como o céu estava azul, como estava doce! E como brilhava com outro brilho o sol, a rebolar-se todo alegre — e tão doiradinho! — pela verdura dos cabeços! Mas era tão comprido, tão comprido, o caminho!

Pela fita branca da estrada, branca e lisa como a projecção dum desejo fácil, um auto-

Slhj

móvel passou, numa vertigem. Se ela pudesse ir, também, assim, em fantástica galopada!... E as malditas das pernas a mexerem-se com vagares de lesmas, nem que tivessem ferrugem! E o corpo, só ossos, a pesar que nem chumbo! Que lonjura, santo Deus, que lonjura.

Sentiu uma alma nova quando lobrigou, ainda longe, os primeiros telhados do povo.

Faltava pouco! Faltava pouco!...

*

* *

Frente à igreja, os remédios no avental arrepanhado à cinta, atenazou-a o desejo de orar à Virgem, mãi dos aflitos, pela filha enfêrma.

Ocas sombras quedavam dentro, no templo. Cílios descidos, tristes, o menino encostado ao milagreiro ventre, Maria lá estava, de manto azul e sorriso prometedor, na solidão do altar. Ao derredor da cabeça avergada ao seio brilhava a corôa dos justos nos es-

Slhi

plendores do oiro. A atmosfera era de quietude.

Mãos súplices, coração ansioso, ela pediu, ela rogou, de rôjo na lájea. No silêncio rígido a prece ascendeu, cambaleante, macerada e mais vaga que chôro de alma agoniosa. Ela era boa, Ela era compassiva, havia de atendê-la.

O relógio da tôrre, em cima, batendo cinco horas, fê-la erguer numa pressa:

— Cinco horas, já... tão tarde!

Reverenciou ainda a Virgem numa última súplica, enternecida e muda. À porta molhou o dedo polegar na água benzida da pia baptismal, persignou-se. Sentia que a opressão, o mêdo das horas anteriores a abandonava. Teve vontade de cantar.

Estugou o passo. Ao tornejar a esquina, já os olhos como arautos de felicidade lhe iam na frente a pularem nas escaleiras de granito, deu de rosto com a comadre, a Laura, que ficara de guarda ao seu amor.

— Olha, trago os remédios! — e dizendo e mostrando a abada onde os frascos punham saliências arredondadas, inquiriu logo:

Slhi

— E a Isaura, está melhor?

Estava melhor, mais sossegadinha.

— Há um instante, quando saí para acomodar o reco, passava até pelo sono. O Ismael ficou lá, ao pé dela.

No patim, a mão já no cravelho, julgou pressentir gemidos abafados, estertores de agonias, dentro, no quarto. Abriu a porta de pinho, com buraco ao fundo, no meio, para passadiço dos gatos, dum alancão. E ficou estacada, frente à monstruosidade. Já descaía ao sobrado, morta, e ainda seus olhos estarrecidos fixavam o corpo membrudo do louco a arquejar nos transportes de animalidade bestial, sôbre o corpo inerte da irmã.

SERÁ SEMPRE ASSIM?

Slhi

O velho estava empapado em suor. A febre queimava-lhe o sangue. Desde pela manhã que não soltava uma palavra. E o sol já ia para lá do pinhal. Quando chegasse por cima do monte caíria ràpidamente e a noite desceria então.

O velho estava empapado em suor. No quarto um silêncio pesado de morte. A mulher partira logo ao fim da janta. Um recado do dr. Alípio. O recado viera para o velho. Mas onde tinha êle fôrças que o levassem à quinta, uma boa légua por caminhos maus, sempre a subir? Foi a companheira. As pernas não a ajudavam, sim. Beirava os setenta e todo o seu corpo tremia. Alguém no entanto teria de ir. Com o filho não podiam contar. Desde que lhe acontecera aquela desgraça de ficar sem o braço e o rosto cheio de ci-

catrizes, que andava como doido. Sempre metido nas suas cismas de homem inutilizado. Com vinte e cinco anos e pôsto de banda como uma coisa sem préstimo. A ver correr os dias. A ver o tempo correr. As raparigas desviando os olhos da sua face medonha, do seu membro amputado. Tôda a gente tratando-o com dó. Uma criança podia rir-se dele, bater-lhe. Não era mais um homem. Que desejavam então? Deixassem-no. Deixassem-no. E procurava a sombra das matas, fugia dos outros seres, fugia de si.

Foi a companheira. O velho viu-a partir de lenço atado sob o queixo, saia remendada. E descalça. A terra lá fora devia escaldar. Mas ela ia descalça. Do traço da porta, um pé já nas lajes da cozinha, falou-lhe ainda. Se queria alguma coisa. Êle disse-lhe que não com a cabeça e ficou-se a encarar a nesga de céu que o janelo recortava. Uma dor persistente errava pelo seu corpo. E uma secura na garganta, uma vontade de pôr um caneco de água à bôca e beber, beber, beber até não poder mais, até rebentar. Devia ter pedido água à

Slhi

Rosalina. Agora iria atravessando o pontão, talvez. Mas não, não ia. Andava como menino que deixa de engatinhar. Que os anos pesavam. E as canseiras. E que trabalhos êles haviam passado... Uma vida de negros. Sempre no duro. Também ninguém acreditaria que a Pala, inveja de quanto lavrador se contava nas redondezas, fôsse antigamente tracto de sargaços e ortigas botado ao abandôno. Só mesmo quem tivesse conhecido o lugar. Lá ao fundo, junto ao soito do Amâncio, havia uma cerdeira. Uma cerdeira com dois galhos secos. Nem uma fôlha botava na primavera. E árvores só aquela. Arrancou-a pela raíz. Quis no mesmo sítio plantar um castanheiro. A mulher opôs-se. Deviam plantar uma macieira. Produzia menos sombra e frutificava mais de-pressa. Concordou. A macieira cresceu e era aquela beleza que todos podiam ver. Fôra a sua primeira obra, ali. Talvez por isso lhe dedicava um amor especial. Não teve coragem de comer a primeira maçã que nela colhera. Apodreceu na caixa. Há quanto tempo isso ia!

Slhi

E, na modôrra da febre, meio esquecido da doença que o atava à enxêrga, ficou-se a recordar essa vida de luta com a terra, luta de todos os dias, de tôdas as horas, mas obscura e humilde como a sua própria existência.

*

* *

Fôra há cinqüenta anos. Nessa época contava êle vinte e dois anos. Nem mais, nem menos. Vinte e dois feitos pela Senhora da Lapa, em agosto. E só no mundo, sem ter onde caír morto. O pai findara de desastre. Desastre numa pedreira. Um tiro que carregava e que rebentou a destempo. Foi êle e outro. Ficaram em postas. Apanharam os bocados e meteram-nos juntos num caixão. O senhor para quem trabalhavam, um juiz aposentado, pagou as despesas do entêrro e mandou dizer uma missa pela alma dos que acabaram ao seu serviço.

A mãi já havia ido. Chamavam-lhe a Pitaia e tinha um génio bom. Vendia doces pelas

Slhj

feiras e arraiais. Ganhava pouco. O homem, aos domingos, quando recolhia da venda do Belmiro, surzia-a sem piedade. Não invocava razões. Batia-lhe dir-se-ia que para satisfazer uma necessidade qualquer, um desejo que o vinho lhe trazia. Depois tombava para um canto e vomitava tudo. Ela metia-o na cama a chorar um chôro sem gritos, manso, de vítima que perdoa ao algoz. Deu-lhe um ataque no mercado de Moimenta. E desde então nunca mais se ergueu. Morreu como vivera: calada, boa, sem importunar ninguém. A casa encheu-se de pessoas. Muitas mulheres choravam. Êle andava dum lado para outro, entre a gentiaga, sem saber o que fazia. A mãi morrera. Só sabia isto. O peito estalava-lhe. Queria estar num lugar onde ninguém o visse, onde não visse ninguém. E dormir, dormir. Levaram-na ao outro dia, à tardinha. Lembrava-se do padre com uma cruz e dos homens pegando no caixão. O pai arrepelava-se, chorando em bica. Ficaram ainda algumas pessoas aconselhando coragem. Afinal também essas saíram e viram-se só os dois na cozinha,

Slhj

sentados um em frente do outro, sem terem que se dizer. A casa, tão pequena, dois cubículos e a cozinha, parecia-lhes imensa. Imensa e muito fria. A lareira apagada. Um desejo terrível de se deitarem e sem fôrças de cada um ir para o seu quarto. Mêdo de se encontrarem sós, com a imagem da morta deitada nas suas camas, roçando-os, falando-lhes. E quedaram assim, um diante do outro, mudos, pensando na que partira, até de manhã.

Depois foi a desgraça do pai. Não sentiu tanto a sua perda. Nunca o tinha amado muito. Viviam como estranhos. A mãi falava-lhe de tudo, sorria-lhe. Meu filho para aqui, meu filho para ali. E o seu olhar de animal bondoso sempre a acariciá-lo. O pai, pelo contrário, só lhe dirigia a palavra para atirar ordens ou censuras. E, no fim, invariàvelmente, aquele «entendeste?», com uma voz mais forte, um acento mais autoritário, como se lhe jogasse uma pedra. Mas mesmo assim sofreu. Talvez sobretudo por se encontrar órfão, por não ter uma companhia com quem comesse o caldo, à noite.

Slhi

Eram as suas horas mais tristes, as das refeições. O silêncio pesando-lhe nos ombros, na cabeça, na alma. Enchendo o casebre até o telhado, transformando o casebre numa cova de cemitério, com êle lá dentro, debaixo da terra, longe de todo o mundo. Quando o pai vivia, ao menos, tinha-o ali, a dois passos, do outro lado da fogueira, com o garfo numa das mãos e a tigela na outra, comendo. Calado, de olhos sem o fitarem, sim. No entanto ouvia-lhe a respiração e os dentes mastigando a comida. E aquela presença dum ser humano, aquela certeza de que não estava só, concedia-lhe uma paz suave, um íntimo bem-estar de que afinal nem suspeitava. Agora apenas a sua própria sombra para encarar e uma tristeza de condenado a subir-lhe do peito. Nos outros lares a família reünida, uns dizendo uma coisa, outros outra. Êle abandonado, esquecido de todos.

Atirava-se para o catre com vontade de estoirar. A lembrança da mãi visitava-o. Não compreendia por que se lembrava mais dela, agora. A solidão surgia-lhe mais penosa. A

Slhi

luz da aurora libertava-o. Quisera que o dia não tivesse têrmo. Andaria com gôsto de enxada nas unhas a vida inteira a cavar, a suar, a sofrer, mas com gente ao lado, mesmo gente desconhecida que o não estimasse, que se risse dele.

Na aldeia gostavam dele. Serviçal, sério, incapaz de uma má palavra para quem quer que fôsse. Mas mau partido para casamento. Não possuía um palmo de terra de seu, o casebre onde vivia era arrendado. Pobre ali, daquele estalão, só a Ana Paiva mais a neta, a Rosalina. A Paiva andava de porta em porta a estender a mão à caridade. Rosalina ia ao mato, batia os farrapos no ribeiro, forjicava o comer. Nem bonita nem feia. Olhos castanhos, morena, tronco franzino de quem passou muita fome. Bom de ver e de ouvir só as risadas. Ria a-propósito de tudo e de nada. Um riso alegre de menina que caía na alma como uma música.

Uma noite em que o seu isolamento de órfão lhe doía mais, êle lembrou-se daquele riso cantante. Depois foi ela tôda que pouco

Slhi

a pouco veio ocupar a sua imaginação. Recordou-lhe as tranças negras e lisas, o nariz levemente arrebitado na ponta, os lábios grossos. Era mexida. O que a levasse iria bem. E uma ideia confusa, uma ideia que viesse de muito longe, começou a rondá-lo.

A mãi, agora, já não vinha tão amiúde fazer-lhe companhia. A neta da Paiva roubara-lhe o lugar. Um desejo vago de Lourenço chamava-a a povoar-lhe as suas horas negras de solitário. O que a levasse iria bem servido. Bem servido a valer. Êste pensamento e o riso dela não o largavam. Acordava com êles e com êles adormecia. Dois rafeiros a persegui-lo. Videirinha que ela era. E aquele riso bom sempre a saltar-lhe da bôca como água duma bica. O que a levasse... E se êle?...

A pregunta chegou-lhe de-repente. Chegou e ficou a revolvê-lo, a fazer parte de si. Seguia-o ao trabalho, deitava-se com êle, preenchia-lhe os sonhos. Precisava duma mulher, duma companheira. Rosalina não tinha

Slhi

nada. Uma pobre de Cristo igualzinha a êle. Havia a avó, a Paiva velha. Deixá-lo! Raparia para os três. Era novo, forte. Houvesse saúde. Rosalina trá-lo-ia muito limpo. Aos domingos iriam passear um ao lado do outro. Logo que pudesse comprava-lhe umas arrecadas. Ajuntariam alguma coisa, talvez. Com um nadinha de sorte e poupança não sofria dúvida que ajuntariam. E dar-se-iam muito bem. Bater era mal feito. Lá abrir-lhe os olhos de vez em quando, enfim... O pai é que espancava a mulher. Às vezes deixava-a estendida, quási morta. Mas êle não faria isso.

Hora de trindades, certo dia calmo de maio, topou Rosalina de feição. O trilho deserto, o povo ainda longe. E no ar uma doçura, uma paz de jardim abandonado. Pegados de conversa foram andando. Andando e Lourenço de língua prêsa, sem coragem de entrar no assunto. Tão bem decorada a arenga e nem uma palavra lhe saía. Derivara para o tempo, as colheitas futuras. Ela ria o seu riso de águas a chocalharem num tanque.

Slhj

E as casas a aproximarem-se. Uma agonia a subir-lhe das profundezas, um desejo violento de pôr para ali o coração à mostra e sem achar jeito de fugir daquilo:

— Batatal de meter inveja o do senhor Adélio. Também carregou a terra de estrumes que foi uma coisa só vista. Mas tem lá um batatal de alto lá com êle.

Que um raio o partisse. Há mais de mês a pedir a todos os santos que lhe deparassem ocasião azada de falar à rapariga e agora que o ensejo vinha a seu encontro não tujia nem mugia. Homem de borra. Outro fôsse e já as coisas estariam em pratos limpos. Mas êle não adiantava um passo. Só milho para aqui, feijões para ali. Que um raio o partisse.

E viu-a ir batendo os quadris, descalça e franzina, rindo. Teve ganas de se bater. Só mesmo um animal do seu jaez. Andar atrás do momento de se lhe poder abeirar, o momento chega nem que de encomenda e deixa-o escapar como um tolo. A noite decorreu num suplício. Voltava-se nas palhas, tornava-se a voltar. Lá dentro a voz a chamá-lo à liça — a

Slhj

increpá-lo. O suor escorrendo-lhe da testa. E na sua alma uma dor, uma ânsia de que a manhã rompesse. Talvez num novo encontro pudesse vencer o seu acanhamento. Talvez a sua língua se desprendesse. Tudo o que trazia abafado no seio se soltaria então. Rosalina ouviria calada, de olhos nas pontas dos pés. Êle dando conta dos planos que trazia na cabeça, e ela calada. No fim, alegre como uma macieira na primavera:

— Eu, por mim, Lourenço, estou de acôrdo. Falta só que a avó dê o consentimento.

Maio correu assim. Noites levadas a gizar planos, noites de febre e sonhos compridos em que a sua imaginação se perdia, se cansava. Depois, pelo dia fora, um mal-estar sem causa, uma insatisfação de todo o seu ser: receio e esperança de seus passos se cruzarem com os passos de Rosalina.

Afinal desatou o nó com uma simplicidade tocante. Foi ao ela vir da fonte. Já escuro, a aldeia inteira recolhida nos casebres a engulir a ceia. Um cão a ladrar para as abas do povo.

Slhj

Muito alto, num céu de zinco, estrêlas pestanejando.

— Rosalina.

Ela parou. O caneco gotejava.

— Rosalina...

Um garoto passou a correr com uma garrafa na mão.

— Dize lá.

— Queres casar comigo?

Decorreu um segundo, dois segundos.

— Estás a mangar...

— Pela alma de minha mãi te juro que não.

O peito dela arfou.

— Queres?...

Houve ainda um silêncio. Na tôrre o relógio bateu horas.

— Sim.

— Quando?

Pôs-se a rir:

— Isso agora só preguntando à velha.

Despediu cada um para sua banda. Muito alto, num céu de zinco, as estrêlas pestanejavam. O molosso calara-se. Baixo, no silêncio

noturno, o ribeiro passava cantando uma toada triste de penitente.

*

* *

Caso assente: a boda seria para o ano seguinte, logo ao depois dos Reis. Lourenço contava os meses. Junho, julho, agosto... Sete meses e pico. Não podia desperdiçar um minuto. Faltava-lhe tudo. Nem roupas, nem mantimentos, nem dinheiro. Peor que um Lázaro. Tinha que lhe dar. Dez reis desaproveitados eram dez reis a minguarem, depois, na casa nova. E se os filhos viessem cedo... Esta hipótese deixava-o preocupado. Filhos logo no começo era uma dos demónios. Os ricos é que andavam com juízo. Manobravam a coisa como melhor lhes apetecia. Um, dois e pronto, fechavam a torneira e dali não passavam. Os pobres, que não tinham que lhes dar, era uns atrás dos outros, uma caterva sem fim. Barriga despejada, barriga cheia. Mundo muito mal feito. Contas bem

Slhi

deitadas ignorância deles. As mixórdias que as mulheres dos abastados tomavam é que as faziam parir menos. Mas não batia certo. Elas tinham posses para os sustentar, para os vestir. Emquanto que os desherdados... E eram êsses precisamente que agüentavam com a espiga. Mundo mal feito.

Ia agora tôdas as noites dar dois dedos de cavaco à Paiva e à neta. Falavam do tempo, das ocorrências do dia. Rosalina, encostada à banca, lavava a louça. Lavava a louça e ria. Na hora dos projectos iam longe. A velha arrastava-os. A sua fantasia erguia vôo e lá desarvoravam os três, como num sonho. Aquela fogosidade de imaginação da Paiva a correr a direito, sem obstáculo que a detivesse, sabia-lhes bem. E desejavam que ela se não calasse, que ficasse ali uma vida tôda a embalá-los nas suas quimeras, a traçar-lhes planos felizes que jàmais gozariam — que, tinham a certeza, jàmais gozariam.

A boda fôra marcada para o fim do ano, logo adiante dos Reis. Mas a Paiva, uma tarde de verão, ao recolher do peditório, sen-

Slhi

tiu-se mal. Um frio na espinha, picadas nos braços, nas pernas.

Nessa noite os noivos não conheceram a influência da sua imaginação fácil e quente. Só fazia gemer, gemer. Ao outro dia não se ergueu. As mesmas dores, os mesmos arrepios. Só mais fortes. Rosalina fêz-lhe um caldo apurado. Tomou um gole. Uma vizinha recomendou chá de tília. Deram-lho. Não o provou. Água, dessem-lhe água. Bebia como se tivesse uma caldeira no estômago. Como se quisesse apagar um incêndio que lhe devorasse as entranhas. E sempre a gemer. Lourenço dormia com aqueles gemidos na cabeça. Ficava a fazer companhia às duas até tarde. Ao retirar-se, Rosalina vinha com o candil alumiar da soleira da porta. E os queixumes da Paiva seguiam-no. Deitava-se e ficava-os ouvindo ressoarem-lhe no crânio. Uma quinzena correu assim. A Paiva de mal a pior. Êles extenuados. No quarto da doente um cheiro a febre e as roupas há muito não lavadas. E os seus gemidos, agora mais fracos, cada vez mais fracos. Rosalina de olhei-

Slhi

ras fundas. Gente entrando e saíndo, dando conselhos, falando baixo. E Lourenço com vontade de dormir uma noite inteira, sem os lamentos da velha nos ouvidos. Estaria no fim? Voltava a lembrar-se da mãi. Ela também estivera assim, com dores por todo o corpo, e com aquela sêde que nenhuma água saciava. Menos os gemidos. Davam-lhe o que pedia e ficava-se a encarar as pessoas com os seus olhos doces, quási sorrindo. A Paiva não. Sempre num desespêro, sempre a implorar a morte. Que a matassem, que semelhantes guinadas a punham doida. E a sua mãi devia sofrer o mesmo. Às vezes via-lhe trincar os lábios. De-certo para não se pôr aos gritos. Génios diferentes, era o que era.

Uma madrugada, cantavam os galos nos poleiros, um chôro alto despertou-o. Saíu para a rua estremunhado. A Paiva dera a alma ao criador. As pernas vergaram-lhe. Quando sabia que a morte andava perto nunca deixava de sentir aquilo. Um estonteamento, uma ausência de fôrças, alguma coisa

Slhi

de terrível abanando-lhe a coragem até o mais fundo do ser.

O casebre cheio de mulheres. Rosalina abatida aos pés da cama, capaz de se desfazer em lágrimas. Um lenço branco atando os queixos da Paiva. Alguém pedindo água para lavar a defunta. E Lourenço não ouviu mais nada, não quis ouvir mais nada. Fugiu para um canto da cozinha e espremeu a cabeça nas mãos, como quando a mãi findou.

Com o padre, o coveiro e o caixão Lourenço gastara os últimos patacos. Rosalina não tinha nada, nem com que mercar um pão. Teria de ir, como a avó, para não morrer à míngua, implorar uma esmola de porta em porta. Ou servir para casa dum rico, sujeitar-se aos maus modos, ao génio derrancado dos amos. Lourenço propôs-lhe juntarem-se. Por meia dúzia de palavras que êles não entendiam o vigário queria os olhos da cara, no registo civil a mesma coisa. E, no fim de contas, tudo isso se dispensava bem. Se tivessem de ter sorte não a iriam buscar à igreja. Por outro lado, quando conseguiriam amealhar os

Slhi

cobres para os papeis, para os banhos, para o abade e para os homens da vila? No comêço as bôcas do mundo falariam. E talvez não falassem. Por ali havia muitos casais nas mesmas circunstâncias. Mas que dessem à língua. Fariam de contas que não era com êles. E por fim todos achariam natural. Todos esqueceriam.

Ela olhou-o sem constrangimentos, sorriu-lhe. E colocando-se à sua espalda, só murmurou:

— Vamos.

*

* *

Fôra há cinqüenta anos...

A Pala ficava para além do povo, no fim das veigas. Ao deslado o riacho corria manso, por sôbre os seixos. Rosalina lembrou aquele brejo ao homem. Terra a monte. O sr. Vilhena não tirando dela um centavo, talvez esquecido de que lhe pertencia. A cardenha coberta de côlmo, rente ao pinhal, servindo

perfeitamente para se acomodarem. Uma sorte grande.

Lourenço bateu para a quinta do homem rico. Metade da freguesia era dele. E propriedades noutros concelhos. Fortuna enorme arranjada ninguém sabe como. Falavam no Brasil, na África, em roubos. Em verdade, tudo hipóteses. Não nascera ali. Quando a quinta do *Grilo* esteve em hasta, o dr. Rodrigo arrematou-a. Estranharam. O dr. Rodrigo não possuía dez reis de seu. Soube-se depois que êle apenas desempenhara o papel de intermediário. O *Grilo* era para um desconhecido. Mas o desconhecido não aparecera logo. Primeiro vieram da cidade pedreiros, carpinteiros, caiadores, pintores. O *Grilo* transformava-se. O próprio nome desaparecera. Em seu lugar, por cima do portão de ferro da entrada, surgira uma taboleta onde se lia:

Quinta da Bela Vista

Só depois de tudo isto o senhor que mandara comprar a quinta se mostrara. Era bai-

Slhi

xinho e gordo. Todo vestido de preto. Por família um filho, o «Alipiozinho» – dois anos, talhando por largo. Logo nesse ano alargou a Bela Vista. Terrenos adquiridos ao desbarato, ao João Teles, que se encontrava de corda ao pescoço. E daí em diante a quinta foi crescendo, crescendo sempre, até àquele ponto de contar mais de metade da freguesia nos seus domínios.

O Senhor Vilhena recebeu Lourenço no tôpo das escaleiras. O filho brincava na relva do jardim. Entrara então na idade de escola. Mas não ia à aula com as outras crianças. Uma professora, já ruça, de óculos encavalitados num nariz fino e longo, vivia ali, junto dele, para o ensinar.

Lourenço foi viver para a Pala. Os seus vinte e dois anos fortes abarrotavam de esperanças. Com vontade e saúde poderia transformar o chavascal, fazer da terra sem valor um campo fértil.

Botou-se ao trabalho com a coragem dum herói. Dobrado pelos rins de manhã à noite. O sol batendo-lhe de chapa nas costas, cres-

tando-lhe as carnes; a chuva alagando-o; o norte gretando-lhe os beiços. E êle cavando a terra, remexendo-a, semeando-a... E a ideia de fazer do solo abandonado e ingrato um vergel fecundo e raro sempre a bailar-lhe diante dos olhos, a instigá-lo. Os próprios dias santos os passava no amargo. A impaciência de chegar de-pressa, a necessidade de que a transformação da Pala acompanhasse o seu sonho, não lhe consentiam minuto de folga. Braços cruzados só para fidalgos. Um pobre nascera para aquilo mesmo, para a labuta de tôdas as horas. Era andar p'rá frente. P'rá frente. E o suor pingava-lhe da fronte, escorria-lhe pelas faces negras de pó. À noite caía esgotado no catre, entrando no sono como numa morte instantânea.

Na aldeia olhavam com pasmo tamanha ânsia de labor, todo aquele esfôrço de gigante. A continuar assim Lourenço rebentava. Queria abarcar o mundo e findaria deitando os bofes pela bôca. Padre Serafim via as coisas de outro modo. Que rebentasse ou não pouco se lhe dava. A alma é que o desgra-

Slhi

çado andava a perder. Um domingo topou-o de alvião nas unhas, zás! zás!, na áspera faina. Sopeou a alimária em que cavalgava e compondo as lunetas, dêste jeito lhe falou:

— Lourenço, filho do Senhor, não sabes que dia é hoje?

Êle limpou o suor às costas da mão; e fitando-o a direito:

— Sei, sim. Porque pregunta?

— Pois se sabes devias ir para casa e orar.

— E se assim fizesse quem me sustentava?

— Vale mais quem Deus ajuda do que quem muito madruga. Conheces o ditado.

— Conheço mas não me fio nele.

— Blasfémias.

— Que disse o senhor? Não compreendi.

— Digo que Deus nosso Pai trabalhou seis dias e ao sétimo descansou. Queres ser maior que êle?

— Não quero, que ideia! Mas Deus se trabalhou foi por desfastio e eu trabalho por necessidade.

O padre elevou a voz:

Slhi

— O domingo é dia de Deus. Os negócios tratam-se durante a semana.

Lourenço cuspiu nas mãos pronto a voltar à lida. Contudo ainda retorquiu:

— Pois, senhor padre Serafim, há muita gente que agenceia a vidinha precisamente ao domingo.

O outro, que compreendeu o remoque, dera de esporas à égua e despediu, atirando:

— Dessa laia é que Satanás os procura.

Baixo, só para êle, Lourenço respondeu:

— Vai para a grandecíssima puta que te pariu.

Rosalina trafegava a seu lado como um homem. Fazia o caldo pela manhã, numa panela grande. Ao meio-dia era só aquecê-lo. Durante o serviço pouco falavam. As palavras requerem coração calmo. E os deles, com os movimentos dos braços e o baixar e o erguer contínuo dos dorsos, andavam aos pulos, doidinhos de todo. Quando um instante de pausa se tomava inevitável, ficavam a sorrir-se um sorriso fatigado, mas silenciosos. Olhando-se com ternura, mas silenciosos. E as bagadas

Slhi

de suor iam-lhes descendo do rosto para o pescoço ou caíndo na terra, como lágrimas. E assim durante anos e anos. E assim desde o luzir da alva até o tombar das sombras.

Nos primeiros tempos de casados os bancos da cama rangiam tôdas as noites. Depois êsse ardor foi baixando: os corpos pediam mais repouso do que amor. Os filhos no entanto apareciam. O primeiro nasceu morto. Rosalina acamaradara com o homem na lavoura até as últimas. Barriga crescida, enorme, e à soalheira, dobrada pelo meio, na tarefa de escravos. Aconteceu-lhe aquilo: o filho nascendo já sem vida. Seguiu-se uma menina, depois outra. Existências curtas, as das duas. Uma aos quatro. Um febrão durante semana e a morte rapou-a. A mais velha aos sete. Pequenina, pálida, mas já nas voltas da casa. Acender a fogueira, ajeitar as mantas da cama, varrer... Bem ganhas as malgas de caldo das refeições. Nunca tivera uma boneca, mesmo de trapos. Em verdade nunca brincara. A Pala, no fim das veigas, era como se ficasse nos extremos do mundo. Via-se a aldeia a

Slhi

meio do vale, de chaminés fumando. Ouvia-se o sino da tôrre tocar a trindades. Mas aquela distância tão curta separava-a das outras crianças como um abismo. Raro por ali se enxergava alguma. E se enxergava só de passagem, agarrada às saias da mãi. Desta sorte ela crescera sem saber ao certo o que era brincar. Via os pais à torreira cavando a terra, olhando pelas plantas, sempre olhando pelas plantas e cavando a terra e julgava que na vida não havia mais nada, se não fazia mais nada. Morreu sem levar uma alegria. Um pote de água a ferver que tombou deixando-lhe o corpito numa chaga. Chamavam-lhe «Marquitas» e tinha o olhar meigo da avó. Ficou sob um cipreste numa campa rasa de pobre, com uma cruz de madeira no tôpo. Em frente erguia-se o mausoléu de mármore que o sr. Vilhena mandara construir para êle e para os seus.

Após a Marquitas veio Laurinda. Essa vingou. Franzina como a mãi, mas de uma beleza rara. Morena, alta, formas bem proporcionadas: seios maneiros, rijos; cinta fina;

Slhi

canela fina; olhos pretos, húmidos, inocentes e sensuais a um tempo. O encanto das redondezas. Foi de novinha servir para a Bela Vista. O Alipiozinho andava nos estudos. Corpo meão, corado. A pinta do pai. Nas férias viam-no passar num alazão côr de tejolo sempre lançado num galope rápido de quem tivesse fogo em casa. Laurinda, nas visitas à família, dizia que êle lhe metia mêdo. Porquê não sabia ao certo. Tinha mêdo dos seus gestos bruscos, dos seus lábios grossos continuamente arreganhados num sorriso de escárneo.

A desgraça dela estalou de-repente. O ventre saliente que já não podia esconder, expô-la no pelourinho dos comentários. No pelourinho do dó, do espanto, das injúrias e dos desdens. Em segrêdo citava-se o nome do Alipiozinho, já por essa altura formado em direito. Fôra o Alipiozinho quem a desflorora. Que faria o Lourenço? E ela? Que vida ia ser agora a dela? Lourenço chorou; ela perdeu-se pelo mundo — foi engrossar a legião das «mulheres da vida».

O senhor Vilhena, uma tarde, chamou Lourenço.

— É para aí bôca cheia — disse-lhe — que meu filho desencaminhou a tua filha. É falso. Quem lhe pregou a partida não sei nem me importa. Seriam todos menos o Alípio. Ora pois, atende nisto: se me chega aos ouvidos que dás aceitação a tais invencionices, podes compor as troixas e partir. Cá pessoas a denegrirem-me a família no que é meu, não tolero.

Lourenço calou a afronta e abalou. Laurinda perdida pelo mundo, o senhor Vilhena ameaçando-o de o pôr no ôlho da rua. Um ódio que o cegava encheu-lhe o peito. Mas abalou de cabeça baixa, como um cão a que se atira uma pedra.

Rosalina já havia tido outro abôrto. As canseiras, os dias levados ao sol, à chuva, mal alimentada, esbanjando fôrças arrancadas nem ela sabia donde — provocavam-lhe aqueles partos fora de horas. Mas ela lembrou-se de Deus. Aquilo era um castigo de Deus. Deus vendo com maus olhos a sua mancebia, vingando o seu pecado nos seus filhos.

Slhj

Lourenço duvidou. Cria em Deus vagamente. Confessara-se em pequeno. Depois esqueceu a doutrina — e a própria ideia dum ser omnipotente, habitando as alturas, se lhe apagou quási por completo no espírito. Benzia-se ao deitar. Essas cruzes, porém, traçadas sôbre a testa, a bôca e o peito, êle as realizava maquinalmente, sem pensar em nada.

Lourenço duvidou. Mas assim mesmo acedeu aos desejos da mulher: receberam-se pela igreja. Só depois disso, e numa época em que já não esperavam, nasceu Pedro. E foi aquela desventura. Um braço cortado rente, pelo ombro, o rosto numa miséria.

*

* *

Entretanto a Palà ia progredindo. Dir-se-ia que o suor de Lourenço, caíndo na terra, operava milagres. Dividira a fazenda em talhões. Uns maiores, outros mais pequenos. O da beira do riacho, a todo o comprimento do prédio, para milho e batata; depois

Slhi

quarteis de feijão; uma nesga para cebolas, por detrás do casebre a horta. Terreno em declive, embora declive manso, as águas do regato, deslizando na parte inferior da Pala, não lhe davam para as regas. O fio de água a correr mais acima, na aba do pinhal, seria a riqueza. Pensou isto muita vez. Sobretudo no verão, quando o murmúrio leve vinha acariciar o seu ouvido. Nada podia tentar porém contra aquela fatalidade geográfica. Resignou-se. A água no entanto era-lhe indispensável. Moirejasse como um negro, um animal de carga, um escravo — o que quisesse: nenhuma cultura vingaria se lhe não matasse a sêde. Abriu poços. Um em cada extremo do agro, um terceiro ao centro. Poços fundos de muitos pés que depois despejava, duas vezes ao dia, pela manhã e à tardinha, à fôrça de rins e braços. Trabalho duro. De ao fim torcer a camisa. Horas seguidas fincado à borda das bocarras negras, agarrado à vara do burro, a fazer descer e a fazer subir o balde, a encher e a despejar o balde. Nas cruzes uma dor danada, Rosalina encaminhando a

Slhi

água, chapinhando na água, e em volta tudo em silêncio, tudo indiferente.

Mas a Pala ia progredindo. Os seus milheirais, as suas belgas de batatas provocavam invejas. O sr. Vilhena maravilhado. Homem de iniciativa, moirejador como nunca vira, aquele Lourenço. Iria longe. E todos os anos lhe aumentava a renda.

Para lá do terreno arável havia um môrro. Virado a nascente, soalheiro, estava a pedir vinha. Lourenço atirou-se à emprêsa difícil. Levava os invernos ali, de ferro em punho. Luta de anos. O arroteamento ia caminhando a passo de lesma. Os conhecidos desaprovavam:

— Andas a trabalhar para os outros, Lourenço.

— Isso é o que vos parece.

— Verás. Qualquer dia dão-te um pontapé no cu e mandam-te com os cacarecos...

—... para onde?

— Para os caminhos que são públicos, para o inferno... Sabe-se lá!

Êle ria e porfiava no desígnio audaz cada

vez com mais gana. Quando as videiras chegaram até o alto do môrro, tôdas alinhadas e verdes, teve vontade de as beijar uma por uma, de chamar o mundo inteiro para ver a sua obra.

Pedro crescia forte e alegre. Um rapagão. E trabalhador. Aos quinze anos esvazeava os poços. Aos dezoito todo o serviço estava concentrado nas suas mãos. Lourenço não podia mesmo mais nada. Corcovara. Os cabelos brancos. E nas veias nem mais uma gôta do sangue quente da mocidade. A vida sem tréguas em que se empenhara esgotou-lhe as fôrças, deixou-o como uma máquina de caldeiras apagadas. Rosalina igual a êle. Mais gasta ainda, se possível. Sombras do que haviam sido, reviam-se agora no filho. Êle saberia continuar a sua obra. Os milheirais da Pala seriam sempre os melhores. A vinha, o batatal despertariam as mesmas cobiças. E tudo muito bem cuidado, muito limpo, sem uma grama, uma erva daninha.

De-repente aquela infelicidade...

Slhi

...Pedro levantara-se ao cantar do galo. Um pedaço de muro, ao pé da Comenda, tinha ruído. Êle e dois pedreiros andavam a erguê-lo. Num plano inferior ao do carreiro, do lado da fazenda, a parede era muito mais alta. Usavam por isso, dessa banda, uma escada. Nessa manhã Pedro subira até o último degrau. Rematavam o muro. E o desastre deu-se num abrir e fechar de olhos: um desiquilíbrio na escada, os dedos de Pedro agarrando-se num movimento instintivo à pedra, e depois a queda brutal do homem e do pedregulho, um grito...

Chegou a casa numa padiola. Todo ensangüentado, sem sentidos. Parecia morto. Os pais como doidos. Juntou-se gente. Pedro foi para o hospital. Deitaram-lhe o braço fora. A cara tôda retalhada. Quando o viu assim desformado, Rosalina só soube dizer:

— Deus, que mau que tu és. Que mau!

E as lágrimas correram-lhe abundantes e silenciosas.

Slhj

*

* *

Agora o velho estava ali, a arder em febre, pensando na sua vida, nas suas amarguras. A Pala afundava-se. Num ano a produção descera a menos de metade. A erva alastrava por todo o campo. Derretera as suas energias naquela batalha de anos — e tudo se perdia. Pedro seria o seu continuador. O destino não quis. Só lhe restava morrer. Morrer de-pressa, emquanto da sua obra restasse alguma coisa em pé.

De fora vinha um rescaldo de fornalha. Virou-se na enxêrga. As palhas estalaram. Rosalina tardava. Que desejaria o dr. Alípio? A sêde, cada vez mais entranhada, arrastou-lhe o pensamento para os frutos que secavam sob os seus olhos, à míngua de água. Noutros tempos, a essas horas, êle andaria, lá em baixo, a baldear os poços. Agora vivia a ver os caules torcerem-se, ressequidos. A sua impotência trouxe-lhe, como sempre, ganas de chorar. De chorar tanto, tanto, que as

lágrimas, formando levada, fôssem dessedentar o agro, de ponta a ponta.

Era essa impotência da velhice, o desespêro de não poder acudir à sua terra rachinada pelo calor, que lhe atava a língua. Os seus frutos a morrerem à sêde e êle com os nervos gastos, os músculos derrancados. Que havia êle de dizer? Só se fôsse lastimar-se, pôr-se para ali como menino a ver correr o chôro. Cerrou as pálpebras. Para o soito, docemente, pombas arrulhavam.

A mulher entrou e êle deixou-se ficar de pálpebras fechadas, como se dormisse.

— Lourenço...

A voz embrulhada em soluços, voz de aflição, fêz-lhe abrir os olhos. Olhou. O pranto descia pelas faces angustiadas da companheira.

— Lourenço, que estamos desgraçados!

Êle permaneceu ainda no seu mutismo.

— Estamos desgraçados! — voltou a pobre.

Deu um passo:

— O dr. Alípio despediu-nos...

A notícia brutal deixou-o estarrecido.

Slhj

— Ouviste? O doutor pôs-nos fora.

Êle levou as mãos à cabeça, quis dizer alguma coisa. Mas da garganta só lhe saíu um gorgolejar confuso de sons, um estertor, um soluço.

Agora caída aos pés da cama, Rosalina ia contando aos tropeções a sua conversa com o «senhor». Queria as suas propriedades bem tratadas, a produzirem o máximo. Ora êles estavam velhos, Pedro era como se não existisse. E a Pala requeria pulsos rijos, muito trabalho. Tivessem, pois, paciência, mas tinham que dar o lugar a outros. As palavras caíam-lhe da bôca e enchiam o quarto da sua agonia, escorriam-lhe dos lábios e dir-se-ia que ficavam pelo chão a estorcer-se com dores, a gritar, a chorar.

Lourenço, porém, não a ouvia. Num minuto, num segundo, voltou a reviver a vida dos dois enterrada ali, pelas terras da Pala, no espaço longo de cinqüenta anos de escravidão. Reviveu os anos de escravidão e um sentimento de revolta agitou-lhe o corpo doente, como se fôsse expirar. Logo, doido de tô-

Slhi

das as raivas, sentou-se na enxêrga miserável e berrou, berrou, sem ao certo saber o que dizia. Não dava um passo dali para fora. Não dava. Só esganando-o, arrastando-o pelos cabelos. A Pala pertencia-lhes. Pertencia-lhes cem, mil vezes. O que pagara em rendas ia muito além do seu valor. Mas que não fôsse. Fôra êle, êle só e a mulher, que fizera da terra sem préstimo aquela terra boa que se desentranhava em frutos. Com o suor que vertera nela encheria um pôço. Madrugada a luzir lá em cima, no alto do monte, e êles já na faina. Todo o mundo a chamá-lo tolo, a reprovar o zêlo desmarcado. O senhor Vilhena primeiro, após a sua morte o filho, o dr. Alípio, limitando-se a receber as medidas do fôro, a tirar proveitos. E queriam agora escorraçá-lo como a um cão. Não ia. O dr. Alípio ali não mandava nada. O seu suor pagara tudo, comprara tudo: a vinha, os pés de milho, a terra. Quantas manhãs perdera o dr. Alípio a cavar, a melhorar o agro? Quantos dias levara debaixo de sol, debaixo de chuva, a abrir regos, a erguer paredes, a enterrar estrumes, a regar?

Slhi

Os campos eram de quem os cultivava. Por que é que a Pala havia de ser pertença do dr. Alípio se êle ali nunca mexera uma palha, nunca semeara um grão? Só se andara a estudar para roubar os pobres, para desgraçar os pobres. Mas os livros ensinariam a roubar?

Julgando que o pobre tinha ensandecido a mulher correu para êle:

— Lourenço, então...

— Sim, os livros ensinam a roubar?

— Vá, não fales tanto, que te cansas.

Que lhe importava? Havia de dizer tudo o que pensava. Tudo. Os ricos não lhe metiam mêdo. Que viessem todos. Uma caterva de ladrões, os ricos. Bem comidos, bem dormidos, dinheiro no bôlso e a roubarem os desherdados. Mas com êle enganavam-se.

— Enganam-se, ouves? E o dr. Alípio que se acautele. Desgraçou-nos a filha e agora quere atirar-nos para os caminhos. Não arredamos pé. Já sabes. A Laurinda fugiu. Mas nós ficamos. Isto é muito nosso. Ganhamo-lo com os nossos braços, as nossas vidas. Que

Slhi

nós estamos mesmo à beira da cova. Não é verdade?

Ela pôs-se outra vez a chorar.

— Não chores. Quem manda aqui somos nós. Nós dois e o Pedro. O Pedro anda triste. Coitado! pouca sorte a dele.

A sua revolta ia-se escoando. Que poderia fazer contra o dr. Alípio? A lei era a favor dele. Se não quisessem saír a bem saïriam a mal. Viria a guarda de espingardas ao ombro. E teriam de ir. Deixou-se caír para trás. Uma angústia horrível apertava-lhe o coração.

— E dizem que Deus existe...

Rosalina pôs as mãos:

— Lourenço...

Êle pareceu não a ouvir:

— No fim de contas nada há a fazer. O doutor é rico e a justiça está sempre ao lado de quem tem dinheiro.

— Deixa — disse ela —. Iremos os três de porta em porta. Nós velhos de mal nos podermos arrastar, o Pedro aleijado. Terão pena, não morreremos à fome.

Slhi

Correu um silêncio entre ambos. No soito, docemente, pombos arrulhavam. Como se falasse só para si, Lourenço soltou:

— Mundo muito mal feito. Uns com tudo, outros sem nada. Homens trabalhando para outros homens, como servos. Será sempre assim?

*

* *

Partiram uma manhã, os três lado a lado. Silenciosos. O sol a regar os campos, aves voando no céu azul. Onde dormiriam, que comeriam? A Pala ia ficando para trás. Ali trabalharam, ali sofreram, ali amaram. Agora iam implorar esmola de aldeia em aldeia. No inverno, no verão, todos os dias, até o fim, até à morte.

A Pala ia ficando para trás. Lourenço voltou-se de alma a estalar. E outra vez a pregunta lhe subiu aos lábios: — Será sempre assim?

Slhi

POBRES DE PEDIR

Slhi

Os dois velhos iam um ao lado do outro. Anoitecia. Chovia. Uma chuva mansa, implacável, de fim de mundo. Os agros desertos. Lá em baixo, a meio do vale, o rio a gemer uma toada triste de enfêrmo.

Os dois velhos iam ao lado um do outro. Tinham levado o dia de porta em porta a rezar padre-nossos, a implorar «uma esmolinha pelas almas de quem lá têm». Agora caminhavam para casa, mesmo no extremo da freguesia. Há anos que trilhavam aqueles caminhos sempre juntos, que arrastavam aquela vida sempre igual. Na corda de povos, até à serra, conheciam-nos. Os *compadres*. Chamavam-lhes os *compadres*. Em verdade não o eram. Haviam-se conhecido por acaso, numa tarde de sol mordente. Nesse dia o Rodinhas erguera-se ao cantar do galo. Sábado, dia de

Slhi

esmolas na vila. A vila ficava longe. Uma légua comprida e a estrada a subir, a subir, nem que fôsse para as nuvens. Ergueu-se cedo. A luz esgrilhava a nascente, ainda pálida, ainda indecisa. Sacola ao ombro abalou. As pernas tremiam-lhe.

Passara uma noite dos demónios. Dores nos ossos, dores na cabeça, uma agonia indeterminada. O sono arisco. Lá por fora, nos campos borrifados de luar, a cantoria dos ralos incomodava-o, não lhe fazia esquecer a sua solidão, a sua existência de pária. Noite alta cerrou as pálpebras. Mas logo um pesadelo o fizera sentar nas palhas do catre de coração aos pulos e braços estendidos, como se alguém o quisesse matar. Não conseguiu mais pregar ôlho. Também não queria. Tinha mêdo que aquele sonho mau voltasse a rastejar não sabia donde, o filasse pela garganta, deixando-o como passarinho a que se torce o pescoço. No peito a mesma opressão, pelo corpo as mesmas guinadas. Esteve assim, duramente acordado, até o luzir da alva. A sua vontade era continuar estendido na enxêrga

Slhi

pela manhã adiante. Com a luz a encher céu e terra não teria receio de que o sono viesse. E o seu corpo doente bem que necessitava a imobilidade da cama, o descanso saboroso das mantas. Ouviria as mulheres baterem a roupa no açude, os carros de bois que deixam pelo ar um chiadoiro arrastado de cantar de igreja, o rapazio nos seus jogos barulhentos. Êle repousando naquela segurança de gente próxima, de gente acordada. E uma paz, uma doçura a entrar-lhe no sangue, a afugentar-lhe os seus sofrimentos de velho achacoso. Se o estômago lhe ladrasse manducaria uma côdea. Mas aí, precisamente, lembrou-se que portas adentro não havia com que matar a fome a um pintassilgo. Na véspera não ceara. Precisava pôr-se a pé, ir fazer pela vida. Os poucos tostões que alguns senhores da comarca repartiam pelos pedintes nos fins de semana, representavam na sua balança um pêso enorme. Perdê-los era uma calamidade. Precisava de ir. Fêz-se forte. Preguiça, preguiça é que êle tinha.

Atravessou o povo sem topar ninguém.

Slhi

Ainda tudo no morno. Bem bom. Chegaria à vila antes dos outros mendigos. E os que iam na frente sempre lucravam. Por volta das dez estava arrumado. Mercaria então meio quilo de boroa na venda do Chiquinho. No retôrno daria uma saltada à Granja. A Zefa do caiador era hábito mimoseá-lo com uma tigela de caldo. Um caldo com òlhas de azeite nadando ao de cima da água, bom de se ficar a lamber os beiços. A pensar nisto foi trepando a rampa. As Alminhas já lhe ficavam para trás. De-repente, na Curva Grande, uma dor danada começou a morder-lhe lá por dentro. Estacou a tomar ar. Os joelhos dobravam-se-lhe. Senhora da Aflição, que era aquilo?! A cabeça andava-lhe à roda. E sem poder dar um passo. Deixou-se caír à beira da estrada. O sol ia rompendo. Descansaria um bocado. Só o tempo de aquela dor desaparecer. Depois seguiria mais ligeiro. Os senhores da vila gostavam de gozar as manhãs no quente dos lençóis. Chegaria a horas de receber os seus vinténs. Mas quando quis meter-se de novo a caminho não pôde. Os pés pregavam-se-lhe ao solo. Enco-

Slhi

mendou-se aos santos da igreja matriz. Êles, por certo, não desejavam a sua desgraça. Esperou o milagre. Nos campos já se viam homens na labuta amarga. As suas esmolas. Iria perder as suas esmolas? Um suor frio banhava-lhe as frontes. Não se mantinha em pé. Vertigens, um zumbidouro doido nos ouvidos. E se fôsse para ali morrer, como um cão abandonado? Voltou a encadear as suas rezas. No seio um negrume, uma angústia a adensar-se. Os olhos húmidos. Porque o não atendia Deus? As dores cada vez mais fortes. Pôs-se a gemer.

Uma mulher que nessa altura por ali passava preguntou-lhe que tinha.

— Sinto-me mal, ai!... Creio que vou esticar a bota.

Ela disse-lhe duas palavras de confôrto; e despedindo, aconselhou ainda:

— Socorra-se da Virgem, santinho.

O sol já alto. Àquela hora andariam os outros pobres a repetir em cada porta da vila as suas orações, a deixar pelos patins as suas lamúrias. As velhas levariam meninas magras

Slhi

e rotas a seu lado; os velhos, cajados a que amparavam os corpos que os muitos anos haviam tornado pesados e lentos. E êle ali, deitado sôbre a terra dura, sem se poder mexer. Os outros na romagem do peditório, levando o que era para si.

O sol quási a pino dava-lhe de chapa no rosto. Mãos no chão, joelhos no chão, rastejou por sôbre os sargaços para a sombra dum castanheiro. Caíu em modôrra. Já não tinha a certeza de sofrer. As ideias embrulhavam-se-lhe, via tudo como que através duma névoa. Saíra da choupana... Para que saíra êle da choupana?... Ah!, sim, êle... êle, o Rodinhas do Prado... Falava alto. Um homem que descia a ladeira a cavalo, ouvindo-o, estacou a bêsta:

— Ao meio-dia e já com uma camoeca dêsse calibre?! Tolo é quem vos dá alguma coisa.

Êle não atentou naquela voz, continuou com a sua conversa. Depois, afundou-se num silêncio pesado. As pessoas que passavam olhavam o corpo do velho coberto de trapos, o alforje sob a cabeça a servir de travesseiro.

Slhj

Olhavam e seguiam, pensando no que bulia com elas. O sol a descer, a correr para o poente. Sôbre os campos a caloraça das duas horas a baixar. E os gemidos do Rodinhas outra vez a tombarem dos seus lábios brancos, a escorrerem da sua bôca triste, como água choradeira duma bica. Se ao menos pudesse arrastar-se até casa... À custa de mil esforços ergueu-se. Mas à beira da estrada teve de se sentar.

Uma voz, de súbito, fê-lo estremecer:

— Olá, irmão!

Voz pachorrenta, um pouco rouca.

— Olá! — respondeu.

Ficou-se a olhar o intruso. Um pobre como êle. Na mão um cajado igual ao seu, ao ombro a mesma sacola. Pés nus, enormes. Pés dos que nunca conheceram sapatos; pele tostada das soalheiras; olhos fundos, costas em arco.

— Então que se faz por aqui?

— Eu... Olhe, eu chamo-me Rodinhas e...

— Pois eu cá dou pelo chamadoiro de Real. Parece troça, o nome. Não sei quem se lembrou de me pôr tal graça. Que se nique.

Slhi

Êste ou outro tinha de ser um. Ora pois o irmão é Rodinhas. Muito folgo...

O outro continuou a analisá-lo. Trazia um boné de militar já no fio. A pala de verniz preto, no entanto, ainda reluzia. A véstia perdera a côr e os remendos sobrepunham-se. Nas calças, numa das pernas, rasgão enorme subia-lhe do tornozelo ao começo da coxa. Nessa extensão a carne ficava àmostra.

— Muito folgo, repetiu.

Pousou o saco no pó do macadame:

— Parece estar cansado. Andou muito, naturalmente?

Rodinhas contou-lhe o caso. Estava ali desde pela manhã. Uma tontura na cabeça, as pernas prêsas. E umas pontadas que ninguém supunha.

— Fraqueza, irmão Rodinhas. Fraqueza.

Houve um pausa.

— Mastigou alguma coisa?

Ante a resposta negativa sorriu:

— É o que eu dizia.

Abriu o bornal e deu-lhe um naco de pão centeeiro. Êle comeu vorazmente, sem o fitar.

Slhj

A noite ia tombando. Um ventinho a beijar as fôlhas. Real falou. Era de longe? Tinha família?

— Eu sou do sul. Vim por aí arriba, sem destino. Há três anos que não poiso os pés no meu concelho. As saüdades também são poucas. Não tenho ninguém. E para um pobre tôdas as terras são estranhas. Não lhe parece, irmão?

Aquela loqüacidade desnorteava Rodinhas. Atirava-lhe uma pregunta e não lhe dava tempo de responder, de pensar. Mas gostava de o ouvir. Nunca vira nenhuma pessoa mostrar tanta simpatia por si. As crianças riam-se da sua corcova, a gente crescida passava por êle sem o olhar, os próprios pedintes o troçavam. E aquele homem de fala pachorrenta e modos bons dera-lhe do seu pão, chamara-lhe irmão, contara-lhe coisas da sua vida. Porque não eram os homens todos assim?

Já com estrêlas puseram-se a descer a encosta. Rodinhas encostado a Real. Real narrando mais passos do seu calvário. Nascera para lá de Leiria. O pai um bêbedo, a mãi tu-

berculosa. Uma irmã entrevada. Êle rapando para os quatro. Depois a mãi morreu. O pai, numa desordem na taverna, despachou um tio para a outra vida. Vinte e oito anos de degrêdo. Nunca mais soubera dele. Ficou a trabalhar para a irmã. Gostava dela do fundo. Chamava-se Filomena e era muito branca. Tinha mêdo de tudo. Dos ratos, das trovoadas... De noite êle levantava-se e ia ajeitar-lhe a roupa. Aos domingos levava-a nos braços para a porta da rua ver dançar as outras raparigas no terreiro. Uma ocasião dessas viu-lhe os olhos cheios de lágrimas. Aquilo doeu-lhe como se lhe dessem uma facada. Um dia, ao voltar do trabalho, topou-a nas últimas. Pôs-se a chorar como um perdido. Ela deitou-lhe os braços ao pescoço e morrera assim, abraçada a êle. Perdeu o gôsto a tudo. A sua doentinha estava debaixo da terra. Para quem havia de ganhar dinheiro? Nunca pôde ir ao cemitério. E também nunca mais acreditara em Deus. Correram depois muitos anos. Êle era trabalhador braçal. Quando começou a envelhecer os antigos patrões não o quise-

Slhi

ram mais. Deitou-se a pedir. E por aí andava, no fadário triste.

Rodinhas ouvia. A sua história era quási a mesma. Menos no que dizia respeito a família. A mãi findara no hospital, o pai não o conhecera. A mãi nunca fôra casada.

Nessa noite Real e o companheiro cobriram-se com a mesma manta. Ao outro dia, na hora das despedidas, Rodinhas falou dêste modo:

— Sr. Real...

O outro atalhou-o:

— Irmão, corte o senhor.

— Como queira...

— Diga amigo, camarada, qualquer coisa. Menos senhor.

— Pois, irmão Real, vossemecê não tem ninguém que o chame. Estas terras por aqui não são melhores nem piores que as mais. Porque não fica? A casa chega para ambos. Era uma antiga fábrica de serração. Os donos foram-se abaixo. Venderam a maquinaria. De pé só ficou esta casinhota de madeira. Abandonada apossei-me dela. Não pago renda. É fraca, mas como é está às suas ordens.

Slhi

Êle pensou um instante:

— Homem, está a tentar-me...

— Fique, terei muito gôsto.

E ficou. E nunca mais se haviam separado.

*

* *

Naquela tarde os dois iam encharcados. O dia fôra mau. As mesmas respostas em quási tôdas as portas: «Vão com Deus»; «Nossa Senhora os favoreça»; «Tenham paciência, hoje não pode ser». Êles partiam debaixo da chuva, calados, resignados, como duas sombras. Diante da igreja Rodinhas tirou o chapéu. Real encolheu os ombros. Depois deu-lhe um ataque de tosse e ficou de costas para o templo, de mãos no seio, por muito tempo, a arquejar.

Real andava doente. Doente do peito. Passava noites em claro a tossir, a escarrar, todo enrodilhado na manta. Faltava-lhe o ar. Às vezes vomitava sangue. Rodinhas dizia-lhe palavras de consôlo. O vento gania nos

campos. Há muito que não arriscavam um passo para além da freguesia. O enfêrmo cansava de-pressa.

— Vai tu — dizia ao companheiro —. A gente dêstes sítios anda farta de nós. Se nos dão alguma coisa resmungam, se nos não dão nada resmungam. P'rá serra talvez te recebam melhor. Eu cá me hei-de arranjar.

Rodinhas não voltava resposta. Por nada do mundo abandonaria o seu amigo. Queria-lhe de-veras. Aqueles dez anos de camaradagem sem uma disputa, um desacôrdo, ganharam-lhe a alma.

Com o inverno, a humidade dos nevoeiros, as bátegas de água apanhadas nas romarias dos peditórios, a enfermidade de Real ganhava terreno. O calor da cama provocava-lhe crises angustiosas. Tossia horas seguidas. E êsses sons roucos que os seus pulmões a desfazerem-se golfavam enchiam a choupana de alguma coisa de aflitivo, que deixava Rodinhas de espírito amarfanhado. Nesses momentos lembrava-se do médico. Se tivessem dinheiro para ir ao médico... Certa ocasião falou nisso

Slhi

ao companheiro. Êle ouviu em silêncio, indiferente. O outro teimou.

— Para quê? Não teríamos com que mercar os remédios. E que tivéssemos não valia nada. A minha mãi andou a tratar-se. E a deitar sempre sangue pela bôca fora. Arrastou-se assim anos. Eu desde o tempo da tropa que fiquei como ela. A minha Filomena acabou também disto. Mal de família, mal sem cura.

Falava agora muito na irmã. A sua doentinha, a sua Filomena. Que linda, que boa. Só tinha mesmo de defeito aquelas pernas sem vida. Mas a pele tão branca. E os olhos... Ah, havia de lhe ver os olhos! Gostava muito de histórias de fadas. Êle costumava dar dois tostões à «tia» Angélica para lhas ir contar. Morrera num lago de sangue. Nunca vira tanto sangue.

Naquela tarde os dois caminhavam sob a chuva mansa. Real cada vez pior. Entraram em casa, escurecia. Rodinhas acendeu o lume. Puseram-se ambos à bôca da fogueira. As roupas fumegavam a secar-lhes nos corpos. No borralho meteram umas batatas. A ceia

Slhi

deles. Real não quis comer. A sua tosse não o deixava. Começou a tremer. Um tremor de frio que lhe fazia bater os dentes. O amigo levou-o para as palhas. Ao outro dia não se ergueu. Rodinhas saíu só. Na aldeia houve admirações:

— O teu compadre, ó coiso? Mataste-o? Vendeste-o?

— Rodinhas, o Real fugiu?

— Sem o camarada pareces um viúvo. Que é dele, compadre?

Êle sorria contrafeito e contava a doença do amigo. Se lhe dessem um naquinho de unto para lhe fazer um caldo...

— Unto?! Quem o tivesse, meu velho!

Chegou ao casebre de mãos a abanar. A testa de Real escaldava.

— Irmão, irmão, sentes-te muito mal?

O outro cerrou os olhos. E num fio de voz:

— Parece que tenho uma brasa dentro do peito. E um frio nas costas... Um frio...

A sua respiração difícil silvava.

— Sabes?, bati a trinta portas e em tôdas pedi um naquinho de unto p'ra te arranjar um

caldo. Ninguém me atendeu. Coração mau o desta gente.

Real encarou-o:

— É por todos os lados a mesma. Os desgraçados da nossa laia valem menos que...

Uma golfada de sangue cortou-lhe a frase. Suavemente, tristemente, Rodinhas limpou-lhe os lábios a um trapo:

— O que te fazia bem era uma àguinha de frango.

— Sim, talvez.

— Não é verdade?

Uma ideia assaltou-o. A capoeira do senhor Aurélio estava sempre cheia. O galinheiro desviado da casa, para os fundos do quintal. Era só saltar o muro. Se êle se atrevesse... Aquele pensamento audacioso deixou-lhe os nervos em tensão. Por noite daquelas ninguém veria. Mas a certeza da impunidade não o serenou. Jàmais deitara mão ao dos outros. Guardavam as vinhas de espingarda ao ombro, os batatais. Menos por êle. Rapara muita fome, fome de dias. Nunca,

Slhi

porém, que uma má lembrança o viesse tentar. E agora...

O amigo voltou:

— Sim, uma àguínha de frango havia de me fazer bem.

Ante a esperança do companheiro não hesitou mais. Se dessem conta estava dado. E se o prendessem... Afinal talvez até a prisão fôsse preferível à sua vida livre.

Quando a noite desceu de todo empurrou a porta. Real parecia dormir. A chuva continuava a tombar. Descalço na lama, o bordão à frente a apalpar o caminho, foi andando. O povo numa mudez de cemitério.

Saltou a parede com mil cuidados. O coração aos pulos. Na casa nem uma luz. O tempo que demorou a ir à capoeira pareceu-lhe um ano. De-novo fora do quintal respirou aliviado. Uma alegria imensa atulhava-lhe o peito. O seu irmão comeria um caldo bom. O rio gemia nas trevas.

Entrou no casebre pé ante pé.

Real quieto, de olhos fechados. As brasas brilhando fracamente na pedra da co-

Slhi

zinha. Da cozinha e do quarto. A casinhota só tinha aquela divisão. Sempre em pés de lã, Rodinhas avivou o fogo, encheu a panela de água, pôs o frango a cozer. Que cara ia fazer o Real! E no fim, ainda espantado:

— Ora esta, irmão Rodinhas! Não esperava. Lá isso, diga-se...

Uma hora, duas horas, levou nisto. Real sem se mexer. A sopa pronta. Já pelo ar andava o seu cheiro apetitoso. Vasou o caldo na tigela. Depois ajoelhou-se ao pé da enxêrga, chamou baixinho:

— Irmão Real, acorda.

Uma felicidade como nunca sentira inundava-lhe a alma.

— Irmão Real...

Pegou-lhe na mão para o sacudir. E recuou. A mão estava gelada.

— Irmão Real, irmão Real...

...E de joelhos, o caldo já frio na tigela, esquecido de si e do mundo, ficou assim, pela noite dentro.

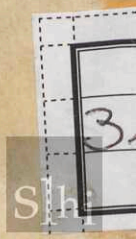
Slhi

ÍNDICE

	Pág.
ILUSÃO NA MORTE.	7
ANGÚSTIA.	57
NOITE DE REGABOFE	101
AS DUAS TELAS.	135
MISERÁVEL TRAGÉDIA	171
SERÁ SEMPRE ASSIM?	137
POBRES DE PEDIR.	235

ERRATAS

Página	*Linha*	*Onde se lê*	*Deve ler-se*
29	8	D. Berta	D. Rute
39	17	Velasquez Goya	Velasquez, Goya
41	5 e 6	Queria-lhe parecer, no entanto que a pobre acácia do quintal,....	Queria-lhe parecer, no entanto, que a pobre acácia do quintal,....
42	12	arados	aradas
47	14	se olhava	se alheava
152	6	sua	suã
218	12	grandecíssima	grandessíssima
218	22	se tomava	se tornava
221	21	desflorora	desflorara

Slhj

Ler
SOL NASCENTE
é pugnar
pela difusão
da cultura.